

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA

Reabilitação Do Antigo Hospital Militar De Belém Para Espaço Educativo
Intergeracional

Débora Miriam Acates Martins

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, com
especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientação Científica:

Professor Doutor João Pernão

Membros de Júri:

Presidente: Professora Doutora Maria Dulce Loução

Vogal: Professor Doutor José Cabido

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Dezembro 2019

RESUMO

O presente Projeto Final de Mestrado é uma reflexão sobre o modo como a arquitetura pode ter um forte impacto social ao criar espaços que sejam compreendidos por todo o tipo de pessoas, independentemente da sua condição física, social e económica, ou seja, um espaço onde todos aprendem e onde todos ensinam sem exceção. Visa aproximar gerações, os mais velhos e os mais jovens permitindo através da partilha de conhecimentos dinamizar a sua participação na sociedade.

Acreditando que a arquitetura deve adaptar-se ao Homem, esta deve acompanhar as suas necessidades e pugnar pela inclusão de todos para que a intimidade aconteça.

Pretende-se dar soluções a alguns dos problemas sentidos na Freguesia da Ajuda, em Lisboa, através da reabilitação do Antigo Hospital Militar de Belém, localizado no Largo da Boa-Hora à Ajuda. Para esse efeito, propõe-se um programa de Espaço Educativo Intergeracional e habitação temporária assumidos como adequados ao futuro deste edifício e, fundamental para a revitalização das áreas circundantes.

Tratando-se de um projeto de reabilitação deverá existir uma teoria de valor, onde se apresenta uma lógica que guia todo o projeto e que estará interligada com as relações locais, culturais, afetivas e emocionais que o objeto de estudo representa na sociedade.

Ao recorrer aos conceitos de luz, cor e matéria como elementos qualificadores do espaço arquitetónico, pretende-se compreender o que são estes conceitos desde o seu cariz teórico até à sua utilização prática em projeto, e posteriormente, compreender de que forma influenciam e estimulam o utilizador na sua orientação espacial e na sensação de bem-estar.

PALAVRAS-CHAVE

Construir no construído, Conservação, Restauro e Reabilitação, Luz, Cor e Matéria, Espaços Educativos Intergeracionais

ABSTRACT

This final project of the master's degree is a reflection on how architecture can have a strong social impact on creating spaces that are understood by all kinds of people, regardless of their age, physical or health condition, social and economic situation, a common place to exchange knowledge where everyone without exception, learns and teaches their own expertise. It aims to bring together generations, the oldest and the youngest, by enabling them to actively participate in the society.

Deeply believing that architecture must adapt to Man, it must take of his needs and strive for the inclusion of all, in order to make the intimacy really happens.

It aims to provide solutions to some problems experienced in the "Ajuda" Parish, through the rehabilitation of the old "Hospital Militar de Belém", located in "Largo da Boa-Hora/Ajuda"

With this goal in mind, it is proposed a program of Intergenerational Education space and also temporary housing assumed to be suitable for the future of this building and fundamental for the revitalization of the surrounding areas.

In the case of a rehabilitation project, there should be a value theory, which presents a logic that guides the whole project and that should be interconnected with the local, cultural, affective and emotional relationships that object of this study represents in society.

By using the concepts of light, color and matter as qualifying elements of architectural space, it is intended to understand what these concepts are, from the theoretical nature to the practical use in the project and thereafter, to understand how they influence and stimulate the user in his spatial orientation and sense of well-being.

KEYWORDS

Building on the built, conservation, Restoration and Rehabilitation, color, light, matter, Intergenerational Education space.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo o apoio que me dão e por me ensinarem que tudo se consegue com esforço e dedicação. Em especial à minha mãe por estar sempre presente.

Aos meus irmãos pela energia que transmitem.

Às minhas colegas com quem passei uma grande parte do meu percurso académico, Vera Rodrigues, Joana Eduardo, Joana Algarvio, Catarina Marques, Cláudia Moleta por fazerem parte da minha vida nestes últimos 5 anos. Em especial à minha amiga Vera Rodrigues por ser o meu maior apoio desde o início.

Ao Adriano Rodrigues, por estar sempre ao meu lado.

A todos docentes que marcaram o meu percurso académico, em especial ao meu orientador Professor Doutor João Nuno Pernão, por toda a atenção e paciência ao longo deste percurso.

ÍNDICE

RESUMO.....	I
PALAVRAS-CHAVE	I
ABSTRACT	III
KEYWORDS	III
AGRADECIMENTOS.....	V
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Enquadramento.....	1
1.2 Objetivos.....	3
1.3 Questões de Trabalho	4
1.5 Estrutura.....	7
1.6 Metodologia	8
2. ESTADO DO CONHECIMENTO	9
2.1 Construir no construído.....	9
2.2 Reabilitação, Conservação e Restauro.....	12
2.3 Projetar com luz, cor e matéria.....	19
2.3.1 Enquadramento	19
2.3.2 Luz.....	20
2.3.3 Cor	23
2.3.4 Matéria	25
2.4 Espaços Educativos Intergeracionais	27
2.4.1 Contexto	27
2.4.2 A intergeracionalidade	29
2.4.3 A educação Intergeracional	30
3. REFERÊNCIAS	33
3.1 Referência ao tipo de programa	33
3.1.1 UNICA – Universidade Intergeracional do Concelho de Almada	33

3.1.2 Projeto Tio – Terceira Idade Online	33
3.1.3 Net@vô	34
3.1.4 Centro Intergeracional do Areeiro	34
3.1.5 Centro Multigeracional da Skyview	36
3.2 Referências ao tema	37
3.2.1 Escola Braamcamp Freire – CVDB	37
3.2.2 Daylight House - Takeshi Hosaka	38
4. ANÁLISE DO LOCAL DE INTERVENÇÃO	41
4.1 Caracterização social	41
4.2 Enquadramento Histórico	43
4.3 Evolução urbana	44
4.4 Cronologia	45
5. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	49
5.1 Proposta Urbana	49
5.2. Proposta Arquitetónica	52
5.2.1. Espaço Educativo Intergeracional	55
5.2.2. Habitação	62
5.2.3. Zona de estudo/trabalho	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
BIBLIOGRAFIA	73
ANEXOS	79

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa com indicação de área de intervenção através de mancha	2
Figura 2 - Tabela referente ao índice de envelhecimento entre os anos 1960 e 2017	27
Figura 3 - Exterior do Centro Intergeracional do Areeiro	34
Figura 4 - Espaço interior que funciona como espaço de permanência e espaço de circulação	36
Figura 5 - Exemplo da intervenção de luz na claraboia	37
Figura 6 - Edifício inserido na envolvente	38
Figura 7 - Iluminação natural e artificial no interior do edifício	39
Figura 8 - Planos de intervenção "Uma praça em cada bairro", Largo da Boa-Hora e Largo do Rio seco, respetivamente	49
Figura 9 - Proposta de alterações urbanas	50
Figura 10 - Representação esquemática das rampas propostas	51
Figura 11 - Esquema de funções gerais do edifício	52
Figura 12 - Plantas de alterações Piso 1 e Piso 2	53
Figura 13 - Entradas para o edifício	53
Figura 14 - Axonometria explodida do programa	54
Figura 15 - Planta de alterações do piso 0	55
Figura 16 – Revestimentos cerâmico para a parede e pavimento porcelânico, respetivamente	56
Figura 17 - Vista de uma das janelas da Ala Sul para o exterior (situação atual)	56
Figura 18 - Corredor da Ala Sul (Pré-existência)	57
Figura 19 - Entrada principal para o edifício (vista de dentro)	57
Figura 20 - Pavimento em pedra mármore em 2 tons, bege e preto e rodapé em pedra mármore preto	58
Figura 21 - Azulejos de cerâmica portuguesa localizados no eixo principal do edifício	58
Figura 22 - Árvore Araucária	59

Figura 23 - Lajetas de betão com 5 formatos que criam um padrão	59
Figura 24 - Azulejos pré-existentes.....	60
Figura 25 - Representação esquemática da área das oficinas.....	61
Figura 26 - Degrau de Gradil.....	61
Figura 27 - Módulo de cozinha dos apartamentos	63
Figura 28 - Antecâmara de acesso para a sala de estudo/trabalho (à esquerda)	64
Figura 29 - Espaço destinado à sala de estudo/trabalho (à direita)	64
Figura 30 - Relação entre a estrutura existente e os módulos de trabalho criados.....	65
Figura 31 – Perspetiva do espaço de estudo/trabalho e seus elementos.....	65
Figura 32 - Representação da estrutura da secretária, à esquerda; Representação da secretária de trabalho, à direita	66
Figura 33 - Representação da relação entre as caixas de madeira que direcionam a luz para o tampo da secretária.....	66

1. INTRODUÇÃO

1.1 Enquadramento

Nas grandes Cidades, como é o caso de Lisboa, o que nos chama mais a atenção costumam ser as presenças arquitetónicas, mas na verdade muitas vezes o que se observa é a desconexão entre as diferentes partes. Algumas evidenciam-se pela sua qualidade, outras pela sua imponência no que respeita à escala e volumetria, outras por não apresentarem qualquer tipo de ligação com a envolvente, parecendo uma adição sem consciência.

As malhas urbanas são muitas vezes evidenciadas pela presença volumétrica do edificado, mas acabam por se tornar muitas vezes incompreendidas, porque parecem não estar feitas a pensar no bem-estar das pessoas, mas simplesmente a responder a uma necessidade intrínseca ao Ser Humano, o habitar.

A arquitetura torna-se comumente um ato inconsciente quando responde à necessidade básica de viver sem ter em conta fatores como, a essência do espaço, a qualidade do espaço, bem como o seu valor histórico, social e ou cultural.

O que se pretende ao intervir é que o objeto de estudo se torne num conjunto coerente, embora constituído por diferentes partes, que a sua leitura seja contínua e que contribua para a qualificação do espaço.

Na reabilitação, também se verifica esta problemática porque se está presente não só com uma envolvente construída, não construída ou parcialmente construída, mas sim com uma intervenção no construído. Durante este processo de reabilitação é importante que a intervenção não interfira com o existente e que permita harmonia entre estas diferentes realidades, porque caso contrário, estar-se-á a comprometer o valor do edificado.

Desta forma o que se propõe é a reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém (Fig.1), situado na Travessa da Boa-Hora em Lisboa, para espaços qualificados que respondam às necessidades da população e que impulsionem o crescimento social e económico desta área.

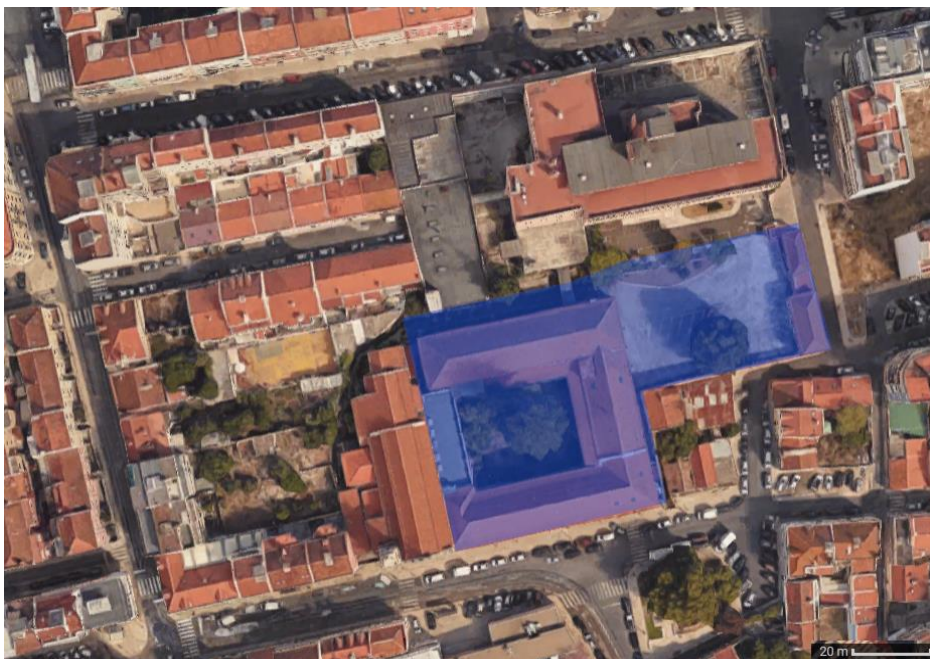


Figura 1 - Mapa com indicação de área de intervenção através de mancha

1.2 Objetivos

Ao nível do local de estudo (reabilitação):

- Compreender como intervir numa estrutura pré-existente de forma clara, sem descaracterizá-la;
- Definir os elementos da pré-existência a manter no processo de reabilitação, tendo em conta uma teoria de valores;
- Repensar o modo como o conjunto edificado em estudo se pode interligar com o tecido urbano envolvente para que se evidencie na dinâmica da cidade;
- Definir estratégias que tornem este local mais legível, através de acessos ao espaço correlacionando-o com o território adjacente.

Ao nível do programa:

- Reabilitar o edificado existente garantindo a preservação das suas qualidades e valores intrínsecos, aplicando a luz, a cor e a matéria para integrar o novo e o pré-existente;
- Projetar espaços de coabitação entre diversas gerações e culturas, tendo em conta os tipos de relações que se vão desenvolver;
- Estabelecer o tipo de relações e dinâmicas a aplicar tanto no espaço edificado como no espaço urbano e o modo como se podem vir a aplicar;
- Definir após a análise das principais necessidades da população existente e dos possíveis utilizadores do espaço quais as necessidades espaciais e programáticas que seja adaptável ao maior número de pessoas;

1.3 Questões de Trabalho

- ***Como intervir numa área caracterizada por população envelhecida?***

O que se pretende é revitalizar a área em estudo, integrar a população mais envelhecida tirando destas as suas qualidades e os seus saberes e transmitir esses conhecimentos-

O objetivo é que o local de intervenção se torne um espaço de conhecimento aprazível, e de interesse para todos. Essas medidas passam por tornar o espaço urbano mais convidativo, controlando o tráfego automóvel, e apostando nas qualidades espaciais do local.

- ***De que modo podem coabitar diferentes gerações no mesmo espaço (espaço edificado e espaço urbano)?***

Ao programar espaços coletivos onde se desenvolvem atividades de interesse para diferentes faixas etárias, não só se promove o conhecimento como também se estabelecem relações cívicas e sociais, como o respeito, o companheirismo e a solidariedade, valores cada vez menos presentes nas grandes cidades.

- ***Qual a estratégia a adotar para que o espaço edificado se torne mais evidente na cidade?***

A transformação de espaços edificados em programas que fomentem a partilha de conhecimentos e coabitação entre diversificadas culturas e gerações de forma a qualificar a área de intervenção para que acompanhe a evolução e as dinâmicas existentes nas grandes centralidades de Lisboa sem se perder os valores de património.

A reestruturação do espaço urbano que compreende e respeita o valor de uso intrínseco ao local, para que através de um novo desenho urbano se crie uma dinâmica de interesse para os visitantes. Algumas das medidas passam pela leitura do edificado existente, no sentido de perceber o que tem valor, de modo a tornar a área menos densa e com mais zonas verdes.

- ***Que tipo de programa se irá desenvolver nesta área?***

A área em estudo caracteriza-se por ter uma população envelhecida, e para promover o envelhecimento ativo propõe-se espaços educativos intergeracionais composto por áreas de produção, como oficinas de carpintaria, artes antigas como a cerâmica e a olaria e salas de cariz teórico-prático onde se transmitem conhecimentos a todos os interessados. Ao integrar serviços de apoio a estas atividades aumenta-se o interesse deste local. Também se irão desenvolver espaços de encontro e convívio com refeitório/bar e zona de lazer, de cariz comunitário, para que se fortaleçam as relações entre a população e se responda às necessidades.

Tratando-se da cidade de Lisboa, a procura de habitação é enorme e sendo este o uso que se considera como o “motor” da cidade parece imprescindível desenvolvê-lo. A habitação será de cariz temporário.

- ***Quais os cuidados a ter ao projetar espaços para diferentes faixas etárias?***

Os espaços destinados a diferentes faixas etárias devem ter em atenção o conforto, a ergonomia, a mobilidade e a orientação espacial, para que todos se sintam bem no espaço. A utilização dos conceitos da luz, da cor e da matéria durante o ato projetual serão capazes de dotar o espaço de qualidades espaciais que transmitiram o sentimento de bem-estar a todos os utilizadores.

- ***Poderá o conjunto edificado com vários usos e destinado para diversas gerações e culturas, contribuir para a revitalização da área urbana em estudo?***

Um conjunto edificado que responda a várias necessidades da população e que acompanhe as tendências migratórias existentes na cidade de Lisboa, não só permite uma revitalização económica como uma revitalização social, sem nunca se perder a identidade. Poderá atrair novos residentes e outros grupos sociais.

O programa educativo intergeracional funcionará como um motor de desenvolvimento, que não só transmite conhecimentos cada vez menos presentes na cidade como atenua o problema da solidão dos idosos desenvolvendo-lhes um papel ativo e integrado que possibilitará a atração de novos habitantes para esta zona.

1.5 Estrutura

O trabalho que aqui se desenvolve organizar-se-á em 6 capítulos:

No primeiro capítulo apresenta-se uma introdução sobre o que o trabalho final de mestrado pretende responder, explicando o contexto em que se insere, enumerando os objetivos quer a nível de reabilitação quer ao nível de programa, bem como, as questões de ponto de partida para o trabalho. Apresentar-se-á também a metodologia de trabalho adotada.

No segundo capítulo apresenta-se o estado do conhecimento onde se aprofundam os conceitos das palavra-chave.

No terceiro capítulo apresenta-se uma breve análise de referências sobre o tipo de programa e sobre o tema luz, cor e matéria.

No quarto capítulo apresenta-se a análise do local de intervenção, começando pela caracterização social, seguido do enquadramento histórico e da evolução urbana e, por último a cronologia. Neste capítulo o que se pretende é tomar conhecimento dos fatores a considerar aquando da elaboração do projeto.

No quinto capítulo apresenta-se a proposta de intervenção, começando pela proposta urbana e terminando na proposta arquitetónica. A proposta urbana pretende reestruturar a dinâmica da área de estudo, privilegiando a circulação dos peões ao tráfego automóvel. A proposta arquitetónica pretende reabilitar o edifício correspondente ao Antigo Hospital Militar de Belém, através de novos programas

Para finalizar, no sexto capítulo apresentar-se-ão as considerações finais, refletindo sobre os objetivos definidos no início do trabalho e avaliada de que forma foram conseguidos.

1.6 Metodologia

O presente trabalho define as diferentes fases de desenvolvimento da investigação:

1ª Fase: Retificação dos desenhos técnicos fornecidos para que estes se constituam como uma base fidedigna para o desenvolvimento do Projeto. Complementar-se-ão com levantamento fotográfico, cromático e de elementos físicos (materiais) para que se possam constituir como bases relevantes para a abordagem projectual.

2ª Fase: Pesquisa bibliográfica referente ao levantamento de informação sobre o local, nomeadamente, o seu contexto social, histórico e urbano.

3ª Fase: Pesquisa bibliográfica referente às palavras-chave e a sua respetiva análise. A pesquisa bibliográfica inclui elementos referentes ao contexto social, histórico e urbano do objeto de estudo seguido dos elementos relacionados com o estudo e explicitação das palavras-chave.

4ª Fase: Análise de algumas referências ilustrativas do tipo de programa que se quer desenvolver, bem como, referências relativas ao tema luz, cor e matéria na arquitetura.

5ª Fase: Elaboração de várias propostas de projeto, tentando conferir qualidades arquitetónicas ao objeto de estudo, ponderando sobre a solução mais adequada, que permita reabilitar o pré-existente sem destruir o seu valor cultural e social. Este estudo orientará o desenvolvimento do projeto.

6ª Fase: Elaboração dos elementos finais de apresentação do projeto: desenhos técnicos, maquetes à escala e modelos digitais 3D, que esclareçam o projeto.

7ª Fase: Avaliação do resultado, procedendo-se à reflexão sobre os objetivos definidos e de que forma foram conseguidos.

2. ESTADO DO CONHECIMENTO

2.1 Construir no construído

Entender a cidade como uma construção no tempo e no espaço remete-nos para a necessidade de observar as suas características físicas, morfológicas e topográficas, bem como as características sociais: o tipo de pessoas que usufruem do espaço, bem como, as atividades que se desenvolvem no local. Evidencia-se, porém, que a cidade está construída pela sobreposição de várias camadas, onde coabitam grandes quantidades de pessoas, todas elas diferentes e o que se pretende é que elas consigam usufruir do que a cidade lhes dá, sendo que esta necessita de transmitir uma imagem clara.

A evolução histórica das cidades revela-nos que construir num lugar já com determinada forma e aparência sempre foi comum.

“[...] la dinámica urbana no parece entender de cuestiones psicológicas y sentimentales: ejerce una tensión dialéctica frente a la necesidad individual y social de estabilidad formal. Sea o no conveniente el conflicto es inevitable. Por ello puede afirmarse que la ciudad permanece pero nunca se mantiene igual a sí misma”¹ (Gracia, 1992)

Considerando que o espaço público é um elemento impulsionador da requalificação urbana é necessário nele intervir para que se desenvolva uma dinâmica cujas vantagens se denotam tanto socialmente como economicamente.

A Cidade de Lisboa está muito definida pelas suas características urbanas, desde zonas cuja topografia é acentuada até zonas maioritariamente planas, onde a presença do Rio Tejo é notória. Torna-se num local não só marcado por edifícios industriais, especialmente na frente ribeirinha, mas também por zonas históricas como é o caso da Baixa Pombalina, que deixaram marcas no território sejam elas operativas ao nível do espaço e/ou ao nível da memória que perduram até aos dias de hoje.

“A paisagem urbana é, para além de outras coisas, algo para ser apreciado, lembrado

¹ Gracia, F. (1992) *CONSTRUIR EN LO CONSTRUIDO: La arquitectura como modificación*. Editorial NEREA. p.178

e contemplado."²(Lynch, 1960)

Com a cidade de Lisboa em constante modificação, também a frente ribeirinha passou por estes mesmos processos. Nos territórios da Ajuda e de Belém, a desconexão entre a cidade e o rio levaram à desvitalização e degradação, tanto do espaço edificado, como do espaço público/ urbano.

*"O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador – com grande adaptação e à luz dos seus objetivos próprios – seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê."*³ (Lynch, 1960)

No que diz respeito à área em estudo, considera-se que a degradação urbana se deve à quantidade de edifícios devolutos e vazios urbanos não qualificados, à falta de manutenção de edifícios, à fraca qualidade das vias, à ausência de espaços verdes e mobiliários urbanos.

Denote-se que neste local, a rua tem um papel imprescindível, para além de ser um meio de organização também é o local onde se estabelecem as relações de vizinhança, sociais e económicas. Por este motivo, é necessário que o desenho urbano seja capaz de emitir uma imagem que guie os observadores e que opere ao nível da memória por possuir uma identidade própria.

*"A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado. Nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos, à recordação de experiências passadas."*⁴(Lynch, 1960)

A consciencialização de que cada lugar é portador de determinadas características, fez com que existam preocupações ao nível da preservação do património, tornando-se assunto de interesse para as sociedades.

² Lynch, K. (1960) *A Imagem da Cidade*. Edições 70 P.9

³ Lynch, K. (1960) *A Imagem da Cidade*. Edições 70 p.16

⁴ Idem p.9

Os lugares remetem-nos para um determinado tempo, apelam à nossa memória e sentimentos, acabam por fazer parte da nossa identidade e esta deve ser respeitada e preservada, não quer isto dizer que os lugares se mantenham iguais, estáticos mas que se alterem sem perder as suas raízes, os seus valores. O valor histórico do local em estudo não deve ser esquecido, deve ser preservado, porém adaptado às necessidades atuais, tirando partido da sua localização para se integrar de forma harmoniosa no tecido urbano da Cidade.

*“Intervenir equivale a actuar conscientemente en el proceso dinámico de la ciudad; debiendo añadirse que, en todo caso habría de garantizarse la mínima estabilidad necesaria para que la forma urbana, en sus partes y en el todo, prolongue una identidad que ha sido conseguida lenta y trabajosamente.”*⁵(Gracia, 1992)

Considera-se que o fator tempo acarreta em si mudanças, constantes evoluções do Homem e para que o local se mantenha “vivo”, em certa medida teria de mudar com ele. O que se pretende não é mudar a essência do lugar, mas sim uma intervenção que conserve em si os valores identitários e culturais, mas que corresponda às novas necessidades.

*“Variam a luz, as formas naturais dos terrenos e a sua constituição, variam os climas, variam os conceitos de vida física e espiritual, variam as técnicas, variam os usos e costumes... varia, numa palavra, a circunstância de cada um desses mundos diferentes de formas que o homem criou.”*⁶(Távora, 2006)

⁵ Gracia, F. (1992) *CONSTRUIR EN LO CONSTRUIDO: La ec como modificación*. Editorial NEREA. p.179

⁶ Távora, F. (2006) *Da organização do Espaço*. FAUP.

2.2 Reabilitação, Conservação e Restauro

A necessidade de intervir nas Cidades contemporâneas fez com que os conceitos de conservação, restauro e reabilitação se tornem emergentes, contudo estes passaram por diversas abordagens até atingir ao que conhecemos nos dias de hoje. Estes conceitos estão intimamente ligados à ideia de património e de monumento, algo que perdurou ao longo da história das civilizações e que se manifestou de formas diferentes.

Monumento, do latim *monumentum*, remetia para aquilo que traz há lembrança alguma coisa, tratando-se como um modo de atuar na memória que relaciona o passado com o presente, ou seja, relaciona o tempo com a memória e consequentemente com o afeto.

Atualmente a noção de Património Arquitetónico, engloba todos os elementos marcantes das cidades que acompanham as tendências de evolução e alteração dos estilos utilizados na arquitetura e naturalmente a evolução do conceito de património.

Desde os tempos nómadas que o Homem procurou objetos capazes de atender às suas necessidades, não atribuindo um valor emocional ao objeto, acaba por o tentar preservar pelo seu valor funcional. À semelhança do que aconteceu com os objetos, também os edifícios se tornaram em primeira instância um bem útil, sem que se atribuisse qualquer valor afetivo. Nem sempre houve uma ligação histórica e sentimental ao edifício, exemplo disso são as construções gregas e romanas que desde a idade Média eram destruídas e reaproveitadas para novos usos.

Ao observar as cidades contemporâneas compreende-se que estas são resultado do confronto constante entre o passado e o presente, e que foram sofrendo alterações muitas vezes sem operar de forma lógica. Ao intervir nestas cidades é necessária perceção e compreensão do carácter do espaço, observando as pré-existências e compreendendo a sua história, a sua identidade e de que forma se tornam úteis para o futuro.

O conceito de Reabilitação do Edificado pressupõe o entendimento e confirmação do valor na cidade, capaz de o revitalizar através de uma intervenção que respeite o passado,

mas que seja capaz de oferecer um presente, sem descaracterizar tudo aquilo que representou. Preserva assim o valor arquitetónico e histórico, mas também os valores culturais e simbólicos.

Para a reabilitação do património, torna-se imprescindível conhecer a evolução e compreender os princípios e regras que foram defendidos por alguns teóricos conhecidos neste tema.

Foi em Roma durante o período de Quattrocento, que acontece a tomada de consciência pelo valor histórico e artístico dos monumentos da Antiguidade, passando a haver uma vigilância efetiva dos monumentos, sendo que antes desta consciencialização os monumentos eram vandalizados. As dificuldades técnicas, envolvendo mecanismos edilícios, económicos, sociais e psicológicos dificultavam as operações de conservação dos edifícios. Foi Alberti, (arquiteto, teórico de arte e humanista italiano) que contribuiu para a estruturação do que seria a primeira teoria de projeto capaz de proceder a uma reutilização de pré-existências.

Durante a época do Renascimento (séc. XIV – XV), o desenvolvimento de uma forma de lazer a que hoje denominamos turismo, refletiu-se sobre a conservação. Nesta altura os guias turísticos tinham um valor operativo ligado à presença material dos edifícios. Nesta época observou-se alguma compreensão e conhecimento sobre o passado, tomando consciência do valor dos monumentos antigos e a forma de os conservar-

As medidas que seriam para salvaguardar esses monumentos cometiam erros graves: não protegiam o valor histórico, apenas os reconstituíam com o que faltava e adicionavam partes modernas.

Roma no século XV, atribuiu a tarefa de conservação, mais propriamente a preservação, e proteção vigilante dos edifícios romanos aos papas (pontificado de Eugénio IV). Para que se respeitasse estas proteções aplicavam-se medidas penais a todos aqueles que demolissem ou danificassem o edificado com valor.

Os nossos antepassados defendiam que o Património Histórico servia para usufruto da comunidade de objetos que remetiam a um passado comum, mais ligado à parte edificada.

O monumento histórico pressupõe o distanciamento da história, apoiando num projeto deliberado de preservação, neste sentido, a cidade de Roma foi a primeira a tomar distância em relação à sua herança e a situá-la num espaço histórico

Destaca-se o papel fundamental do antiquário, pelo seu trabalho, visto ter de lidar com obstáculos como o valor da tradição (histórico), o valor construtivo que se coloca à prova com as concepções medievais e da cópia, e com a falta de material arqueológico inventariado que permitisse estabelecer diferenças e compreender as evoluções.

Foi durante o período do Iluminismo (séc. XVIII) que o estatuto de antiguidades se baseia na importância e no novo estatuto que a época concede à arte, sendo dado não só valor histórico aos edifícios, mas também o seu valor artístico. Neste âmbito Caylus foi quem mais se destacou, pois não só tinha conhecimento sobre as Antiguidades como também o conhecimento da história das artes, o que lhe permitiu questionar sobre o valor para a arte das imagens que nomeadamente nos monumentos históricos, salientando a sua ambiguidade.

Poder-se-á dizer que após a Revolução Francesa (1799), o governo interessou-se na manutenção dos monumentos sobreviventes, colocando a tónica na preservação do património. Nesse sentido o governo encarregou Ludovic Viter e Prosper Merimeé de implementar medidas para salvaguardar os monumentos.

O crescente interesse para os elementos considerados património, levou ao desenvolvimento teórico e prático, dando origem a alguns princípios teóricos, relativamente à conservação e restauro ainda antes da publicação da Carta de Veneza.

Ludovic Viter defendia que o arquiteto deveria ter conhecimentos quer na história de arte quer na arqueologia pois só assim através das ruínas do monumento poderia reconstruí-lo parecido ao que seria o seu estado inicial. Prosper Merimeé, literário e

historiador, defende que a cópia de traços de monumentos nas proximidades da época é válida se esta já estiver desaparecido e não seja possível o conhecer o seu estado original.

Apesar de Ludovic Viter e Prosper Merimeé terem sido essenciais para o restauro de monumentos, a teoria de restauro está ligada aos nomes de Viollet-le-Duc, John Ruskin, Alois Reigl, Camillo Boito.

Teóricos como Viollet-le-Duc e John Ruskin, estabeleceram sob o mesmo conceito de conservação e restauro ideias completamente antagónicas e assim se compreende a mudança de mentalidade.

Viollet-le-Duc (1814- 1879) defendia que deveria existir um total entendimento sobre a lógica de conceção do projeto e da construção, ou seja, que se devia reconstituir para o seu estado inicial, mas também para “o que teria sido”, tentando reformular para atingir a pureza ideal de estilo – impondo-se sobre o edifício existente.

Para John Ruskin (1819- 1900), o monumento deveria permanecer com o seu aspeto degradado e a sua conservação passaria pela procura de uma valorização estética, onde todas as imperfeições seriam aceites e enaltecidas, e onde a ideia de ruína representaria autenticidade. John Ruskin defendia que o significado de restauro não era entendido e que por esse motivo apenas se deveria consolidar, sem que se procedesse a uma imitação da arquitetura do passado, os elementos necessários para que se considerasse determinado edifício em monumento.

*"Podemos viver sem a arquitetura de uma época, mas não podemos recordá-la sem a sua presença. Podemos saber mais da Grécia e de sua cultura pelos seus destroços do que pela poesia e pela história"*⁷ (Ruskin, 2008)

Deste modo, seriam evitadas adições, sendo apenas aplicadas em último recurso, com recurso a linguagem e matéria distinta da original. Se o estado de degradação implicar a total perda do sentido e utilidade do edificado existente, dever-se-ia aceitar de forma natural a “morte” do monumento.

⁷ Ruskin, J. (2008) *A Lâmpada da Memória*. Coleções A. Ateliê Editorial. P.48

Alois Reigl contribuiu também para as teorias do restauro, este defendeu que para interpretar a conservação dos monumentos antigos seria necessário a atribuição de uma teoria de valores evidenciando que todo o objeto do passado é testemunho histórico. Define a diferença entre monumento e monumento histórico através de uma teoria de valores. Para este, conceito de “monumento” surge da criação deliberada cujo destino é feito à priori e tem por finalidade reviver um passado que se manteve no presente, ao contrário o conceito de “monumento histórico” não pressupõe um desejo, uma intenção mas que se relaciona de forma diferente com a memória viva e com a duração. Refere, portanto, o valor da memória e o valor contemporâneo.

Outro teórico muito importante foi Camillo Boito (1835-1914) que recolheu o melhor de cada teoria, para este o presente tem prioridade face ao passado.

Camillo Boito, em 1883 apresentou na III Conferência de Arquitetos e Engenheiros Civis de Roma, sete princípios fundamentais para o restauro. Para ele, dever-se-ia dar ênfase ao valor documental dos monumentos, evitar acréscimos e renovações, mas se necessário fazê-lo diferenciando do original, obras de consolidação só se estritamente necessário, respeitar o monumento, registrar as obras através de fotografia e documentar, identificar numa lápide a data e as obras de restauro realizadas, dar notoriedade.

No século XX, Gustavo Giovannoni contribuiu para as teorias de restauro tendo como base o trabalho de Camillo Boito. Gustavo Giovannoni destaca o seu trabalho para a importância do urbanismo por considerar que se trata de um complemento social. Neste sentido, a recuperação não se efetua apenas no espaço edificado, mas também no espaço urbano onde se inicia o processo.

Foram os contributos de Gustavo Giovannoni e Camillo Boito sobre as teorias de restauro, que em 1931, foram influenciar a Carta de Atenas do Restauro.

Em 1932 surge a 1ª Carta Italiana de Restauro que previa a salvaguarda do ambiente fosse este o espaço urbano ou a massa edificada e eram estudados para que se identificassem anomalias e fossem tomadas as devidas precauções.

O período do Pós-Guerra (1939-1945), devido à sua amplitude de estragos, alertou para a recuperação das cidades destruídas e para que se criassem teorias.

É importante referir a famosa obra “Teoria del Restauro” da autoria de Cesar Brandi que contribui com os seus conceitos e permite que a ICOMOS trabalhasse sobre os seus conceitos, dando origem à Carta de Veneza em 1964.

Na primeira metade do século XX, o trabalho de conservação e restauro em Portugal era na sua maioria concretizada sob os princípios de Viollet-le-Duc onde mais se reconstruía do que restaurava.

O Monumento histórico passa a ser reconhecido em 1960, tendo atingido grande valor em 1964 com a Carta de Veneza, que demonstra a importância que se atribuiu à noção de património. A Carta de Veneza, sendo um instrumento teórico, permitiu o desenvolvimento conceptual de intervenções aos ambientes característicos de uma sociedade, não sendo apenas aplicada ao património edificado como também ao urbano.

Procede-se então à distinção entre monumento histórico e cidade histórica, sendo esta última considerada como um objeto de conservação por inteiro e não pela soma dos seus monumentos.

O edificado pré-existente assume um enorme valor no desenvolvimento de uma cidade e de uma sociedade na medida em que transfere a memória e a identidade de uma cultura e por isso se torna alvo de investigações. O valor que a cidade tem na memória de monumento, enraizando os seus habitantes no espaço e no tempo, interligando-os, leva a que algumas cidades antigas se tornem musealizadas, e por isso, frágeis.

Com todas estas alterações a cultura perdeu o seu carácter de realização pessoal, e transformou-se em indústria. Os monumentos e património histórico adquiriram dupla função, as obras relacionam-se com o prazer, estando à disposição de todos, mas também objeto de cultura.

Ao reutilizarem edifícios desativados para novos usos, previnem que estes não se tornem museus, mas também os deixam expostos ao desgaste do uso.

*“A Arquitetura é a única, entre as artes maiores, cujo uso faz parte da sua essência e mantém uma relação complexa com suas finalidades estética e simbólica, mais difícil de apreender no caso de edifícios históricos que se tornaram órfãos da destinação prática que lhes deu origem.”*⁸ (Choay, 2001)

Em 1987 a ICOMOS elaborou a Carta Internacional para a salvaguarda da Cidade Histórica, onde assinala regras e técnicas para poder intervir sobre os núcleos históricos.

⁸ Choay, F. (2001) *A Alegoria do Património*. Editora Estação Liberdade. pp. 230-231

2.3 Projetar com luz, cor e matéria

2.3.1 Enquadramento

Arquitetura pressupõe um ambiente, uma disposição do espaço construído que comunica com todos aqueles que dela tiram proveito. Os ambientes deveriam tirar partido da luz, da cor e da matéria para conferir aos espaços qualidades que tocam de forma emocional com o ser humano.

“Qualidade arquitectónica só pode significar que sou tocado por uma obra.”⁹

(Zumthor, 2009)

Os sentidos de que o ser humano é dotado: a visão, o olfato, o paladar, o tacto e a audição, são a única fonte de informação sobre o mundo que permitem estabelecer ligações imediatas com os espaços.

A arquitetura é multissensorial, os lugares devem despertar emoções e reações ao comunicar com os seus utilizadores e isso apenas acontece quando se recorrem a elementos qualificadores do espaço como a luz, cor e matéria.

“A arquitetura é uma arte funcional muito especial: confina o espaço para que possamos residir nele e cria a estrutura em torno de nossas vidas.”¹⁰ (Rasmussen, 1998)

⁹ Zumthor, P. (2009) *ATMOSFERAS*. Editorial Gustavo Gili. p.11

¹⁰ Rasmussen, S. E. (1998) *Arquitetura Vivenciada*. 2ª Edição. Martins Fontes. p.8

2.3.2 Luz

A percepção da realidade é, em primeira instância conseguida pela visão, que comunica com o cérebro, percecionando as cores, analisando-as e interpretando-as para compreender o que nos rodeia. A visão está relacionada com a luz, porque só é possível ver algo se existir luz, seja ela refletida ou emitida pelos objetos. Sem luz não existe cor.

“Na cultura ocidental, a visão tem sido historicamente considerada o mais nobre dos sentidos, e o próprio pensamento é igualado à visão”¹¹ (Pallasmaa, 2012)

A luz perceptível permite captar radiações com comprimentos de onda entre os 400 e os 700 nanómetros aproximadamente sendo o mínimo ao violeta e o máximo ao vermelho e entre estes encontra-se toda a gama de cores que se conhecem.

O que nos permite ver os objetos não é a luz que incide sobre a sua superfície, mas sim a luz que refletem, falamos de iluminância e luminância, respetivamente. A luminância depende do tipo de acabamento da superfície (brilho, textura, etc.) e da iluminação a que está sujeito (iluminância) e que não se altera com a distância entre o observado e a superfície.

A colocação da luz não deve ser entendida de forma leviana, porque a direção da luz seja esta horizontal, vertical ou diagonal - permite criar diversas atmosferas e desta forma influenciar a maneira como a sombra, a cor e a matéria nos chega.

“A luz possui em si todas as cores e a potencialidade de despertar nas superfícies todas as suas nuances de visibilidade, consoante as suas características específicas. A cor é o resultado da interação da luz com a matéria e depende dela para a sua manifestação. Todos os corpos que são visíveis - e desde logo possuem cor - no nosso campo perceptivo devem essa visibilidade à presença da luz.”¹² (Pernão, 2012)

A luz pode ser sólida ou difusa, no que respeita à qualidade. A luz sólida provém de um ponto de luz e é direcionada evidenciando os contrastes entre luz e sombra, pelo

¹¹ Pallasmaa, J. (2012) *Os olhos da Pele*. Reino Unido: John Wiley & Sons Ltd.; p.15

¹² Pernão, J. (2012) *A cor como forma do espaço definida no tempo*. FAUTL. p.45

contrário, a luz difusa provém de diversos pontos de luz que criam uma luz suave e onde os contrastes de luz e sombra são mais atenuados. Estas qualidades são as que dão a tridimensionalidade aos objetos.

Tirando partido das capacidades que a luz tem sobre as reações do ser humano, poder-se-á adequar a iluminação a cada uso ou função pretendida, bem como, o nível de conforto de cada espaço.

Para que se considere um espaço bem iluminado, é necessário um equilíbrio entre a luz natural e a luz artificial no que respeita à sua quantidade e colocação no espaço. Por exemplo, um espaço com mais luz ambiente terá poucos contrastes, no entanto, se considerarmos um espaço com mais pontos de luz sólida e brilho teremos mais contrastes.

A percepção da cor e da arquitetura depende da escolha da posição e dimensionamento de vãos, o que, quando se trata de um projeto de reabilitação pode trazer maior dificuldade. Torna-se imprescindível fazer um estudo entre a cor e a iluminação natural e artificial dos espaços para daí compreender quais as ambiências que se proporcionam.

“A Luz é uma componente essencial, imprescindível na construção da Arquitectura. A Luz é MATÉRIA e MATERIAL. Como a pedra. Quantificável e qualificável. Controlável e mensurável. Sem Luz NÃO há Arquitectura. Apenas construções mortas. A Luz é a única capaz de tensionar o espaço para o homem. De colocar o homem em relação com esse espaço, criado para ele. Ela tensiona-o, torna-o visível. A Luz dá razão ao TEMPO, a LUZ CONTRÓI o TEMPO.”¹³ (Baeza, 2013)

Pensar em arquitetura é pensar em luz, em sombra, em cor e materialidade pois estes são conceitos contíguos apesar de todos terem características intrínsecas só funcionam bem se pensados como um conjunto, um todo. Pretende-se tirar o máximo partido da luz,

¹³ Baeza, C. (2013) *A ideia construída*. Caleidoscópio. p.50

não apenas sobre o ponto de vista lumínico, mas também para enfatizar e dinamizar os espaços. A luz revela a cor e a materialidade de um espaço, a sombra esconde-as.

2.3.3 Cor

A cor é entendida como tudo aquilo que se encontra no nosso campo visual e que necessita de luz para que se consiga observar.

Não devemos assumir a cor como uma camada de tinta, mas assumi-la como a capacidade sensorial de todos os materiais que compõem os espaços perante o Homem.

Segundo Pernão (2012), existem dois conceitos de cor, a cor inerente e a cor percebida. A cor inerente é a cor que existe na superfície dos objetos, já a cor percebida são as inúmeras cores que vemos quando olhamos para esse mesmo objeto.

Para a prática profissional é a cor percebida a que mais interessa, pois é esta que transmite sensações ao utilizador do espaço. Aplicar a mesma cor num tecto ou numa parede produz percepções diferentes, pois esta varia consoante o local onde é aplicado.

Uma boa estratégia seria utilizar a cor para destacar vários elementos, conferindo coerência aos espaços e um equilíbrio na percepção visual para que transmita conforto e qualidade estética.

O conforto visual é muito importante, por exemplo, ao aplicar o branco temos de precaver que esta é a cor que mais reflete a luz e que por essa razão pode provocar desconforto.

“Não existem cores certas ou erradas, bonitas ou feias, existem sim cores (e lembramos que assim falamos de materiais e de texturas) que se adequam a veicular determinada sensação pela sua capacidade de protagonizar a descrição sensorial de um espaço específico.”¹⁴ (Pernão, 2012)

Ao trabalhar em reabilitação, também a escolha da cor tem um papel importante, deverá existir uma adequação histórica e cultural, não apenas ao nível interior do edifício como também do exterior.

A iluminação, a cor e a matéria podem orientar espacialmente, através da manipulação da luz e da cor, dos sons, cheiros ou temperaturas ambientais.

¹⁴ Pernão, J. (2012) *A cor como forma do espaço definida no tempo*. FAUTL. p.156

O ser humano necessita de diversidade e aí as variações de ambientes assumem especial importância, alterando os ambientes pelo controle da iluminação, cor e materiais. Devemos adaptar essas variações ao tipo de função: espaços de circulação/movimento podem utilizar maior contraste e diversidade cromática, pelo contrário, espaços de trabalho devem ter uma menor quantidade de estímulos.

“Um Estudo de Cor, para além de contribuir para a satisfação das necessidades fundamentais de conforto e ergonomia na utilização de objetos e de espaços, é também um produto das características sociais, culturais e políticas específicas de cada autor/cliente/projecto.”¹⁵ (Pernão, 2012)

Cada espaço tem uma identidade própria conferida pela cor. Cores contrastantes e vibrantes podem tornar espaços idênticos em espaços com diversas identidades. O tempo é um dos fatores de alteração da percepção da cor porque a exposição ao clima altera as cores. A utilização da cor permite destacar elementos, essas cores designam-se de cores dominantes e cores de acentuação.

¹⁵ Pernão, J. (2012) *A cor como forma do espaço definida no tempo*. FAUTL. p.161

2.3.4 Matéria

Como já foi analisado anteriormente a cor define a matéria e esta caracteriza-se pela cor, textura, brilho e durabilidade.

A relação entre o Homem e a natureza é o que nos remete para a nossa história enquanto civilização, na qual o Homem utilizava os materiais tal qual os encontrava, ou seja, na sua versão original.

“Apenas um material e já tem mil possibilidades.”¹⁶ (Zumthor, 2009)

Existem apenas quatro materiais: a pedra, a madeira o metal e os têxteis, todos os outros são consequência da evolução tecnológica. Os materiais podem dar sensação de conforto independentemente se aplicados em pavimento, em mobiliário ou até em pequenos apontamentos no espaço.

Todos os materiais podem ter diferentes acabamentos, e desta forma, assumir diferentes ambiências. Por exemplo, superfícies texturadas podem estimular diferentes sensações de percepção de espaços, mas isto apenas acontece porque existe luz e consequentemente cor.

A evolução tecnológica trouxe consigo “materiais novos” e foram-se perdendo as potencialidades do material virgem. Os materiais são manipulados para que se adaptem as necessidades atuais, sendo que se utilizam mais os materiais artificiais pois estes tem mais cores, texturas, mais durabilidade e resistência e os preços são muito menores quando comparados aos materiais naturais.

“Uma obra de arquitetura não é experimentada como uma série de imagens isoladas na retina, e sim em sua essência material, corpórea e espiritual totalmente integrada.”¹⁷
(Pallasmaa, 2012)

¹⁶ Zumthor, P. (2009) *ATMOSFERAS*. Editorial Gustavo Gili. p.25

¹⁷ Pallasmaa, J. (2012) *Os olhos da Pele*. Reino Unido: John Wiley & Sons Ltd. p11

A escolha dos materiais deve atender a critérios técnicos, económicos e estéticos. Os critérios técnicos remetem para as exigências de acordo com a função que vai desempenhar, os critérios económicos remetem para a relação preço-qualidade e os critérios estéticos dependem da escolha dos materiais.

Os materiais podem sofrer pelo envelhecimento proveniente da passagem de tempo ou pela sua deterioração pela falta de manutenção, e por esse motivo, devemos conhecer quais as potencialidades dos materiais escolhidos

2.4 Espaços Educativos Intergeracionais

2.4.1 Contexto

O envelhecimento demográfico é um problema cada vez mais crescente nas sociedades europeias. De acordo com os resultados da PORDATA – Base de dados Portugal Contemporâneo, Portugal é o terceiro país com o índice de envelhecimento mais elevado. Em 2017 atingiu valores como 153,5 % em comparação com a União Europeia (composta por 28 países) com 125,8%.

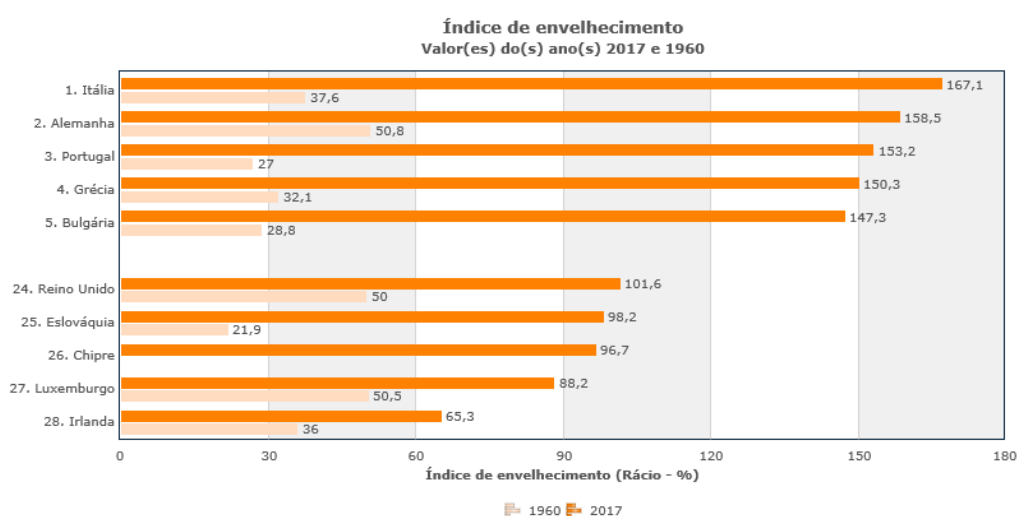


Figura 2 - Tabela referente ao índice de envelhecimento entre os anos 1960 e 2017

Portugal enfrenta graves problemas no que respeita à população, com a taxa de natalidade baixa e o índice de envelhecimento muito elevado, não existe regeneração da população. A discriminação dos jovens em relação aos mais velhos está muito presente nas cidades contemporâneas porque ao longo da História do Homem as relações afetivas, de respeito e de cooperação tem vindo a enfraquecer.

Enfrentamos riscos ao nível do desenvolvimento social, cultural, educativo e económico e nesse âmbito necessitamos de encontrar formas de integrar a população envelhecida e a população jovem através de atividades que tenham interesse mútuo e que, no caso de estudo, mantenham tradições portuguesas.

Pretende-se o envelhecimento ativo da população, criando oportunidades para se tornarem mais participativos na sociedade, promovendo o seu bem-estar e combatendo a ideia de que a população idosa nada tem a oferecer para a sociedade.

Para promover e assegurar a equidade entre gerações, a 2ª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento realizada em Madrid em 2002, incentivou os governos a reverem as políticas para fazerem face ao envelhecimento da população onde apresentam recomendações para promover a solidariedade intergeracional como forma de desenvolvimento social, reequilibrando as sociedades.

Também a UNESCO apoia a ideia de “Programa da Educação para Todos” por considerar que a educação é capaz de responder aos desafios globais contemporâneos, fortalecendo os sistemas de ensino a nível mundial.

Em Portugal existem alguns projetos de relação intergeracional de cariz educativo entre crianças e idosos, no entanto, pouco divulgados, como tal pouco conhecidos pela sociedade.

2.4.2 A intergeracionalidade

A 'intergeracionalidade' vem de uma ligação de intermediação e relação entre várias gerações, dotando a sociedade de uma dinâmica positiva ao promover a interação e integração de todas as partes.

Cada geração tem uma forma de estar diferente e particular que é influenciada por factores individuais, sociais, culturais, económicos e até mesmo políticos. Não pertencer à mesma geração não significa que não se possa aceitar as diferentes formas de estar e opiniões, pelo contrário, servem como testemunho de realidades desconhecidas.

Nesse sentido, o conceito de intergeracionalidade surge para caracterizar a relação entre várias gerações, a forma de dinamizar a sociedade ao integrar todas as partes envolvidas e de fortalecer os laços de solidariedade entre ambas.

“Os projetos intergeracionais surgem então, como uma resposta à discriminação relativa ao processo de envelhecimento, apresentando-se como uma proposta socioeducativa que viabiliza uma sociedade para todas as idades, evitando a discriminação, exclusão e a formação de guetos geracionais, levando a construção de uma sociedade em que todas as gerações contribuam para uma cultura solidária.”¹⁸(Carvalho, 2012)

As relações familiares abordam este tema da intergeracionalidade desde sempre, por serem compostas por diferentes gerações, existe respeito e valoriza-se o que os mais velhos dizem e a sabedoria que lhes está inerente, exemplo disso é a relação entre netos e avós.

Numa altura em que o digital está presente em tudo, a forma como as pessoas se realcionam torna-se menos natural, sobretudo nas relações entre família que se foram enfraquecendo, perdendo assim todas as suas mais valias.

¹⁸ Carvalho, M. C. B. N. M. de (2012) «Relações Intergeracionais Alternativa para minimizar a exclusão social do idoso». (REVISTA PORTAL de Divulgação, n.28. Ano III). p.87

2.4.3 A educação Intergeracional

Os estilos de vida atuais são completamente diferentes dos de antigamente, e esta diferença faz se sentir principalmente na população mais jovem. Os jovens tornam-se adultos sem saberem o que isso implica, iniciando uma nova etapa das suas vidas sem antes terem desenvolvido competências pessoais e sociais.

Neste âmbito, falamos da emergência da educação intergeracional e esta deve ser entendida como um método de educação para todas as faixas etárias, onde todos partilham os seus conhecimentos, ensinam e aprendem.

O conceito de educação intergeracional *“acentua a dimensão pedagógica no encontro de diferentes gerações a executarem atividades e tarefas que respondem às suas necessidades e interesses, numa dinâmica de cooperação, interação, intercâmbio e de diálogo intergeracional desenvolvido numa relação igualitária, de tolerância e respeito mútuo.”*¹⁹ (Villas-Boas, 2017)

A educação intergeracional será um meio de valorização e reconhecimento social, onde o principal modelo educativo concentra-se nas relações afetivas. Alguns dos benefícios da educação intergeracional são, a mudança de atitudes combatendo os estereótipos e os preconceitos da idade, fomenta o respeito, a proximidade e interajuda entre gerações para que se transmitam valores, costumes e solidariedade enquanto desenvolvimento pessoal.

“A vida diária é um exercício constante de costumes, práticas, saberes e memórias que misturados de forma consistente são a essência para viver mais e melhor. Nesse sentido, o importante é valorizar experiências, saberes e o potencial humano de cada geração enquanto recursos para criar espaços de comunicação e participação e assim fazer

¹⁹ Villas-Boas, I. (2017) *EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DO ENVELHECIMENTO ATIVO - Análise de necessidades de uma comunidade local, enquanto via fundamentadora de projetos relevantes e sustentáveis.*

*nascer uma cultura gerontológica que nos permita viver de forma digna todos os anos da nossa vida.*²⁰ (Palmeirão, 2008)

Neste trabalho pretende-se criar um espaço intergeracional de cariz educativo não formal, na vertente extra-curricular onde os ensinamentos são destinados aos jovens e adultos, que provêm da experiência da população mais velha, com principal foco no que diz respeito a costumes e tradições outrora perdidos, e na interação e partilha de experiência com os mais novos, o que permite ganhos para ambas as partes, uma relação “win win”.

²⁰ Palmeirão, C. (2008) «A Educação Intergeracional no horizonte da Educação Social: compromisso do nosso tempo», em *Cadernos de Pedagogia Social*. p.5

3. REFERÊNCIAS

3.1 Referência ao tipo de programa

3.1.1 UNICA – Universidade Intergeracional do Concelho de Almada

A ÚNICA é uma Universidade Intergeracional do Concelho de Almada fundada a 1 de Junho de 2012, com instalações na Charneca da Caparica, Península de Setúbal.

A UNICA dispõe de diversas atividades para todas as faixas etárias, promovendo o desenvolvimento local, contribuindo para o crescimento deste tipo de conceito e para o envelhecimento harmonioso, ativo e saudável através da inclusão social evitando o isolamento.

O conceito chave é o convívio e partilha de conhecimentos e experiências- através de espaços e tempo de encontro, desta forma, existe enriquecimento pessoal e social.

Os principais objetivos desta Universidade são a criação de uma rede social que suporte as necessidades básicas, individuais e coletivas, oferecer modalidades educativas que promovam a aprendizagem ao longo da vida e desta forma promove o envelhecimento ativo.

A oferta formativa é diversificada: artes, saúde e bem-estar, ciências sociais e línguas.

3.1.2 Projeto Tio – Terceira Idade Online

Originário de 1999, foi criado pela empresa BYWEB, visando a exploração da intergeracionalidade como os Projetos Net@vó e VIVER.

O TiO tem como principais objetivos a inserção da população idosa na sociedade da informação, promoção da saúde e bem-estar e fomentar o relacionamento e aprendizagem entre gerações.

Atualmente o TiO é gerido pela Associação VIDA - Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Activo.

Este projeto foi apoiado por algumas entidades das quais se destacam a Comissão Nacional do Ano Internacional da Pessoa Idosa, Alto Patrocínio do Conselho Nacional de Política para a Terceira Idade e da Ex.^a Senhora D. Maria José Ritta.

O objetivo é a criação de uma comunidade virtual de cidadãos das mais variadas faixas etárias de forma a trocarem experiências e conhecimentos, divulgar trabalhos, esclarecer dúvidas, consultar notícias e informações.

3.1.3 Net@vô

O projeto educativo Net@vô foi desenvolvido pela Escola EB 2/3 da Corga de Lobão - Santa Maria da Feira e pela empresa BYWEB e concentra-se na educação intergeracional recorrendo às novas tecnologias e a meios audiovisuais.

Este projeto pretende passar o testemunho da história local, do país, e do mundo, através de tradições e vivências contadas pelos próprios intervenientes, fortalecendo afetos e fomentando respeito e responsabilidade. Desta forma as pessoas idosas integrar-se-ão na comunidade e juntamente com os jovens debater sobre assuntos multidisciplinares.

Destaca-se o mérito pelo 6º lugar no Concurso "Educar Inovando/Inovar Educando" promovido pelo Instituto de Inovação Educacional, do Ministério da Educação.

3.1.4 Centro Intergeracional do Areeiro



Figura 3 - Exterior do Centro Intergeracional do Areeiro

Localizada no antigo Edifício da Câmara Municipal de Lisboa, onde existia a Biblioteca Itinerante, a Junta de Freguesia do Areeiro reabilitou este edifício devoluto por mais de 20 anos transformando-o no Centro Intergeracional do Areeiro.

O objetivo deste espaço é oferecer à população residente atividades desportivas, culturais, educativas e ocupacionais, bem como a oferta de medicinas alternativas, fisioterapia e massagens.

Algumas das atividades para os jovens e idosos são a Zumba, Yoga, Pilates, Ginástica de Manutenção Sénior, Hip-Hop Kids e Ballet Fit, e para os bebés e crianças até aos 4 anos existem os Grupos Aprender, Brincar, Crescer, o coro, a expressão dramática, e o Espaço Jovem.

3.1.5 Centro Multigeracional da Skyview

Este Centro localiza-se em Las Vegas, e demonstra como as escolhas projectuais influenciam a forma como as pessoas se comportam nos espaços. Com espaços convidativos, confortáveis e flexíveis tanto no interior como no exterior permitem que as pessoas se apoderem do espaço e tirem o maior partido deles.

Neste caso, foi intenção dos arquitetos que os espaços de circulação (Fig.4) permitissem constante interação com os utilizadores do espaço, ao proporem um corredor comunitário com paredes de vidro garantem que a sensação de companhia se mantenha sempre.

Com uma visão mais abrangente do que seriam as necessidades do futuro os espaços são abertos e flexíveis o que permite que se mudem consoante a necessidade, e também sustentáveis ao utilizar recursos naturais como a luz solar em todo o edifício.

O centro multigeracional tem ao dispor dos seus utilizadores espaços para atividades físicas, atividades para idosos, áreas de lazer, salas de artes, áreas para criança, salas polivalentes e cozinha.



Figura 4 - Espaço interior que funciona como espaço de permanência e espaço de circulação

3.2 Referências ao tema

3.2.1 Escola Braamcamp Freire – CVDB

Este projeto foi escolhido por se tratar de um espaço educativo onde se utiliza a aplicação da luz, da cor e da matéria como elemento qualificador do espaço arquitetónico.

Localizado em Lisboa, na Pontinha, a Escola Braamcamp Freire foi projetada para passar de tipologia pavilhonar para um novo e único edifício. As materialidades utilizadas foram o betão à vista e o betão pré-fabricado para o exterior, materiais de baixo custo de manutenção, e no interior materiais resistentes de fácil manutenção onde se recorre à cor para distinguir/ valorizar os espaços.

O projeto caracteriza-se pela utilização de claraboias (Fig.5) que mantêm a sua função de iluminar o espaço durante todas as fases do dia.

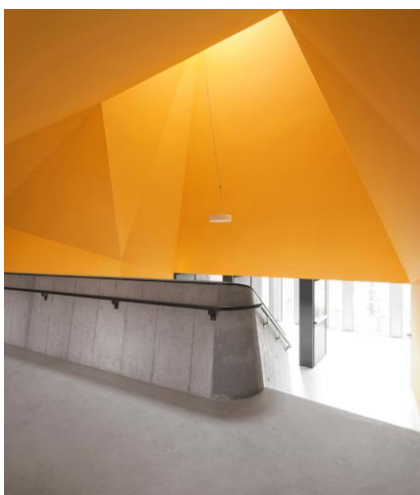


Figura 5 - Exemplo da intervenção de luz na claraboia

Através da cor aplicada nas clarabóias, estas formam pontos de luz natural durante o dia, tendo a percepção da evolução natural do tempo e do dia, deixando os espaços igualmente iluminados em todas as fases do dia, tornando o espaço visualmente harmonioso. Durante o período noturno estes pontos de luz são preservados através de iluminação artificial aplicada exactamente no mesmo sítio.

Também os corredores assumem uma abordagem interessante ao serem colocadas janelas no topo da parede para que entre luz natural, sendo que na parede oposta tem-se uma linha de iluminação artificial.

Estas escolhas de projeto são as que conferem qualidade e harmonia ao espaço.

3.2.2 Daylight House - Takeshi Hosaka

Este projeto localiza-se no Japão e o objectivo é que os habitantes vivam sob iluminação natural durante todo o dia (24 horas), sendo desenvolvida a ideia desde a 1ª fase de projeto.

O edifício tem a cobertura totalmente concebida com 29 clarabóias (Fig.6) que contrastam com as fachadas cegas, visto que se encontram muito próximas das envolventes, para que se ilumine toda a habitação apenas pela cobertura.



Figura 6 - Edifício inserido na envolvente

As clarabóias são concebidas em acrílico curvo que confere uma base de luz difusa, durante as várias fases do dia. Contudo, este espaço é complementado com iluminação natural apesar de nunca ser utilizado na totalidade devido à presença da luz difusa no período nocturno.

É através das diferentes tonalidades de luz (Fig.7) que se percebe a progressão do dia, sendo que está sempre presente no ambiente interior, torna-se exemplo de como a luz nos dá a percepção do tempo.

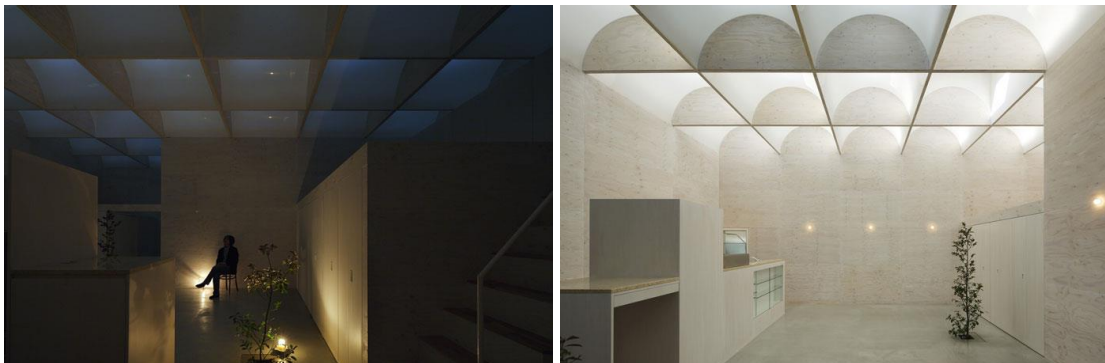


Figura 7 - Iluminação natural e artificial no interior do edifício

4. ANÁLISE DO LOCAL DE INTERVENÇÃO

4.1 Caracterização social

A área de intervenção do presente trabalho está inserida no Município de Lisboa, na Freguesia da Ajuda. Segundo os Censos de 2011 (INE, 2012), a freguesia da Ajuda tem 15 584 habitantes, o que representa 2,8% da população da cidade de Lisboa.

A população caracteriza-se como envelhecida, registando um decréscimo entre os censos, 39% da população jovem (15 a 24 anos) e 16% da população de adultos (25 a 64 anos). O número de crianças (0-14 anos) aumentou em 7%.

Em relação à Cidade de Lisboa a Freguesia da Ajuda tem um índice de envelhecimento bastante superior e também tem uma maior sobrecarga de idosos por cada 100 adultos em idade ativa. Tem um maior número de pessoas com mais de 65 anos por família (47% contra 39%).

O nível de instrução comporta-se de forma inversa ao da Cidade, na Freguesia da Ajuda o ensino básico é o mais atingido.

O edificado caracteriza-se como sendo antigo, composto essencialmente por prédios baixos com dimensão média e pequena com ocupação maioritariamente residencial. As ruas têm muito movimento e estão marcadas pelo comércio, adaptado ao tipo de cliente.

Apesar de possuir alguns equipamentos institucionais, estes tornam-se pouco significativos porque não existem outros equipamentos/serviços capazes de responder às necessidades da população.

Tendo em conta que a área em estudo possui uma população envelhecida, denota-se uma carência de equipamentos sociais e de equipamentos públicos capazes de apoiar estas faixas etárias.

Atualmente, o território da Ajuda é uma área fragmentada, dividida entre o tecido monumental da frente de rio em Belém, o tecido residencial e os bairros históricos da Ajuda.

É de realçar que entre Julho de 2015 e Fevereiro de 2016, a freguesia da Ajuda foi alvo de um questionário online onde se procuraram identificar problemáticas sociais²¹ em diversas áreas como idosos, jovens, saúde mental e famílias e as conclusões foram as seguintes:

Problemáticas sociais:

- 1) IDOSOS: Crescentes situações de isolamento social e solidão
- 2) JOVENS: Falta de acompanhamento psico-social e de atividades para jovens alunos com problemas de indisciplina e absentismo escolar; falta de técnicos qualificados para intervenção no âmbito da disciplina, em contexto de sala de aula e fora dela
- 3) SAÚDE-MENTAL: Insuficiência de apoios ao nível da ocupação e treino de competências para todas as faixas etárias, com problemas do foro psiquiátrico e outras limitações
- 4) FAMÍLIAS: Agravamento das situações de carência económica das famílias e a dificuldade de obtenção de livros e material escolar

Prioridades para o plano de desenvolvimento social 2017-2020

- 1) CRIANÇAS: Criar bancos de livros e material escolar;
- 2) CRIANÇAS E JOVENS: Organizar atividades de OTL ligadas às expressões dramática e musical;
- 3) IDOSOS: Reforçar da sensibilização e dinamização dos diversos agentes da comunidade na deteção e referenciação de idosos isolados em situação de risco; sensibilizar a população sénior para o voluntariado e estimular a promoção de projetos de voluntariado construídos com os idosos e organizações locais.
- 4) SAÚDE MENTAL: Formar técnicos que possam intervir na Comunidade de modo a que as Artes sejam um veículo de Inclusão Social.

²¹ Informação retirada do Plano de Desenvolvimento Social efetuado à Freguesia da Ajuda

4.2 Enquadramento Histórico

O objeto de estudo, situado na Travessa da Boa-Hora, na freguesia da Ajuda, pertencera ao Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora de Belém, da Ordem dos Agostinhos Descalços, porém a sua última utilização fora o sector da saúde, conhecido como o Hospital Militar de Belém.

A tipologia arquitetónica do edificado em estudo é a arquitetura religiosa, originária de 1834, composto pela igreja, convento, pátio e cerca de recreio e produção.

O Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora de Belém, foi edificado após o terramoto de 1755, fundado por volta de 1769 com o patrocínio da rainha D. Mariana Vitória com o objetivo de acolher os religiosos do Convento da Boa-Hora de Lisboa, que ficara muito danificado pelo sismo.

Posteriormente, o edifício sofreu obras de adaptação para acolher o Regimental de Infantaria nº 1, futuro Hospital Militar de Belém, ficando ativo a partir de 1890. Em 1911, são construídos vários edifícios de apoio nas zonas Norte e Nascente da cerca (afeta ao hospital). Em 1834 a zona poente é arrendada e urbanizada e no final do século XIX abre-se uma rua particular (Travessa Nova de Dom Vasco) e é construída a frente nascente da Rua de Dom Vasco que sofrera algumas alterações na 2ª metade do século XX.

Em 2013, com a criação do Polo de Lisboa do Hospital das Forças Armadas, o hospital é desativado e desde então o antigo edifício conventual encontra-se devoluto.

Do conjunto edificado, todos os edifícios permanecem, contudo, a cerca da área poente encontra-se urbanizada e a cerca compreendida entre as áreas norte e nascente encontra-se parcialmente construída, sendo que, apenas a Igreja se encontra em utilização.

Atualmente, o edifício e as áreas circundantes precisam de uma intervenção para que se devolva à cidade as suas raízes e se crie uma dinâmica na utilização de um espaço arquitetónico para o bem-estar e usufruto dos seus utilizadores, maioritariamente para a população caracterizada.

4.3 Evolução urbana

O Convento de Nossa Senhora da Hora foi edificado no Alto da Ajuda onde a corte se instalou após o Terramoto de 1755. Esta área era predominantemente rural, com baixo risco sísmico, e com um vasto terreno com capacidade para construir o edifício conventual de raiz e com uma cerca de dimensões generosas.

O Convento e a Igreja delimitavam-se pela frente para a Travessa da Boa Hora (atualmente Travessa da Boa Hora à Ajuda e Largo da Boa Hora à Ajuda) e a cerca desenvolvia-se para norte até à Travessa do Guarda-Jóias, para nascente até à Calçada do Guarda-Jóias e para poente até à Calçada de Dom Vasco.

Após o convento ser extinto em Julho de 1834, a cerca foi avaliada e dividida. A restante propriedade na qual se encontra integrado o edifício conventual fora o único que não fora dividido e fora cedido à Inspeção das Obras Militares, com a exceção da Igreja. Estas alterações levam com que a evolução urbana destas zonas se processe de forma distinta.

O terreno de sequeiro sofre um processo normal de urbanização na qual são construídos novos edifícios e criadas aberturas de ruas. São construídas casas térreas em banda na frente nascente da Rua de Dom Vasco, que definia o limite poente da cerca, e no início da década de 1890 é aberta uma pequena rua particular paralela à Travessa do Guarda-Jóias. Nesta rua (denominada Travessa Nova de Dom Vasco em junho de 1922), inserida no interior da antiga cerca, entre 1892-1893 são construídas casas de 1 a 2 pisos.

A partir de 1955 as construções existentes na Rua de Dom Vasco foram quase todas demolidas, dando lugar a um quarteirão com características morfológicas muito heterogéneas e que ficou concluída na década de 1970. A Travessa Nova mantém uma imagem urbana idêntica à que apresentava no final de Oitocentos.

Os limites da zona norte e nascente da cerca, contidos no espaço do Hospital de Belém, permaneceram inalterados até hoje. A partir de 1911 são construídas três

enfermarias no topo norte da propriedade. Estas enfermarias foram demolidas por volta de 1970 para dar lugar a um novo edifício hospitalar, inaugurado em 1972.

4.4 Cronologia

1755: O Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora em Lisboa fica totalmente destruído pelo terramoto e incêndio.

1769: A rainha D. Mariana Vitória, padroeira do convento, consigna-lhe a quantia de oitenta mil reais anuais.

1819: São suprimidos vários conventos e hospícios pertencentes à ordem dos Agostinhos Descalços. Os religiosos do Convento da Senhora da Assunção ingressam na comunidade da Boa-Hora de Belém.

1821: O prior do convento pretende arrendar o edifício e a cerca do extinto Convento de Nossa Senhora da Assunção.

1833:

- Início das diligências para a supressão do convento;
- Início dos autos de inventário;
- Inventário dos objetos do culto religioso; Termo de entrega da igreja do convento ao pároco da freguesia de Nossa Senhora da Ajuda;
- Entrega dos objetos de prata ao tesoureiro da Junta.

1834:

- Conclusão da primeira parte do inventário;
- Leilão de alguns móveis do convento;
- Contrato com os termos de arrendamento da cerca;
- O Juiz Comissário João Carlos de Andrade, prior da Encarnação, dá continuidade ao inventário;
- Inventário do cartório e Termo de encerramento do inventário geral;
- A freguesia de Nossa Senhora da Ajuda é transferida para a Igreja da Boa-Hora;

- Decreto de extinção de todas as casas religiosas masculinas das ordens regulares e incorporação dos seus bens nos Próprios da Fazenda Nacional;
- Auto de posse, por parte da Fazenda Nacional, do convento, cerca e restantes propriedades;
- O convento é avaliado em três contos e duzentos mil réis e a cerca por um conto de réis.
- Avaliação das quatro propriedades pertencentes ao convento;
- A Portaria do Tribunal do Tesouro Público determina que se proceda à venda dos bens móveis e semi-móveis, exceto os objetos do culto divino, as peças de ouro e prata e as livrarias; e que arrende, por um ano, todos os prédios rústicos e urbanos da Fazenda Nacional;
- Venda de uma propriedade na Rua do Jardim Botânico por 800 mil reais.

1835:

- O Batalhão Açoriano instala-se no edifício do antigo convento;
- Venda de uma propriedade na Rua do Jardim Botânico por 701 mil reais;
- Venda de uma das propriedades da Rua das Mercês por 301 mil reais;
- Parte do edifício e da cerca passa para a Inspeção das Obras Militares, representada pelo Tenente Coronel de Engenheiros Lourenço Justeniano Lima.

1889: Por deliberação camarária, o troço da Travessa da Boa-Hora passa a denominar-se Largo da Boa- Hora.

1890:

- Abertura do Hospital Regimental da Infantaria nº1, instalado no antigo Convento da Boa-Hora;
- O hospital passa a designar-se Hospital de Campanha Imobilizado.

1899:

- O Hospital de Belém constitui-se pela primeira vez como instituição hospitalar autónoma, especializando-se no domínio das doenças infecto-contagiosas;

- Nos primeiros anos do século XX, a sua designação passa a Hospital Militar de Belém.

1904: Deliberação da Câmara Municipal de Lisboa para que se solicite ao Ministério da Guerra a cedência do terreno contíguo ao Hospital Militar, junto à Calçada da Boa Hora. O município pretende instalar uma linha de elétrico procedendo ao alargamento da via.

1908: Apresentada em sessão de Câmara a informação relativa à proposta da Direcção Geral da Secretaria da Guerra para que, em troca da cedência de 242 m² do Hospital Militar da Boa-Hora para alargamento da rua, o município mande reparar as fachadas do hospital. O terreno é avaliado em 242 mil reais e as obras em 18 mil reais.

1922: Por deliberação camarária, a rua particular aberta na frente nascente da Rua de Dom Vasco passa a denominar-se Travessa Nova de Dom Vasco.

1926: O hospital perde a sua autonomia e passa a designar-se Hospital Militar Auxiliar, destinando-se exclusivamente ao tratamento de doenças infecto-contagiosas.

1972: Construção de um bloco hospitalar no topo nascente da antiga cerca conventual com capacidade para 250 camas, substituindo as velhas enfermarias instaladas no antigo convento.

1990: O hospital readquire a designação de Hospital Militar de Belém (HMB).

1998: Conclusão dos trabalhos de execução da nova cobertura da igreja.

2006: O Hospital Militar de Belém tem 3 serviços de internamento (infeciologia, oncologia e pneumologia) com um total de 220 camas.

2012: É criado o Polo de Lisboa do Hospital das Forças Armadas (HFAR) e extinguem-se o Hospital da Marinha, o Hospital Militar Principal, o Hospital Militar de Belém e o Hospital da Força Aérea, sendo as respetivas atribuições e competências transferidas para lá.

2013:

- Os edifícios da Igreja e do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora são classificados como monumento de interesse público;

- O Ministério da Defesa Nacional, determina a criação do Campus de Saúde Militar, sediado no Lumiar e estabelece um processo de fusão hospitalar. Até 30 de Abril já se tinha procedido ao encerramento da atividade no antigo Hospital Militar de Belém (HMB).

5. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

5.1 Proposta Urbana

Após a análise do local em estudo, procedeu-se a um levantamento sobre as necessidades urbanas, nesse sentido, a proposta urbana pretende responder aos seguintes objetivos:

- Diminuir/ controlar o tráfego viário, privilegiando o acesso pedonal
- Criar espaços verdes de encontro e convívio
- Promover um envelhecimento ativo
- Criar mais áreas de estacionamento
- Criar mais passadeiras e pontos de recolha de lixo
- Adaptar o espaço para utentes para mobilidade reduzida

Para as áreas circundantes ao edifício em estudo existem planos de intervenção promovidos pela Camara Municipal de Lisboa “Uma praça em cada bairro”, dos quais se destacam o projeto para o Largo da Boa-Hora à Ajuda e a do Largo do Rio Seco (Fig.8). Destes planos de intervenção destacam-se as preocupações em criar espaços verdes, melhores acessos pedonais e áreas destinadas a estacionamento.



Figura 8 - Planos de intervenção "Uma praça em cada bairro", Largo da Boa-Hora e Largo do Rio seco, respetivamente

Considerando as necessidades propõe-se a reestruturação viária automóvel das áreas mais próximas ao objeto de estudo, adotando pela circulação em 1 sentido em vez dos 2 sentidos.

Em outros espaços como é o caso da Travessa Nova de Dom Vasco pretende-se criar uma ligação viária e também pedonal com a Travessa Guarda Joias acabando assim com áreas pouco movimentadas, propícias a assaltos e violência. Através da Travessa Nova de Dom Vasco tornar-se-á possível aceder à área do Antigo Hospital Militar de Belém. Também a Travessa do Moinho sofre alterações, privilegiando o acesso pedonal, tendo sido criado um acesso automóvel para substituir esta ligação (Fig.9).

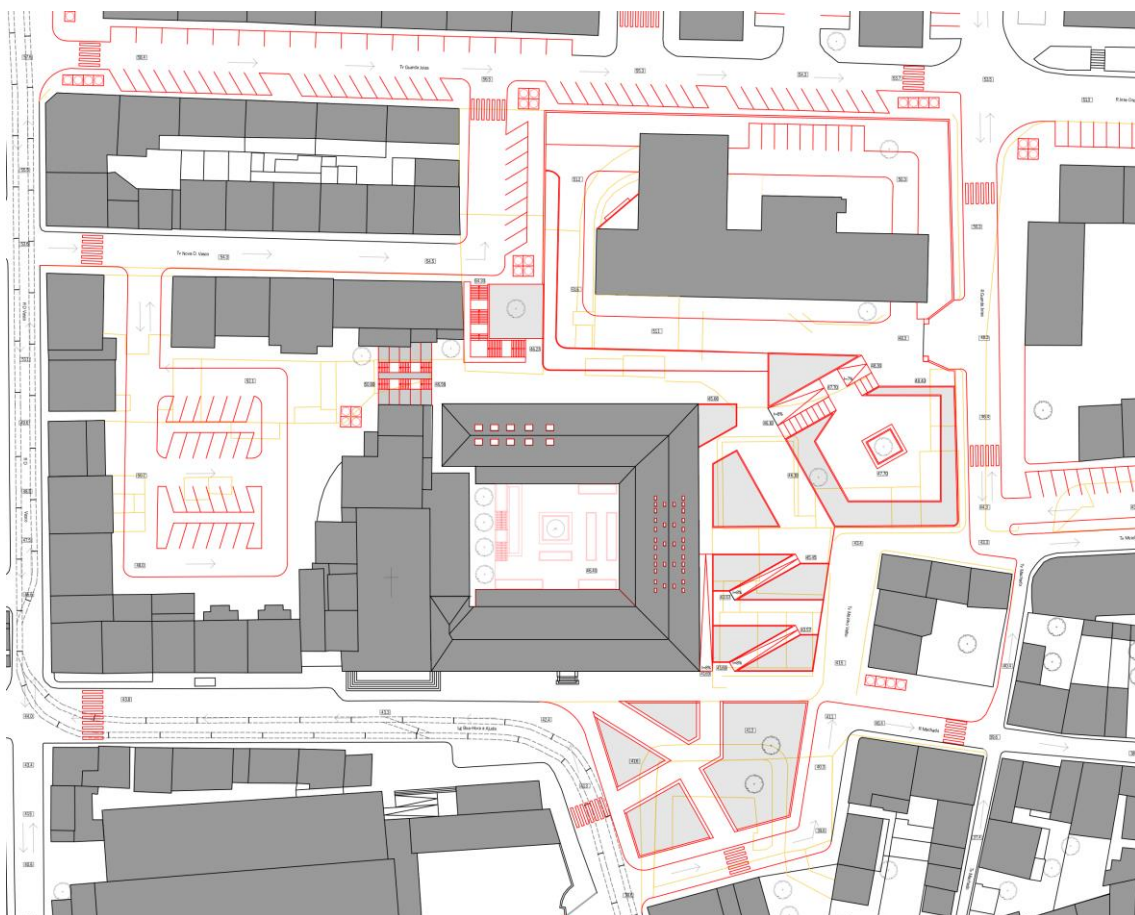


Figura 9 - Proposta de alterações urbanas

(VERMELHO= CRIAR; AMARELO= DEMOLIR E PRETO=MANTER)

Para o edifício que se localiza junto ao objeto de estudo, prevê-se a implementação de um centro de dia e de equipamento desportivo para servir toda a comunidade.

Para combater a densidade que o edificado apresenta, propõe-se a criação de espaços verdes que acompanham novos acessos pedonais desde a Rua Nova do Calhariz até ao Largo da Boa-Hora à Ajuda e onde os visitantes e moradores podem conviver e contemplar a natureza. Estes novos acessos pedonais foram pensados para incluir pessoas com mobilidade reduzida, por esse motivo, se optou que os acessos fossem através de rampas.

Com uma topografia um pouco acentuada, e para vencer a diferença de cotas criaram-se 3 rampas, no sentido do Largo da Boa-Hora à Ajuda para entrar pela porta nascente, 1 de circulação rápida e outras 2 para um percurso mais lento com espaços verdes e zonas de convívio (Fig.10). Assumindo que as áreas de acesso pedonal adjacentes ao edifício em estudo são uma continuação da rua o material escolhido para marcar essa mesma intenção foi a calçada portuguesa.

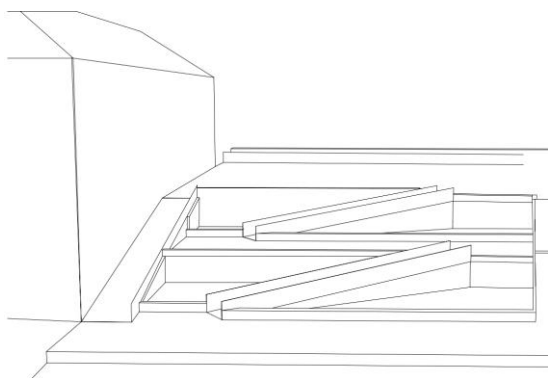


Figura 10 - Representação esquemática das rampas propostas

5.2. Proposta Arquitetónica

Para a intervenção arquitetónica propõe-se um espaço educativo Intergeracional destinado a população mais velha e aos jovens, funcionará como um centro de atividades extra curriculares que abrange atividades manuais como a marcenaria/carpintaria, técnica de vitral, técnica de azulejo, técnica de pintura e técnica de olaria, bem como, espaços de partilha de conhecimentos como salas de aulas teóricas, capazes de se transformarem em auditório e salas de estudo individuais e de grupo (Fig.11). No edifício também se propõe habitação temporária para responder à crescente procura à habitação, seja esta de longa ou de curta duração.

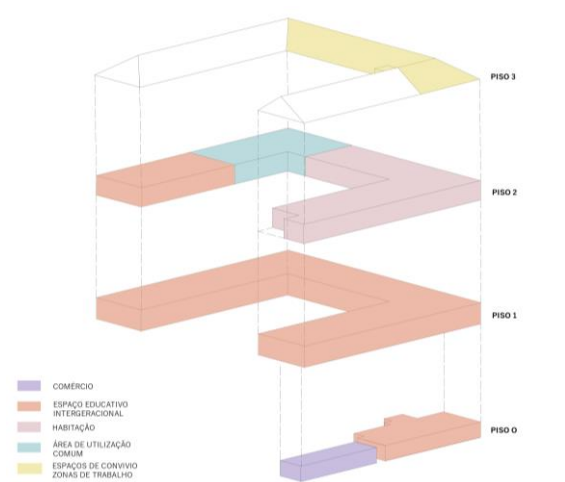


Figura 11 - Esquema de funções gerais do edifício

Sendo a freguesia da Ajuda caracterizada por uma população envelhecida, este tipo de programa promove o envelhecimento ativo e respeita as necessidades das diferentes faixas etárias, através da reabilitação dos espaços existentes, bem equipados, seguros e adaptando-os às necessidades comuns de cada um.

De acordo com as informações recolhidas, o edifício sofreu diversas alterações sendo que a Ala Sul é a que se mantém mais fiel à construção inicial, seguida da Ala Nascente. A Ala Norte apresentava problemas estruturais devido às excessivas cargas aplicadas, e como se tinha de solucionar esse problema optou-se por centralizar nessa ala uma maior intervenção a nível de reabilitação (Fig.12).

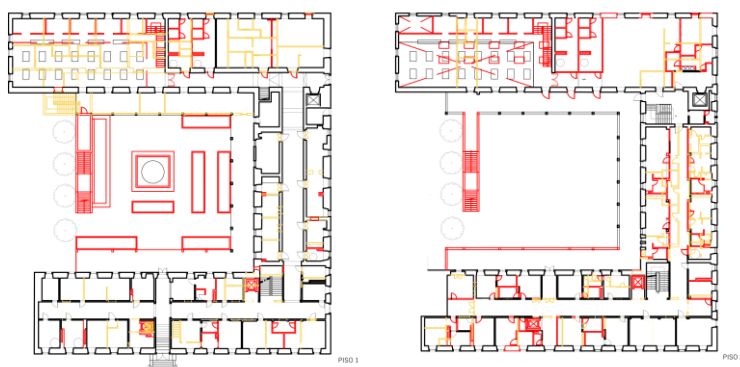


Figura 12 - Plantas de alterações Piso 1 e Piso 2

(VERMELHO= CRIAR; AMARELO= DEMOLIR E PRETO=MANTER)

Como o programa se verifica em dois usos diferentes, tornou-se imprescindível a definição dos locais de entrada, e em conformidade com a proposta urbana, definiu-se que o edifício deveria ter 2 entradas, das quais a principal seria localizada a Sul no Largo da Boa-Hora à Ajuda e a secundária na Ala Nascente acedida pela Rua do Guarda-Joias (Fig.13).

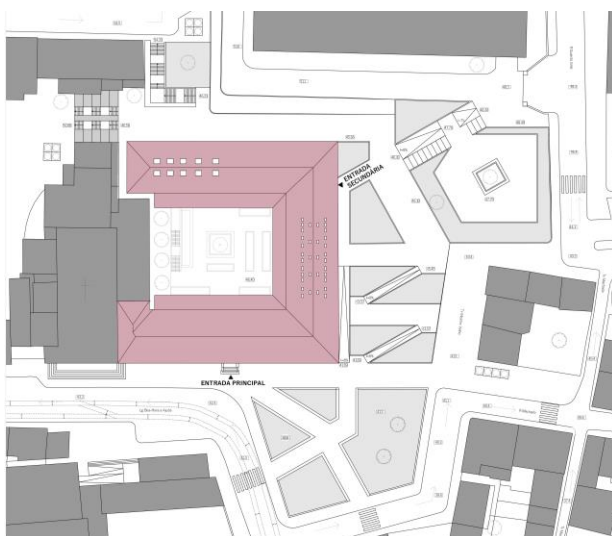


Figura 13 - Entradas para o edifício

Estas decisões sobre as entradas para o edifício tornaram-se também importantes aquando da divisão do programa no espaço (Fig.14), uma vez que o que se pretende é que o edifício esteja em proximidade com os eixos mais movimentados desta área para que tenha uma maior visibilidade e desperte a curiosidade aos visitantes.



Figura 14 - Axonometria explodida do programa

5.2.1. Espaço Educativo Intergeracional

O piso térreo organiza-se segundo duas lógicas distintas, por fazer frente rua com o Largo da Boa-Hora. Sendo um local onde o movimento de peões é acentuado tentou-se dinamizar economicamente a área ao propor comércio junto à Igreja da Boa-Hora. Para aceder ao comércio é necessário passar por uma antecâmara onde é possível aceder aos outros pisos por elevador. A restante área deste piso destinada ao Espaço Educativo Intergeracional, que se encontra separada da área comercial pela escadaria da entrada principal, desenvolve as atividades de pintura e da técnica de olaria.

Os acessos para este piso foram providenciados para que pudessem ser utilizados por todos, e nesse sentido, propôs-se um núcleo de escadas à semelhança do que já existia nos pisos superiores (Fig.15) e um elevador. Também aqui existe uma saída de serviço para a rampa adjacente ao edifício.



Figura 15 - Planta de alterações do piso 0

(VERMELHO= CRIAR; AMARELO= DEMOLIR E PRETO=MANTER)

As materialidades escolhidas para esta área foram pensadas do ponto de vista funcional, isto é, como são áreas com tendência para se sujarem decidiu-se que o revestimento das paredes seria o cerâmico e o pavimento seria o porcelânico (Fig.16), respetivamente.



Figura 16 – Revestimentos cerâmico para a parede e pavimento porcelânico, respetivamente

O piso 1 destina-se em exclusivo para o espaço educativo Intergeracional, apresentando uma lógica por Alas, respetivamente a Ala Sul, a Ala Nascente e a Ala Norte.

De acordo como a importância histórica do edifício, a Ala Sul foi a que se manteve mais idêntica ao que seria aquando da sua origem, e sendo a que apresenta melhor condição de iluminar o espaço, estabeleceu-se que os espaços educativos teórico-práticos seriam todos colocados nesta Ala. Também nesta Ala se destaca a vista sobre o rio (Fig.17).

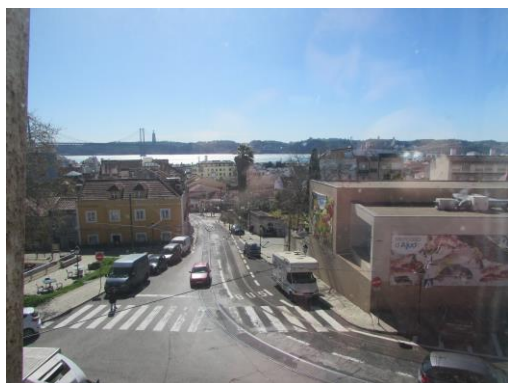


Figura 17 - Vista de uma das janelas da Ala Sul para o exterior (situação atual)

Todo o edifício se organiza de modo a privilegiar os amplos corredores existentes (Fig. 18), que se considera parte importante e necessária para a orientação espacial dos utilizadores, essência que já existia e que foi reforçada durante o ato projetual. Para que os corredores não fossem sombrios providenciou-se sempre que possível a iluminação natural e a cor das paredes clara para refletir a luz.



Figura 18 - Corredor da Ala Sul (Pré-existência)

Este piso, à semelhança do que se passa no piso térreo, segue 2 lógicas marcadas pela escada (Fig.19) que marca a transição da rua para o interior do espaço tornando-se assim um eixo de ligação importante e que se reforça nas escolhas projetuais. As escadas funcionam como um elemento de orientação espacial, assumido como o eixo principal do edifício e que permite aceder a um espaço interior público, o pátio interior.



Figura 19 - Entrada principal para o edifício (vista de dentro)

No que respeita às materialidades desta Ala Sul, a estratégia passou por manter o pavimento e o rodapé (Fig.20) e retirarem-se os revestimentos cerâmicos da parede substituindo por Tinta de Silicatos à cor Bege, estas alterações pretendem dar harmonia ao ambiente. A única materialidade que não se alterou, no que respeita a revestimento de

parede, foram os azulejos de cerâmica portuguesa (Fig.21) que se localizam no compartimento da entrada principal do edifício.

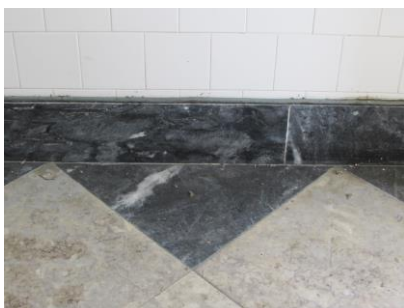


Figura 20 - Pavimento em pedra mármore em 2 tons, bege e preto e rodapé em pedra mármore preto



Figura 21 - Azulejos de cerâmica portuguesa localizados no eixo principal do edifício

Pretende-se que o pátio seja uma área onde o apelo aos sentidos surjam como forma de interação, propõe-se espaços de convívio e permanência, onde os elementos naturais se destacam. Desde os quais a água que cai sobre uma cascata artificial que se localiza por baixo das escadas e que apela à audição transmitindo calma, os canteiros de hortas de cheiros que demarcam um percurso e apelam ao paladar e ao olfato. Este espaço exterior permite ao utilizador deambular perto da natureza e observar o que de mais belo esta pode ter como é o caso da árvore Araucária (Fig. 22) que se encontra em vias de extinção em Portugal e que no percurso do pátio se destaca.



Figura 22 - Árvore Araucária

A materialidade que mais se sobressai no pátio é o pavimento em lajetas de betão (Fig.23) de 5 dimensões diferentes, que criam uma dinâmica ao espaço que se encontra muito ritmado pelos canteiros destinados à horta de cheiros. Também as escadas exteriores que permitem aceder à galeria do piso superior são em estrutura de betão armado e revestidas de pedra nos degraus.



Figura 23 - Lajetas de betão com 5 formatos que criam um padrão

No interior do edifício, do lado esquerdo da escada, localizam-se zonas de trabalho individual e zonas de trabalho em grupo, bem como, instalações sanitárias e uma antecâmara onde existe o elevador que permite aceder aos restantes pisos. Este espaço apesar de pertencer ao Espaço Educativo Intergeracional pretende-se que o seu horário de funcionamento seja mais alargado para que possa servir a comunidade e os habitantes do edifício.

Ao lado direito das escadas localiza-se a secretaria, a sala dos funcionários e a sala de reuniões, com vista para o pátio interior e 4 salas de aula de cariz teórico-prático cada uma com uma pequena zona de laboratório e zona de arrumos partilhada, que pelas suas necessidades alumínicas tem vista privilegiada sobre a cidade.

A Ala Nascente, no piso 1, apresentou uma dificuldade acrescida dadas as dimensões dos compartimentos, decidiu-se que seriam 2 salas destinadas a trabalhos manuais de artesanato, sendo que 1 delas evidencia a sua beleza natural pelo revestimento de parede dos azulejos da época (Fig.24).



Figura 24 - Azulejos pré-existent

Possui também uma sala de estudo e um gabinete de apoio ao utilizador, bem como, instalações sanitárias.

A Ala Norte, é a que funciona de forma diferente das restantes, não só em termos espaciais por o corredor deixar de ser central, mas também pelo programa que aqui se definiu. Assim no piso 0, junto à entrada da Ala Nascente existem duas salas de aula de cariz teórico, que tem a possibilidade de se tornar em apenas uma ao se rebaterem os painéis amovíveis. Tem também duas instalações sanitárias com balneários que se servem de apoio à oficina de marcenaria/carpintaria que se localiza ao lado.

Na área de oficina de carpintaria a estratégia projectual baseou-se num espaço amplo e fluído onde se tira partido das características do edifício, das quais se destacam as asnas de madeira e os vãos exteriores existentes. Nesse sentido, providenciou-se que o espaço tirasse partido do duplo pé direito e que tivesse diferente níveis de trabalho, no piso

de baixo existem bancadas de trabalho individual destinados ao trabalho manual e umas pequenas zonas partilhadas para o trabalho digital. O piso de cima mais áreas de trabalho partilhadas, e onde se consegue observar o que se passa no piso inferior (Fig.25).



Figura 25 - Representação esquemática da área das oficinas

Para a estrutura da oficina propõe-se a criação de uma laje colaborante, que modela o espaço e que lhe confere um aspeto industrial, permitindo aceder ao piso de cima por um mezanino composto por escadas em degrau de gradil (Fig. 26).



Figura 26 - Degrau de Gradil

5.2.2. Habitação

O piso 2 destina-se à habitação temporária tendo sido criados dois tipos de habitação que foram desenvolvidos em Alas diferentes, respetivamente, a Ala Sul e a Ala Nascente.

Na Ala Sul criaram-se módulos de quartos, com capacidade para 2 pessoas, com instalação sanitária privativa. Os utilizadores deste espaço podem tomar as suas refeições na copa, bem como, conviver numa sala de estar. Também aqui tem ao dispor um serviço de lavandaria.

Os módulos de quarto foram projetados de modo a extrair o máximo partido da área existente, daí que a organização espacial seja sempre em função da forma retangular e que existam casos em que as instalações sanitárias não têm ventilação natural.

A Ala Nascente destina-se também à habitação local onde existem 4 apartamentos de tipologia T0, pensados para estadias com maior duração.

Nesta Ala sentiu-se a necessidade de esconder a estrutura que suporta o edifício, e por isso, os apartamentos são de forma rectangular, para que tirem partido da luz natural evitando que os espaços sejam encerrados e para que se mantivesse a ideia de circulação fluida que acontece no resto do edifício.

A iluminação natural atua em conformidade com as materialidades e cores propostas, criando atmosferas simples de perceber. Para poder ter zonas de penumbra sugere-se o uso de cortina. A iluminação artificial aparece como complemento, sendo colocada de modo a permitir o uso dos diferentes espaços transmitindo conforto aos utilizadores.

A estratégia dos materiais aqui aplicados visa o conforto que se tratando de um espaço pequeno apenas os acabamentos poderão dar uma sensação de bem-estar. Para o pavimento propõe-se taco de madeira envernizada, com exceção da instalação sanitária que se colocou pavimento porcelânico.

A organização espacial dos apartamentos adapta-se à estrutura e daí resulta que 3 deles possuam uma zona de descanso, uma sala de estar, uma zona de refeição com um módulo de cozinha e uma instalação sanitária, e que o último tenha uma menor área e por esse motivo não ter sala de estar.

Nos 4 apartamentos a cozinha (Fig. 27) é um módulo de dimensões pequenas que se adapta à parede, dando a sensação de um espaço não fracionário, mas que comunica com o espaço edificado.



Figura 27 - Módulo de cozinha dos apartamentos

Os corredores apesar de se destinarem à circulação dos utilizadores também possuem armários embutidos que permitem arrumos, estes armários solucionaram o problema do espaço pré-existente muito fragmentado.

A transição da Ala Nascente para a Ala Norte está marcada pelas escadas que vêm do piso inferior e aqui localiza-se a área dos funcionários do refeitório e a antecâmara de acesso tanto para a área do refeitório como para a área de cozinha, que se localizam já na Ala Norte.

Ainda neste piso existem mais duas instalações sanitárias com balneários que servem não só os utilizadores do refeitório, mas também o mezanino das oficinas, onde a transição de um espaço para o outro é direto.

5.2.3. Zona de estudo/trabalho

O piso 3, apesar de ter uma lógica de funcionamento diferente da aplicada nos outros pisos uma vez que aqui não existe o corredor como orientador espacial, surge da necessidade do aproveitamento da área de cobertura e das suas potencialidades para criar uma área de estudo.

Aceder a este piso é possível através das circulações verticais da Ala Sul e da Ala Nascente, sendo que a da Ala Sul é a única que permite a mobilidade reduzida aceder a este local.

Ao aceder pela circulação vertical da Ala Sul, assim que se chega, existe um espaço de encontro que serve de antecâmara (Fig.28) para a sala de estudo/trabalho (Fig.29). Este espaço de antecâmara pretende-se que seja um espaço de encontro e de convívio, por isso, nele se encontraram sofás onde as pessoas podem relaxar.

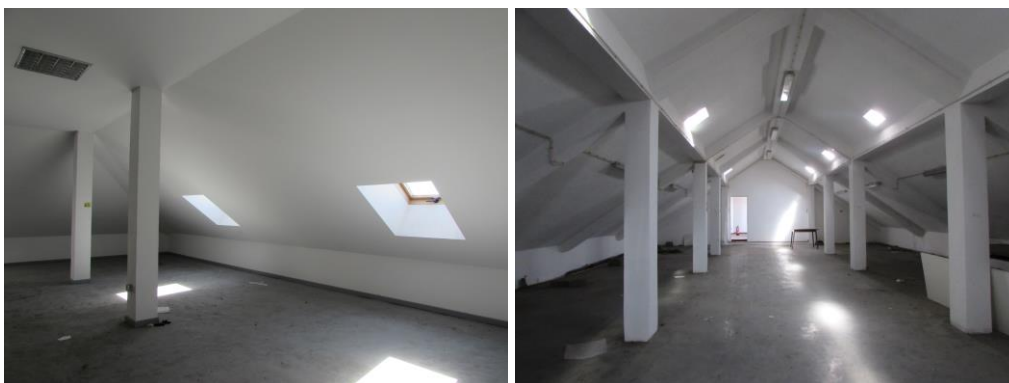


Figura 28 - Antecâmara de acesso para a sala de estudo/trabalho (à esquerda)

Figura 29 - Espaço destinado à sala de estudo/trabalho (à direita)

A sala de estudo é o local onde os conceitos de luz, cor e matéria são facilmente reconhecidos. Aqui a intenção projectual passou por dotar o espaço de maior conforto através de novas entradas de luz e de materiais que transmitam conforto ao utilizador. Nesse sentido, aproveitou-se os pilares existentes para marcar uma ordem na organização destas zonas de trabalho que serviu de base para a criação do mobiliário.

O mobiliário para este espaço foi pensado para tirar o máximo proveito da área, criando módulos de trabalho (Fig.30) que resultam da distância entre os pilares e por isso apresentam dimensões diferentes. A estrutura do mobiliário é metálica e o tampo em MDF sendo que entre os pilares existe um pequeno espaço de apoio composto pelo mesmo tipo de tampo e uma prateleira por baixo, à exceção do que acontece nos últimos pilares onde o espaço foi aproveitado para ter um armário.

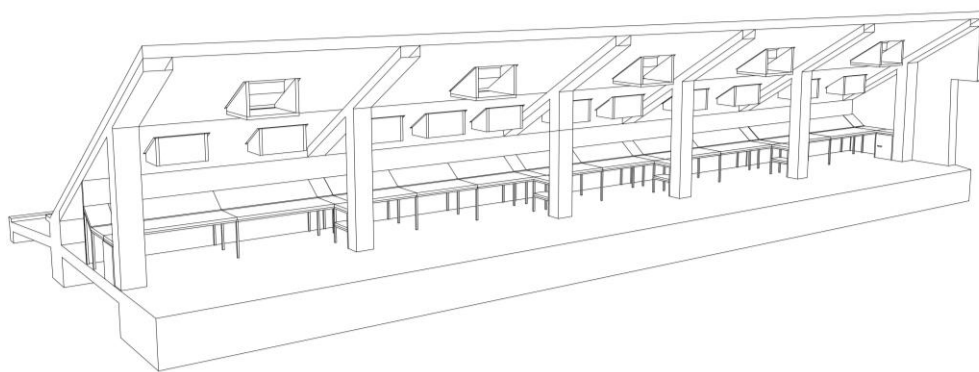


Figura 30 - Relação entre a estrutura existente e os módulos de trabalho criados

Do ponto de vista do utilizador, providenciou-se que este não tenha a sensação de estar a afunilar sobre a inclinação proveniente da cobertura, e por esse motivo, decidiu-se colocar paredes de pladur que quebram visualmente a inclinação (Fig.31).

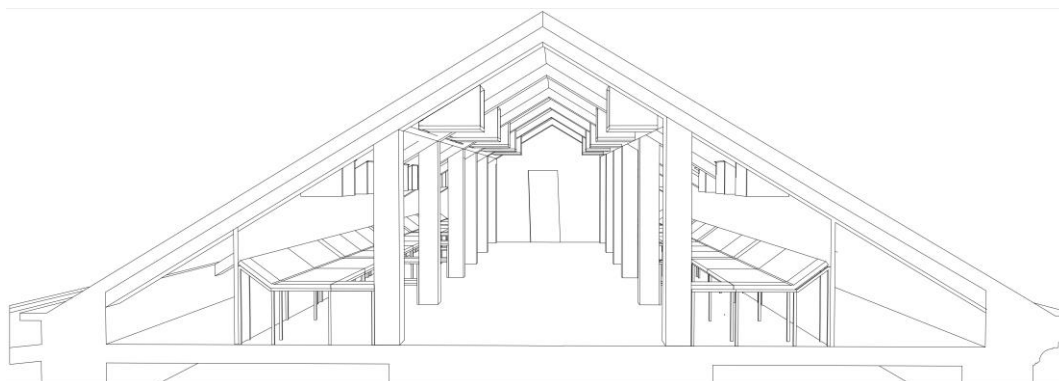


Figura 31 – Perspetiva do espaço de estudo/trabalho e seus elementos

As secretárias de trabalho (Fig.32), foram criadas à semelhança de todos os restantes mobiliários, criados pelo autor do documento, onde se utilizou sempre o elemento frio da estrutura metálica e o quente da madeira ou seus derivados.

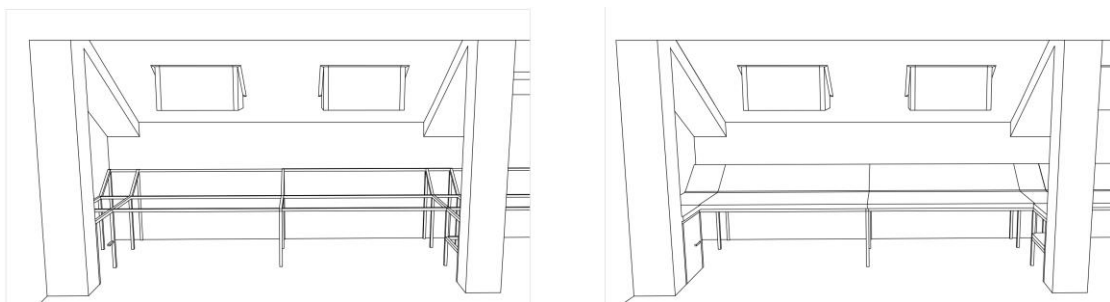


Figura 32 - Representação da estrutura da secretária, à esquerda; Representação da secretária de trabalho, à direita

As secretárias têm dois tipos de tampo, um plano e outro inclinado, sendo este último idealizado para colocar livros.

Sobre os tampos secretária criaram-se umas caixas de madeira que direcionam a luz natural (Fig.33), como um ducto de luz, para o tampo plano da secretária de trabalho.

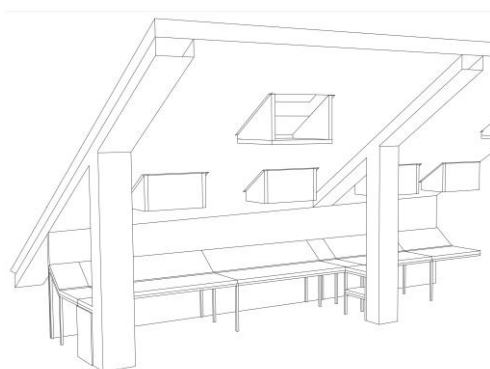


Figura 33 - Representação da relação entre as caixas de madeira que direcionam a luz para o tampo da secretária

A área de circulação neste espaço, também tem entradas de luz zenital, e aqui a incidência da luz pretende-se que seja como uma “prateleira de luz” que cria uma luz difusa sobre o corredor.

Para existir uma continuidade direcional da luz entre o dia e a noite, preconiza-se o uso de um ponto de luz nestas “caixas de luz” criadas.

Para o pavimento escolheu-se o soalho de madeira de carvalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho procurou-se projetar espaços que fossem capazes de satisfazer as necessidades de todos, acreditando que esta é a única forma para que os utilizadores se permitiam ser eles próprios nos espaços em que habitam. Entrou-se numa temática sensível, pois todo o ser humano é único e possui a sua própria forma de sentir e viver os espaços que é influenciado por questões sociais, culturais, religiosas e até políticas.

O programa e o projeto foram desenvolvidos de forma a interpretar as potencialidades do edifício pré-existente, atribuindo novos usos que envolvessem e relacionassem a comunidade ativamente. Procurou-se intervir sempre que possível sobre o existente tentando minimizar as alterações físicas ao edificado, e quando tal não foi possível procurou-se soluções que fossem ajustadas, para que o conjunto continuasse a fazer sentido.

O projeto apresentado reflete os valores individuais e a visão social sobre as questões estéticas e programáticas, nunca esquecendo a forma como as suas decisões impactam sobre o conforto dos utilizadores.

Pretendeu-se mostrar algumas das muitas soluções que o espaço arquitetónico poderia assumir, porque se considera que não existem nem soluções definitivas nem únicas e que todas têm de ser objeto de estudo por parte do arquiteto.

A relação que o Homem estabelece com a atmosfera resulta da forma como ele descodifica o que vê. Aqui a arquitetura pode e deve ser capaz de criar reações ao habitante, recorrendo aos sentidos de que o Homem é dotado, moldando-os e trabalhando-os de modo a tirar partido dos mesmos.

É na fase de projeto que o arquiteto deve estabelecer que tipo de atmosferas quer transmitir aos utilizadores, razão pela qual é imprescindível considerar o utilizador como parte integrante e objeto final do seu trabalho. Considerar o utilizador é uma tarefa com

alguma complexidade, e por isso, procuraram-se características e objetivos comuns aos seres humano como a ergonomia e o conforto, conceitos que deveriam estar sempre presentes no ato de projetar.

A orientação espacial foi uma das questões abordadas no ato projetual. Através de ambientes que permitem ao utilizador captar de forma clara e precisa o que o rodeia, permite que este saiba que tipo de comportamento deve ter perante as circunstâncias e aqui a luz teve um papel essencial. A luz ao permitir a visão também permite que o utilizador contacte com os materiais, a sua textura, o seu cheiro e tudo isto contribuirá para a sensação de bem-estar que se procura.

Devido às limitações de tempo, não foi possível aprofundar com o mesmo grau todos os espaços deste projeto, no entanto, procurou-se focalizar a atenção em certos elementos como as oficinas de trabalho e a zona de estudo no piso da cobertura. O pensar mais aprofundado permitiu experimentar uma postura diferente na relação com o projeto, e arriscar sobre soluções até então nunca pensadas como foi o caso da aplicação da laje colaborante.

Por fim, considera-se que os objetivos iniciais tenham sido alcançados, muito embora, se considere que este é um processo sem fim.

BIBLIOGRAFIA

Baeza, C. (2013) *A ideia construída*. Caleidoscópio.

Choay, F. (2001) *A Alegoria do Património*. Editora Estação Liberdade.

Carvalho, M. C. B. N. M. de (2012) «*Relações Intergeracionais Alternativa para minimizar a exclusão social do idoso*». (REVISTA PORTAL de Divulgação, n.28. Ano III)

Flores, Joaquim Moura (1998) *Panorâmica da conservação, protecção, reabilitação e requalificação em Portugal*. Exemplos e temas, in COUCEIRO, João, coord. - Urbanidade e património, Lisboa, IGAPHE: URBE, pp. 11-27.

Gracia, F. (1992) *CONSTRUIR EN LO CONSTRUIDO: La arquitectura como modificación*. Editorial NEREA.

Jason, A., & Tigges, F. (2014). *Fundamental Concepts of Architecture-The Vocabulary of Spatial Situations*. Basel: Birkhäuser.

José (2008) *Património Cultural e os Paradigmas da Conservação e da Reabilitação*; Disponível em: http://www.oasrn.org/3R/conteudos/areareservada/areareservada6/3R-S1-C1_Aguiar.pdf.

Lynch, K. (1960) *A Imagem da Cidade*. Edições 70.

Mascarenhas, J. (2018) *Cidades e Territórios - Inteligentes, Sustentáveis e Inclusivos*. Livros Horizonte.

Norberg-Schulz, C. (1980) *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. Londres: Academy Editions.

Pallasmaa, J. (2012) *Os olhos da Pele*. Reino Unido: John Wiley & Sons Ltd.

Palmeirão, C. (2008) «*A Educação Intergeracional no horizonte da Educação Social: compromisso do nosso tempo*», em *Cadernos de Pedagogia Social*.

Rasmussen, S. E. (1998) *Arquitetura Vivenciada*. 2ª Edição. Martins Fontes.

Ruskin, J. (2008) *A Lâmpada da Memória*. Coleções A. Ateliê Editorial.

Távora, F. (2006) *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações.

Zumthor, P. (2009) *ATMOSFERAS*. Editorial Gustavo Gili.

Teses:

Chaves, R. (2018) *Arquitetura Inclusiva em Marvila. - Luz, cor e matéria como ferramentas de Projeto*. FAUTL

Franco, Mariana (2016). *Projectar com Luz como Estratégia de Reabilitação - Intervenção no Antigo Asilo de Torre de Moncorvo e na Capela do Convento de São Francisco*. FAUTL

Furtado, M. M. G. de J. (2016) *Diálogo entre o novo e o existente como estratégia de abordagem ao projecto*. FAUTL.

Guerra, L. F. de N. (1992) *Masterplan do eixo da Calçada da Ajuda: o estudo de uma nova urbanidade*. Universidades Lusíada.

Loução, M. D. (1993) *COR: natureza, ordem, percepção*. FAUTL

Nunes, L. (2009) *Promoção do Bem-Estar Subjectivo dos Idosos através da Intergeracionalidade*.

Oliveira, S. (2018) *A educação intergeracional como processo de desenvolvimento pessoal e social*. Ferreira, I. (2017) *Educação Intergeracional como Estratégia de Promoção do Envelhecimento Ativo: Análise de necessidades de uma comunidade local, enquanto via fundamentadora de projetos relevantes e sustentáveis*.

Pernão, J. (2012) *A cor como forma do espaço definida no tempo*. FAUTL

Pernão, J. (2005). *Interpretação da Realidade como Variação da Cor pela Luz no Espaço e no Tempo*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa.

Romão, A. (2017) *A Luz como elemento qualificador do espaço arquitetónico: Centro de Dança Contemporânea na Manutenção Militar*.

Sousa, I. (2019) *ARQUITETURA DE PROXIMIDADE ENTRE GERAÇÕES Reabilitação da Quinta da Marquesa em Carnide como Lugar intergeracional*.

Veloso, J. (2018) *LUZ, COR E MATÉRIA: COMO ELEMENTOS QUALIFICADORES EM REABILITAÇÃO*.

Villas-Boas, I. (2017) *EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DO ENVELHECIMENTO ATIVO - Análise de necessidades de uma comunidade local, enquanto via fundamentadora de projetos relevantes e sustentáveis*.

Online:

Junta de freguesia da ajuda. História da Freguesia; Disponível em: <http://www.jf-ajuda.pt/page/histria-da-freguesia>; Acedido a 10/11/2018

Junta de freguesia da ajuda. História das Ruas;

Disponível em: <https://jf-ajuda.pt/historia-das-ruas/>; Acedido a 10/11/2018

Junta de freguesia da ajuda. História dos Monumentos;

Disponível em: <https://jf-ajuda.pt/monumentos/>; Acedido a 10/11/2018

Lisboa interativa. Temática>Cartografia>Cartografia Histórica.;

Disponível em: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>; Acedido a 10/11/2018

PORDATA – Base de Dados de Portugal Contemporâneo. Índice de Envelhecimento;

Disponível em: <https://www.pordata.pt/Europa/Índice+de+envelhecimento-1609>; Acedido a 14/04/2019

Schielerke, T. (2013) *Light matters: Louis Kahn e o Poder da Sombra*.

Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-112181/light-matters-louis-kahne-o-poder-da-sombra>; Acedido a 20/12/2018

Construir uma cidade para todos >

Disponível em:

<https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/ageing/envelhecimento.html>;

<https://www.unric.org/pt/envelhecimento>;

<https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/ageing/idosos-final.pdf>; Acedido a 20/04/2019

Educação e Formação em Portugal >

Disponível em:

[http://www.dgeec.mec.pt/np4/97/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=147&fileName=educacao_formacao_portugal.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/97/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=147&fileName=educacao_formacao_portugal.pdf); Acedido a 20/04/2019~

Projeto TiO – Terceira Idade Online>

Disponível em:

http://weblog.maimonides.edu/gerontologia2007/2007/07/projecto_tio_terceira_idade_on.html; Acedido a 18/04/2019

Projeto Net@vô >

Disponível em: <http://www.viver.org/netavo/oque.html>; Acedido a 18/04/2019

Casa Daylight House - Takeshi Hosaka>

Disponível em: http://www.hosakatakeshi.com/english/works-projects_en/daylight_en.html; Acedido a: 10/01/2019

Escola Braamcamp- Freire>

Disponível em: <http://www.cvdbarquitectos.com/escola-secundria-braamcamp-freire-braamcamp-freire-school/kh1cty58k5iy8sdglthspbk2o2lkz>; Acedido a 20/12/2018

Centro Multigeracional da Skynew>

Disponível em: <http://rjmdesigngroup.com/projects/skyview-multi-generational-center-and-park/>; Acedido a 22/10/2019

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

Anexo I – Evolução urbana da área envolvente

Anexo II – Projeto uma praça em cada bairro Largo da Boa-Hora

Anexo III – Projeto Uma praça em cada Bairro Largo do Rio-Seco

Anexo IV – Processo de trabalho

Anexo V – Maquetes urbanas

Anexo VI - Painéis 1ª Fase (Documento provisório)

Anexo VII – Maquetes finais

Anexo VIII – Painéis Finais

Anexo I – Evolução urbana da área envolvente

Cartografia Duarte Fave 1807



Cartografia Silva Pinto 1911

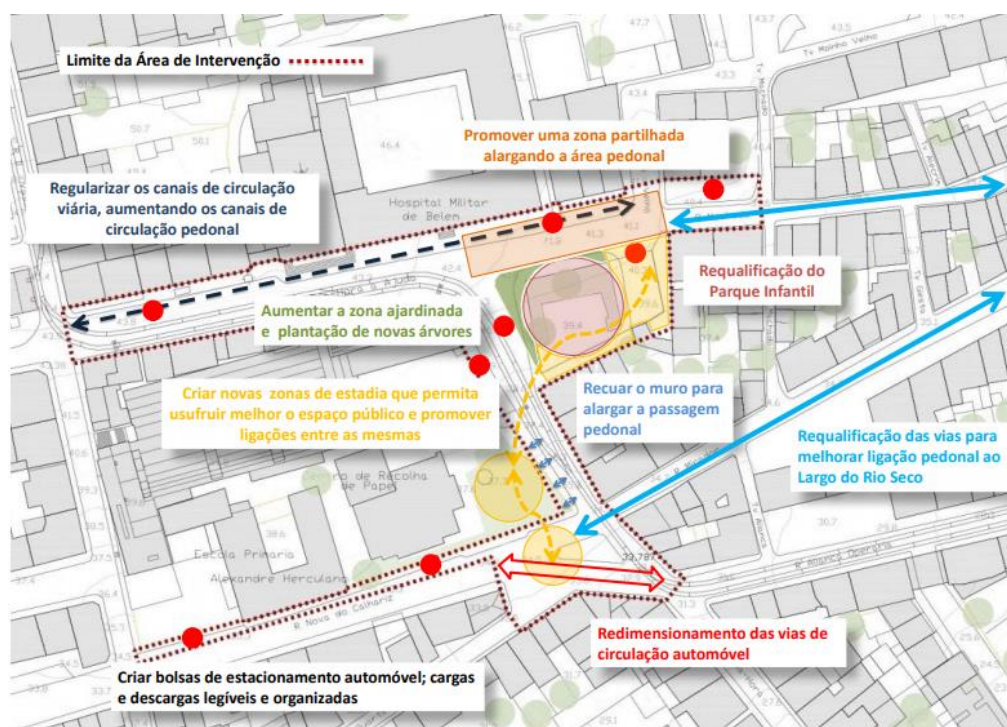


Anexo II: Projeto uma praça em cada bairro: Largo da Boa-Hora à Ajuda

Análise SWOT

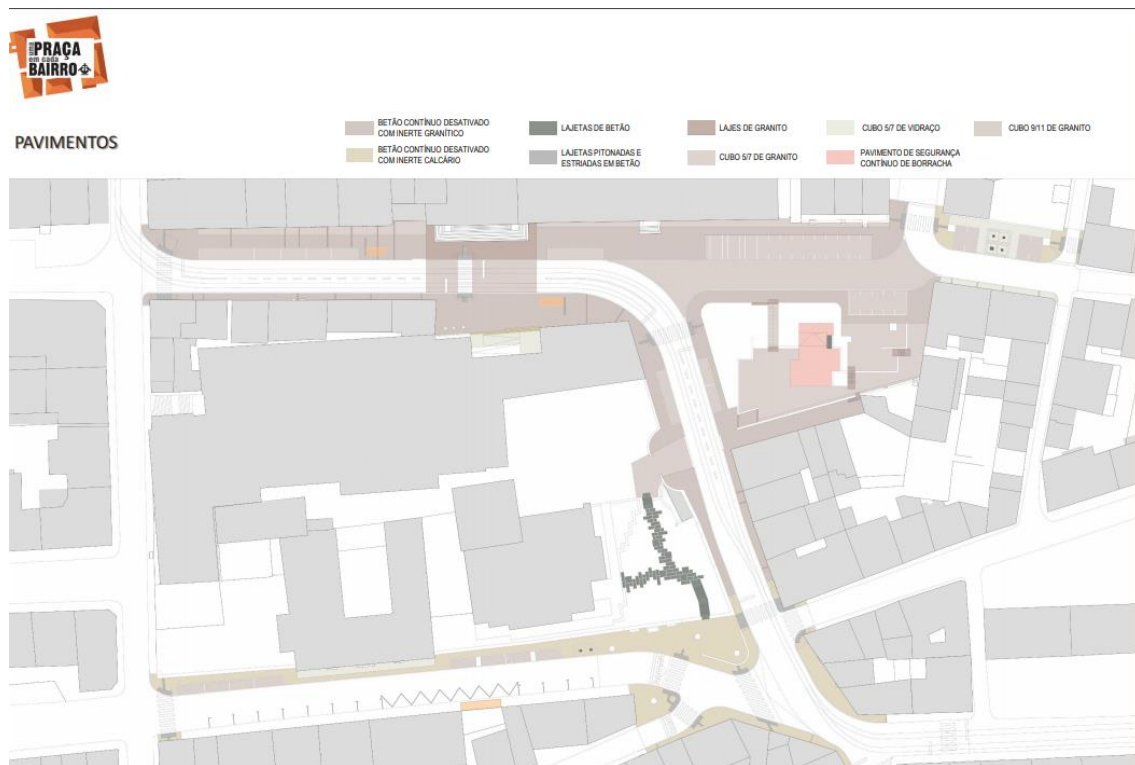
Forças	Fraquezas
Igreja Mercado Rede de transportes públicos Supermercado Proximidade com a Travessa Boa Hora à Ajuda (principal núcleo comercial do Bairro) Escola Primária de Alexandre Herculano, Parque Infantil	Descaracterização do espaço público Anarquia dos sistemas viários e de transportes públicos Subaproveitamento do espaço verde
Oportunidades	Ameaças
Reaproveitamento do Hospital Militar de Belém Reformulação do espaço destinado à higiene urbana	Encerramento do Hospital Militar de Belém

Linhas de intervenção





Materialidade de Pavimentos



Proposta



PLANO GERAL DE APRESENTAÇÃO



Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro/largo-da-boa-hora>; Acedido a 10/02/2019

Anexo III – Projeto Uma praça em cada Bairro Largo do Rio-Seco

Análise SWOT

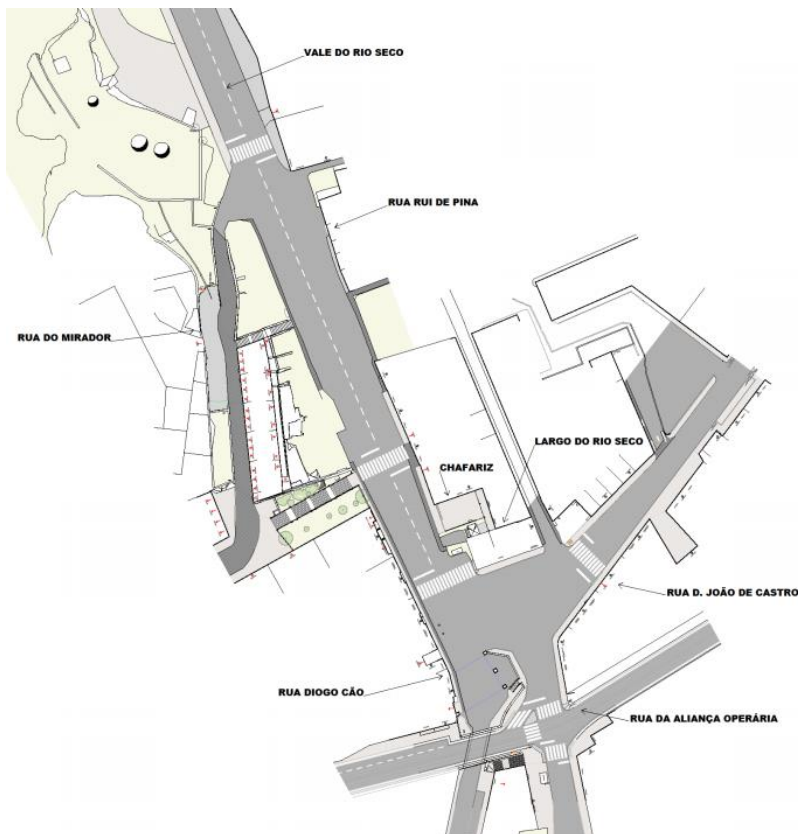
Participação Pública	Linhas de Ação Principais	Análise SWOT
Forças		Fraquezas
Polo de confluência do Bairro do Rio Seco (entrada/saída do bairro); Porta de entrada no Parque Urbano do Rio Seco		Descaracterização do espaço público; Anarquia da rede viária; Conjunto edificado de baixo valor arquitetónico
Oportunidades		Ameaças
Demolição do antigo Mercado (encerrado); Aproveitar a sinergia da construção do Parque Urbano do Rio Seco, para através do reperfilamento da Rua Eduardo Bairrada reforçar a continuidade da estrutura verde para o Largo;		Peso do estacionamento no ordenamento do espaço público; Edificado em mau estado de conservação;

Esquema de Mobilidade

Área Envolvente



Processo de requalificação urbana: antes e depois

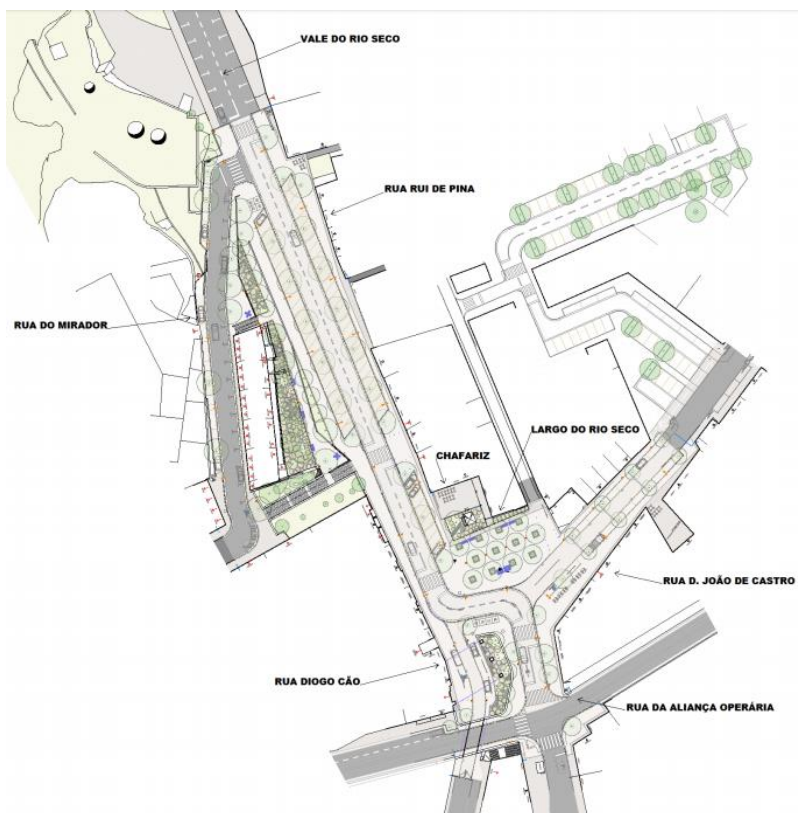


Largo do Rio Seco

Programa "Uma praça em cada Bairro"

ANTES

PLANTA GERAL



Largo do Rio Seco

Programa "Uma praça em cada Bairro"

DEPOIS

PLANTA GERAL

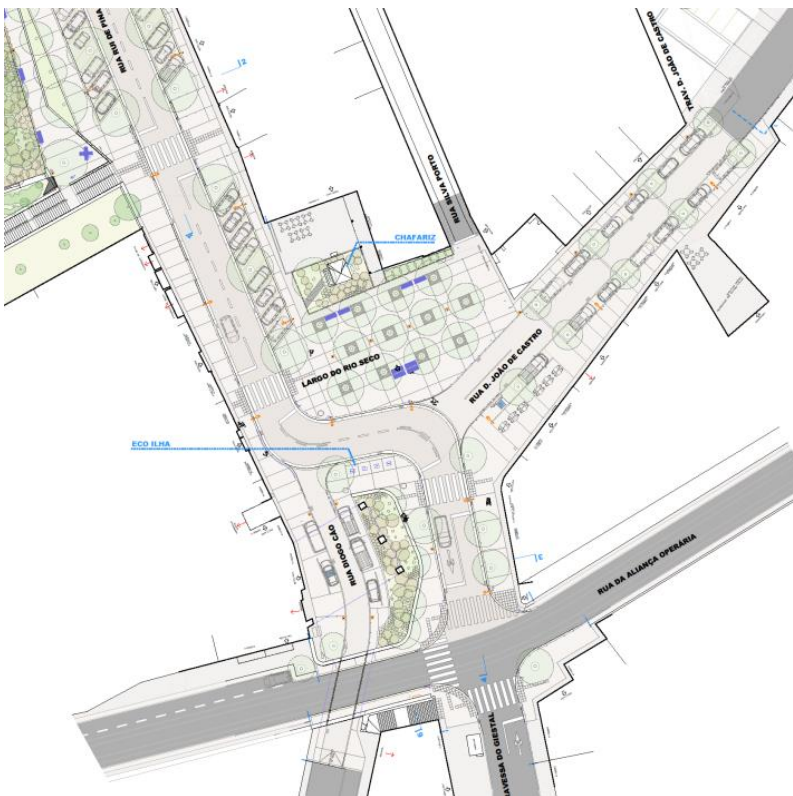


Largo do Rio Seco

Programa "Uma praça em cada Bairro"

A ALAMEDA

MAIS ESPAÇO PEDONAL
PASSEIOS MAIS LARGOS
MELHORES ACESSOS
ESTACIONAMENTO
NOVO JARDIM
ÁRVORES
ESPAÇOS VERDES
ESCADAS CONFORTÁVEIS
EQUIPAMENTO URBANO
ECO-ILHA



Largo do Rio Seco

Programa "Uma praça em cada Bairro"

O LARGO

MAIS ESPAÇO PEDONAL
PASSEIOS MAIS LARGOS
ZONAS DE COEXISTÊNCIA
EQUIPAMENTO URBANO
MURO - BANCO
ÁRVORES
ESPAÇOS VERDES
ECO-ILHA CENTRAL
ESPLANADAS

Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro/largo-do-rio-seco> ; Acedido a 10/02/2019

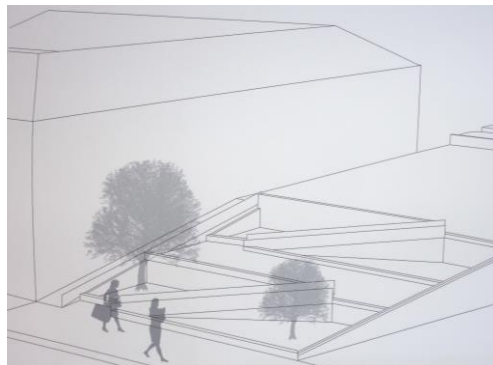
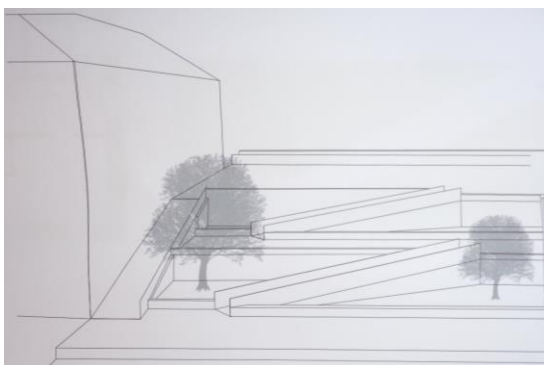
Anexo IV – Processo de trabalho

A circulação automóvel e novos espaços verdes

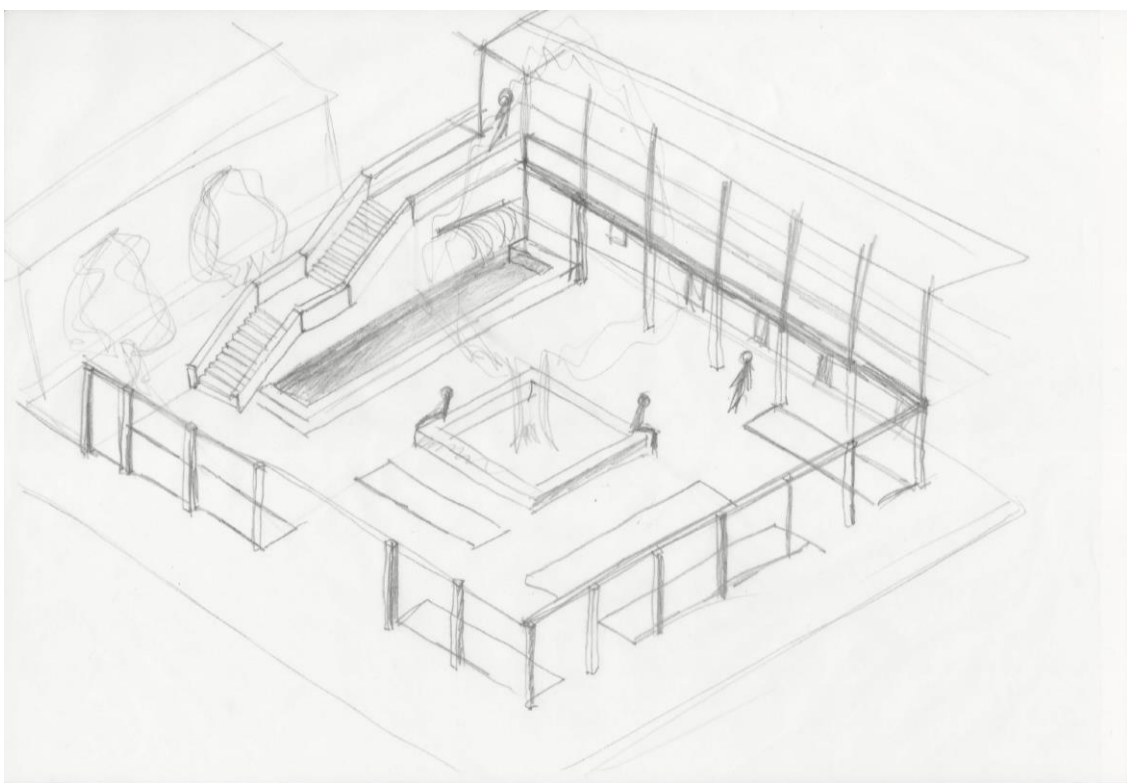


Rampas propostas

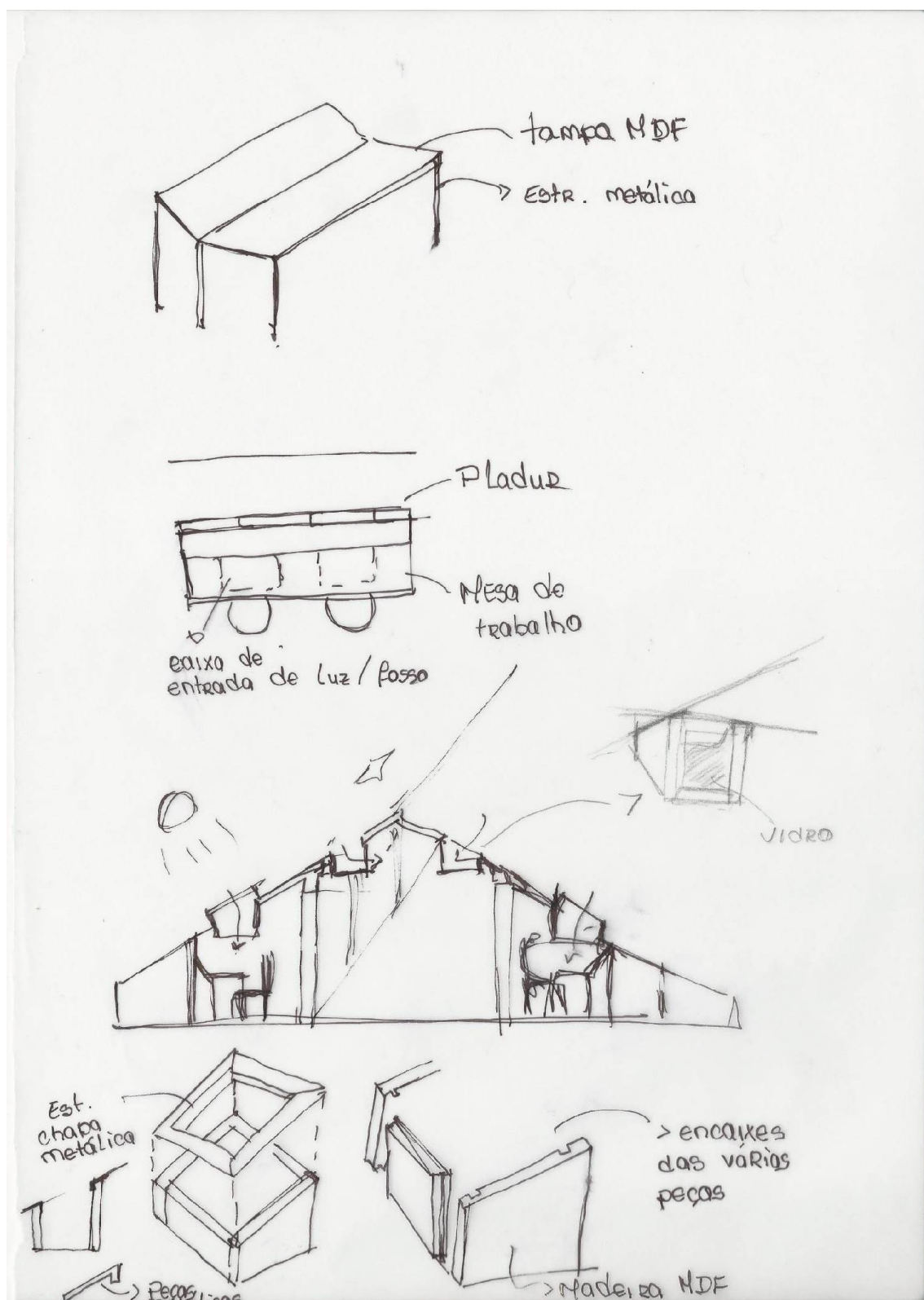


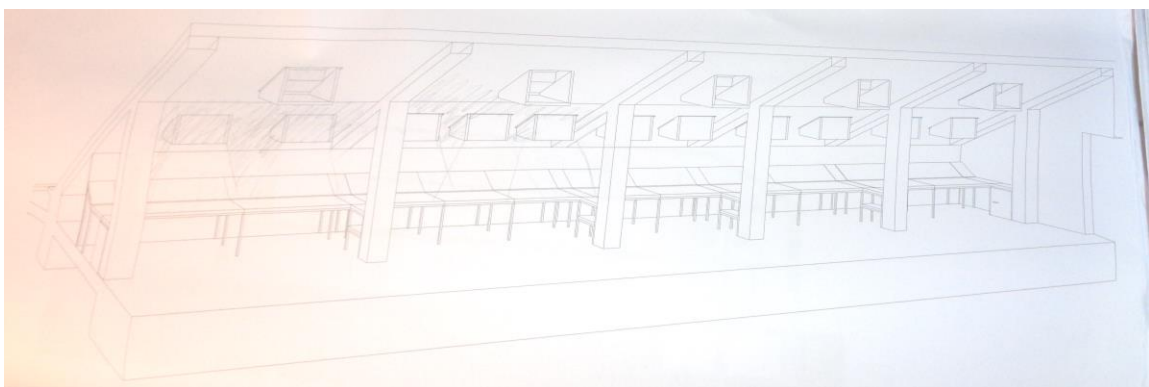
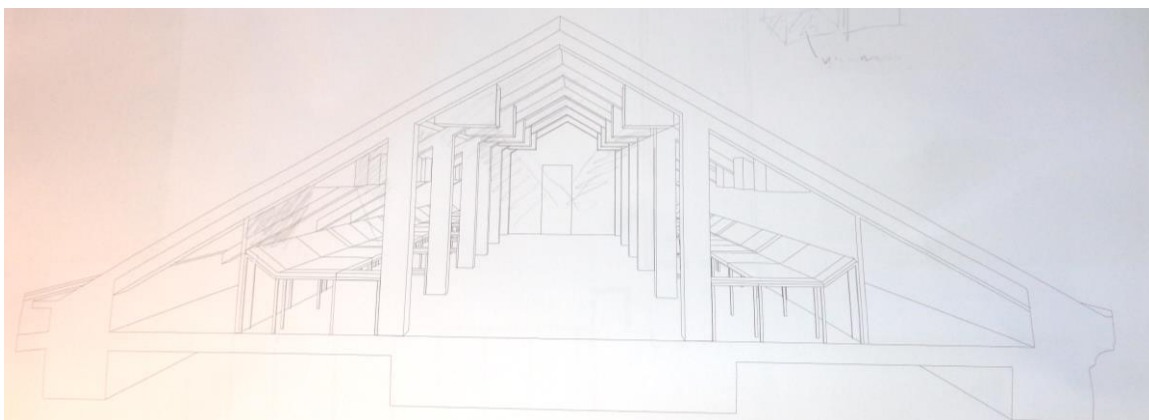
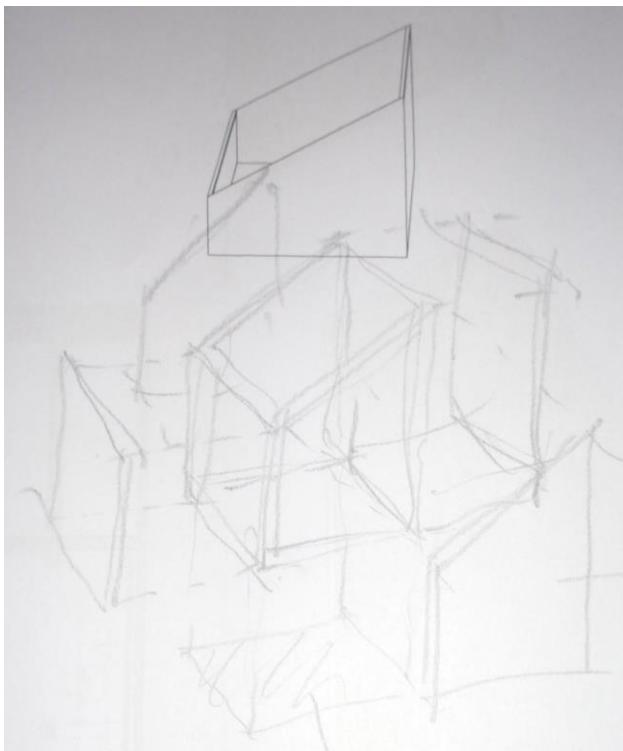


Intervenção no pátio

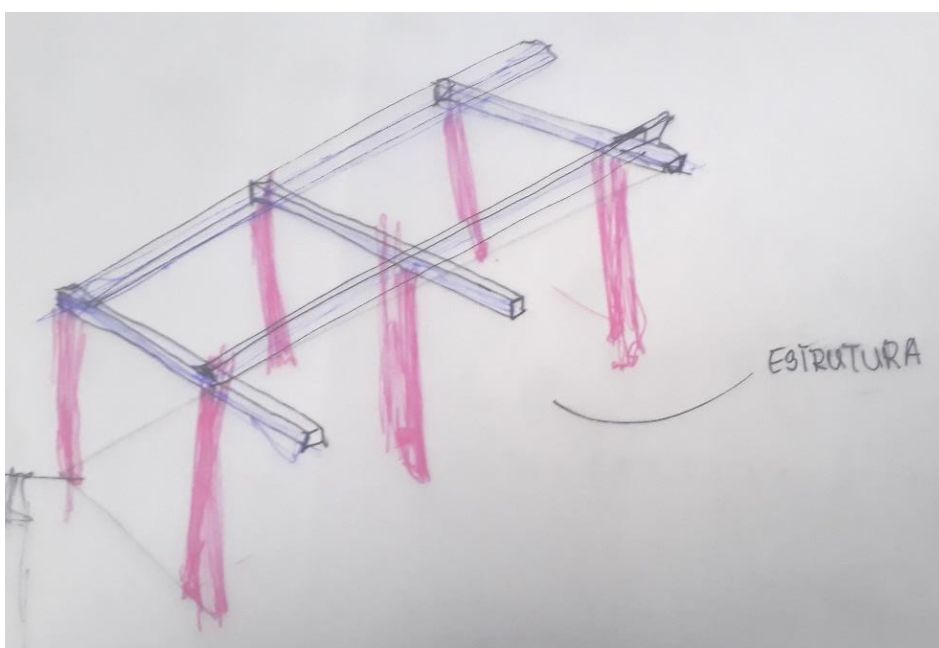
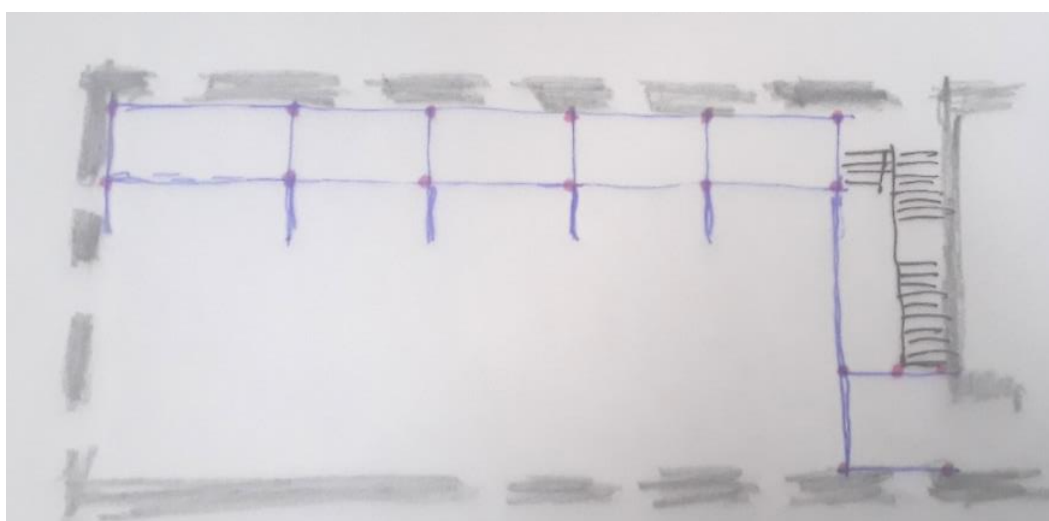
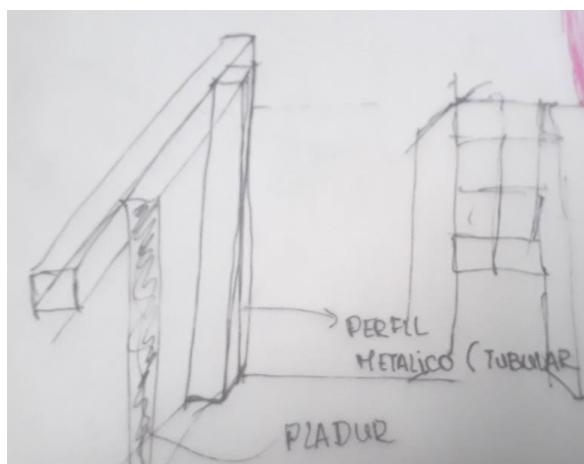


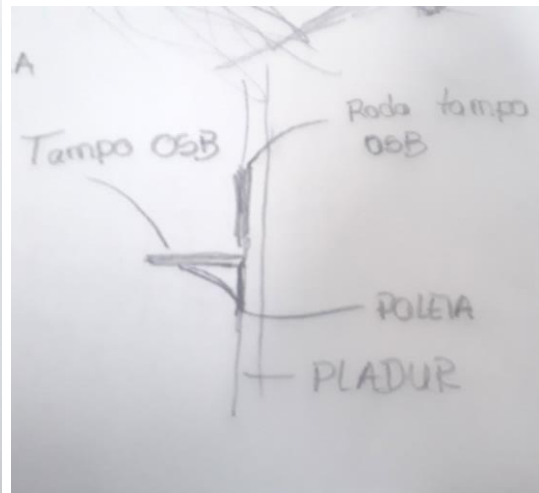
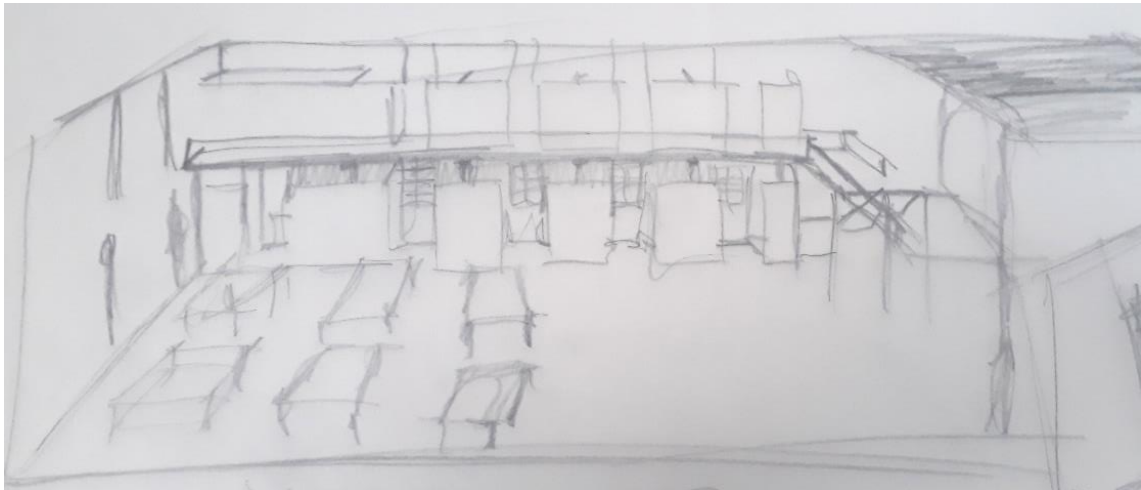
Zona de estudo / piso 3

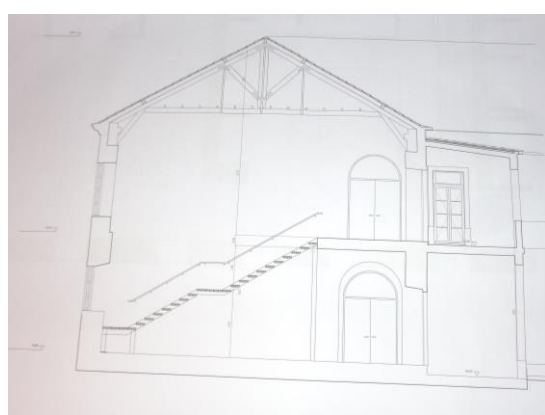
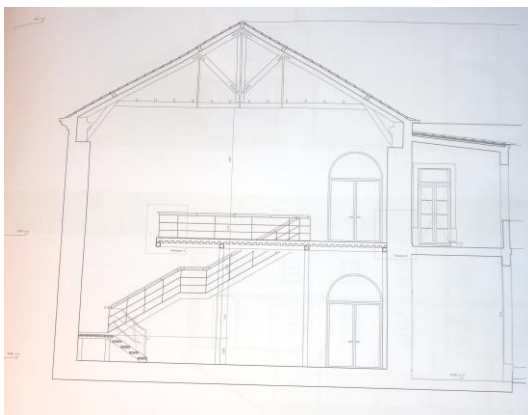
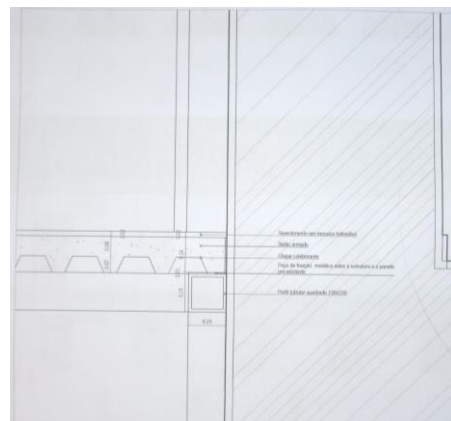
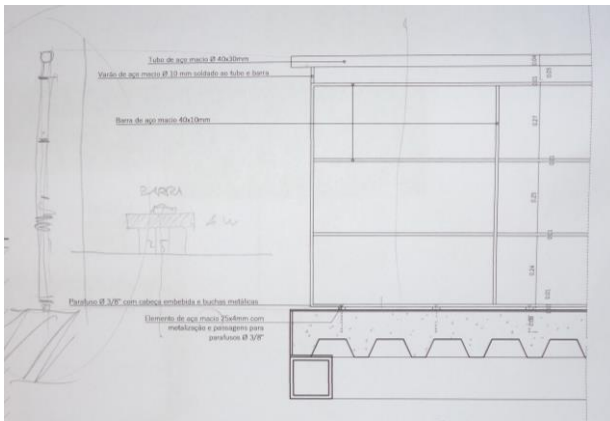
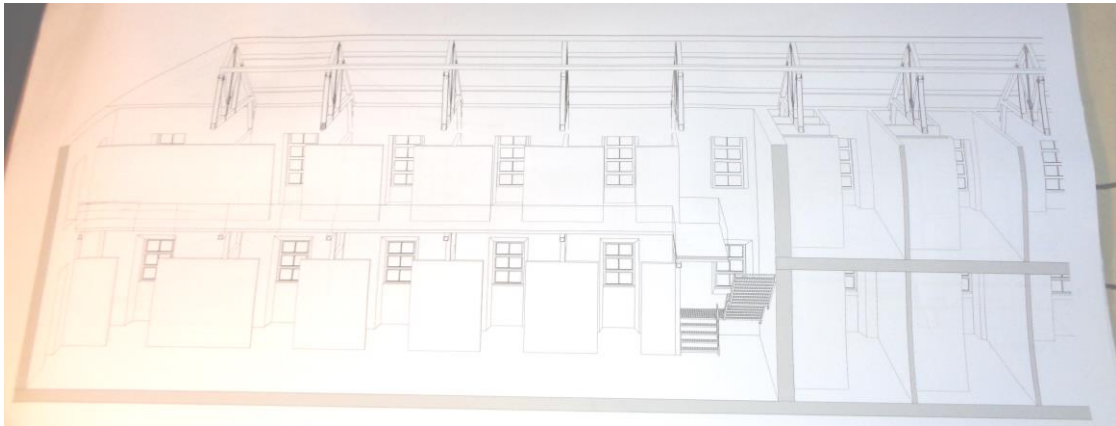




Zona de Oficina







Anexo V – Maquetes urbanas

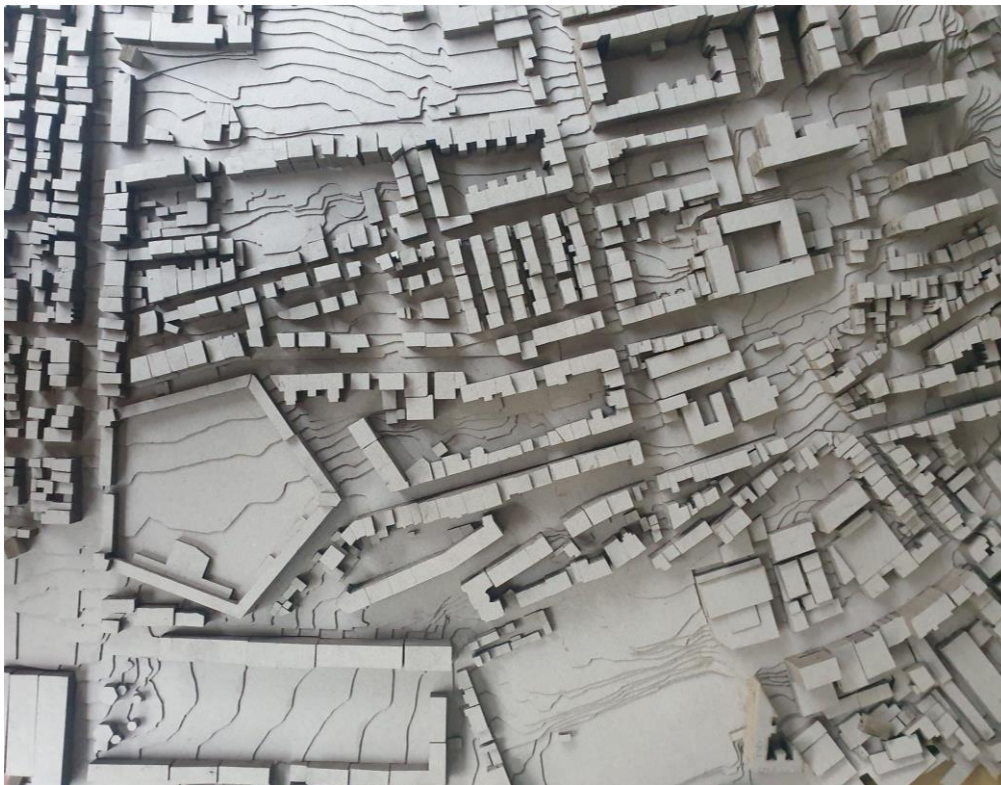
Maquete da área circundante ao objeto de estudo

Escala 1/500



Maquete urbana da situação atual

Escala 1/1000



Anexo VI - Painéis 1ª Fase (Documento Provisório)

P1_ FOTOGRAFIAS DO LOCAL

P2_ FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO INTERIOR

P3_ PROPOSTA DE INTERVENÇÃO URBANA ESCALA 1:1000

P4_ PROPOSTA URBANA ESCALA 1:1000

P5_ PLANTAS DE ALTERAÇÕES ESCALA 1:500

P6_ PROPOSTA DE ALTERAÇÕES ALÇADOS ESCALA 1:500

P7_ PLANTA PISO 0 & ALÇADO SUL ESCALA 1:200

P8_ PLANTA PISO 1 ESCALA 1:200

P9_ PLANTA PISO 2 ESCALA 1:200

P10_ PLANTA PISO 3 ESCALA 1:200

P11_ ALÇADOS ESCALA 1:200

P12_ CORTES A-A' & D-D' ESCALA 1:200

P13_ CORTES B-B' & C-C' ESCALA 1:200

P14_ PORMENOR ESCADAS DA OFICINA ESCALA 1:100

P15_ PORMENORES DA OFICINA ESCALA 1:10

P16_ AXONOMETRIAS ZONAS DE TRABALHO I

P17_ AXONOMETRIAS ZONAS DE TRABALHO II

P18_ MAPA DE MOBILIÁRIO I ESCALA 1:50

P19_ MAPA DE MOBILIÁRIO II ESCALA 1:50



1_ VISTA DO LARGO DA BOA-HORA À AJUDA



5_ VISTA DA RUA DO GUARDA-JÓIAS



9_ VISTA DA ENVOLVENTE A NASCENTE DO EDIFÍCIO



2_ VISTA DO PARQUE INFANTIL SITUADO NO LARGO DA BOA-HORA À AJUDA



6_ VISTA DA RUA DO GUARDA-JÓIAS PARA A TRAVESSA DO MOINHO VELHO



10_ ÁRVORE



3_ VISTA DA RUA DO MACHADO



7_ VISTA DA RUA JOSÉ ÓSORIO DE OLIVEIRA



11_ VISTA DO EDIFÍCIO A NORTE



4_ VISTA DA TRAVESSA DO MOINHO VELHO



8_ VISTA DA ENTRADA A NASCENTO DO EDIFÍCIO



12_ ESCADAS EXTERIORES QUE VENCEM A DIFERENÇA DE COTAS ACENTUADA NO TERRENO



QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELEM PARA ESPAÇO EDUCATIVO
INTERGERACIONAL

U. LISBOA | **MIARQINT&REAB**

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Débora Miriam Acates Martins 20141013

P1_FOTOGRAFIAS DO LOCAL

escala

data
OUTUBRO 2019



PRESENÇA DOS AMPLOS CORREDORES E ARCOS



CORREDOR ALA NORTE



ALA NORTE COM ESPAÇOS AMPLOS



PAVIMENTO EM MÁRMORE



ÁRVORE ARAUCÁRIA



ALA NASCENTE COM A PRESENÇA DA ESTRUTURA MUITO EVIDENCIADA



PAVIMENTO EM MOSAÍCO HIDRAÚLICO



VISTA DA GALERIA DA ALA NORTE PARA O PÁTIO



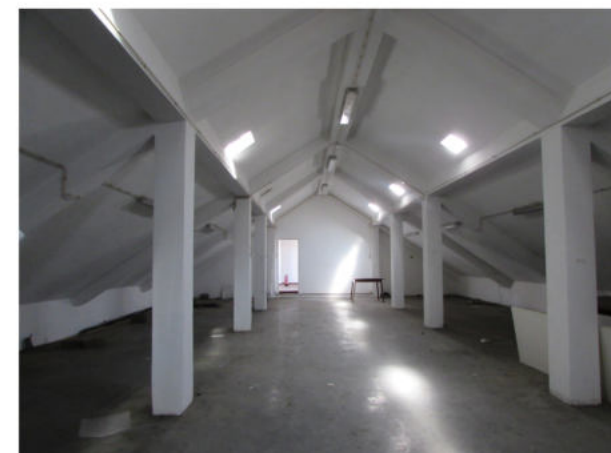
REAPROVEITAMENTO DA ÁREA DE COBERTURA



AZULEJOS DE CERÂMICA PORTUGUESA



VISTA DA GALERIA DA ALA NASCENTE PARA A ALA NORTE



REAPROVEITAMENTO DA ÁREA DA COBERTURA

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELEM PARA ESPAÇO EDUCATIVO
INTERGERACIONAL

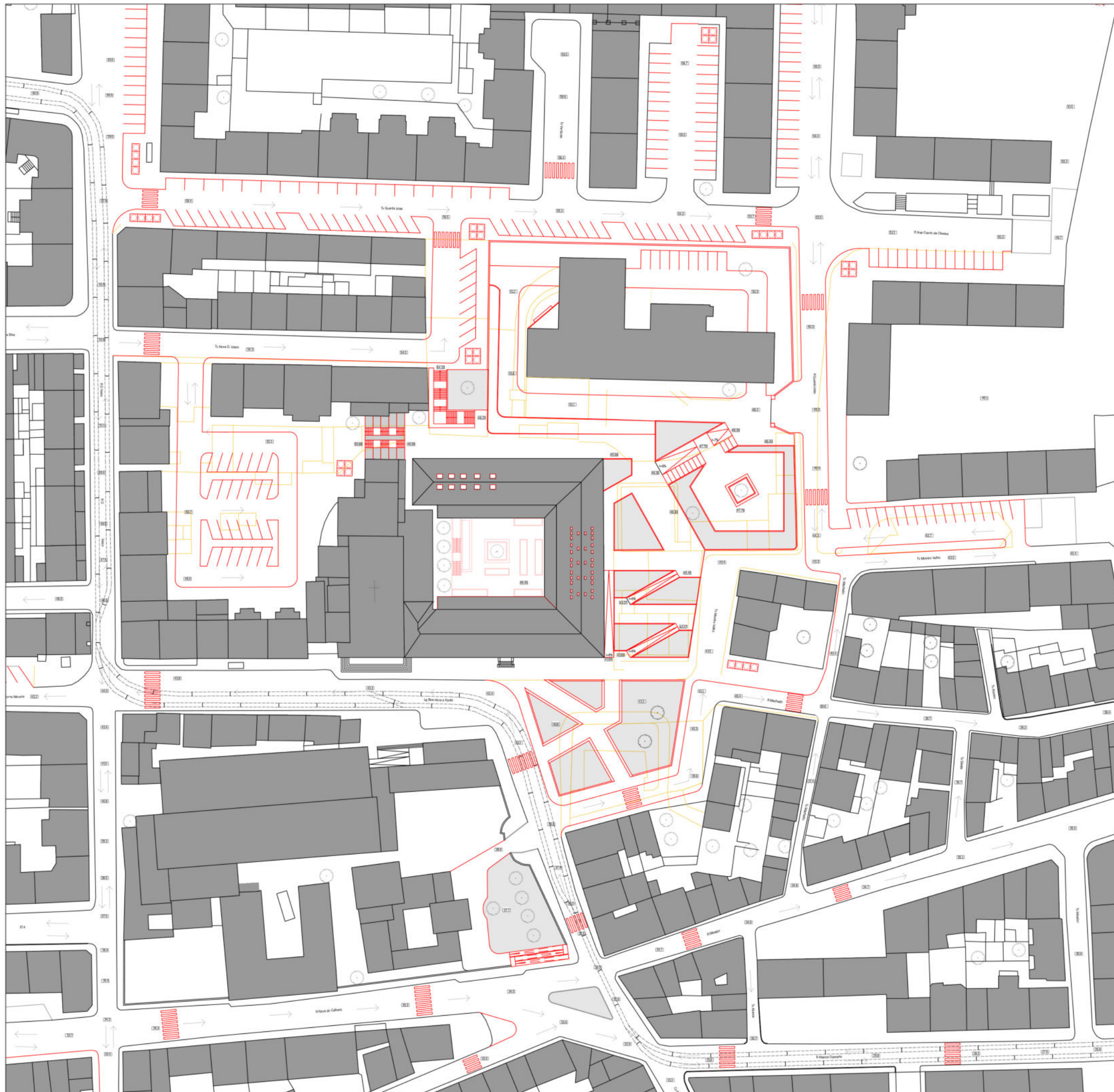
MIARQINT&REAB

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Débora Miriam Acates Martins 20141013

P2_FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO INTERIOR

escala

data
OUTUBRO 2019



MANTER

DEMOLIR

CRIAR

EIXOS VIÁRIOS

COTAS ALTIMÉTRICAS

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA

REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELEM PARA ESPAÇO EDUCATIVO INTERGERACIONAL

MIARQINT&REAB

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Débora Miriam Acates Martins 20141013

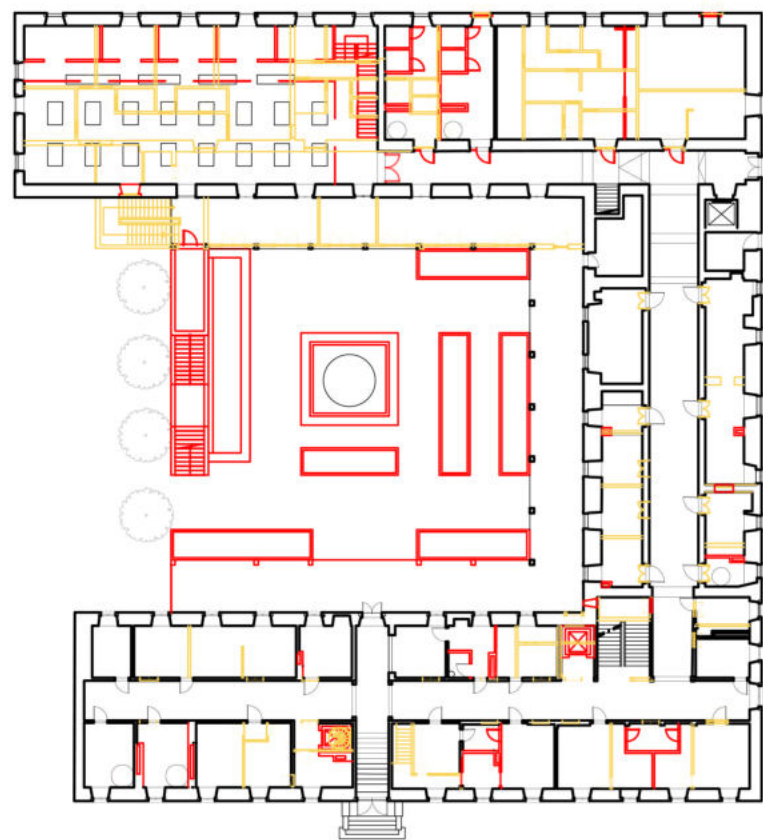
P3_PROPOSTA DE INTERVENÇÃO URBANA

escala

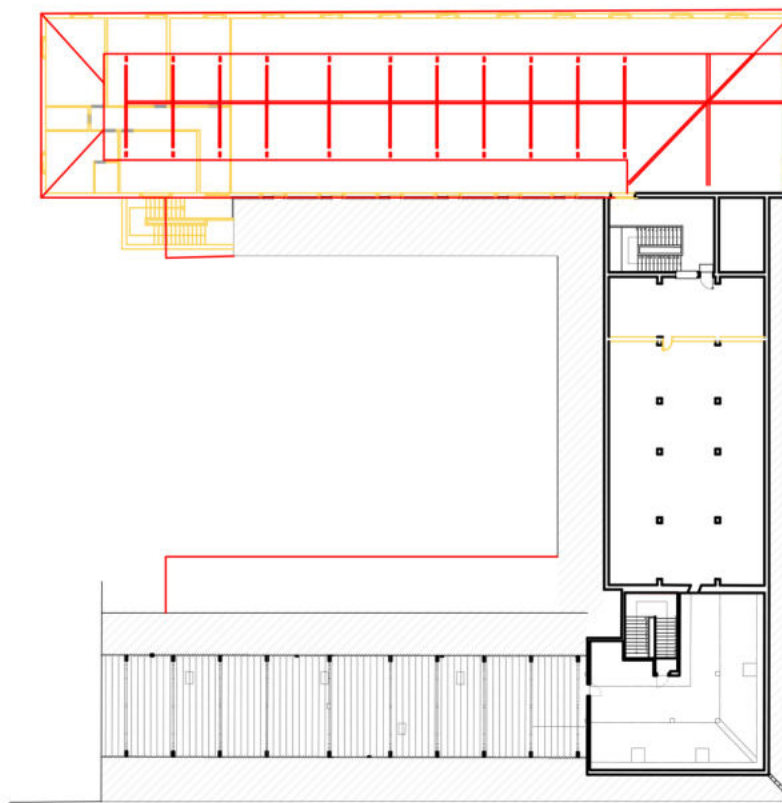
1:1000

data

OUTUBRO 2019



PISO 1



PISO 3



PISO 2



PISO 0

— MANTER
— DEMOLIR
— CRIAR

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELÉM PARA ESPAÇO EDUCATIVO
INTERGERACIONAL

MIARQINT&REAB

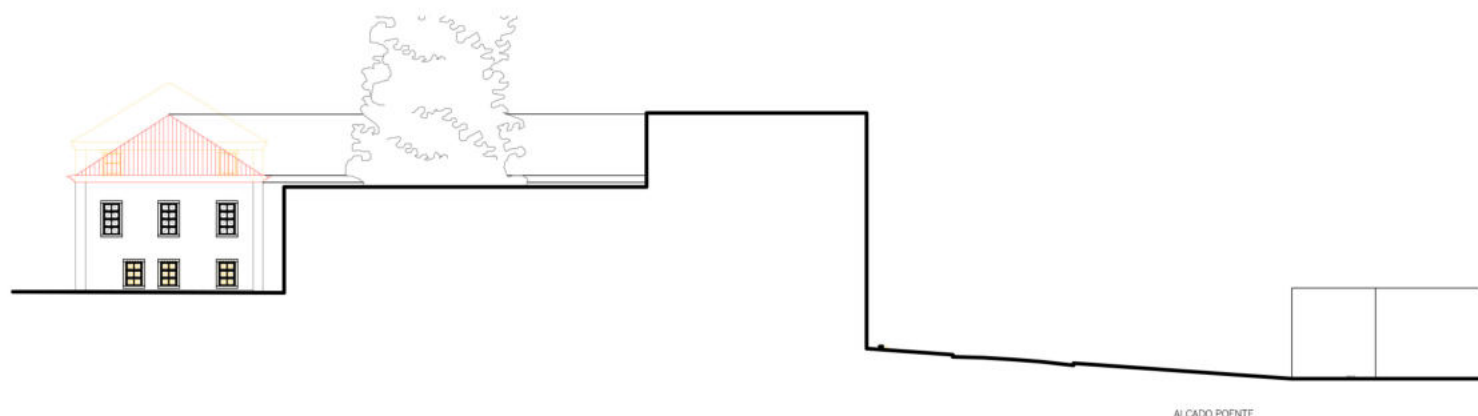
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

P5_ PLANTAS DE ALTERAÇÕES

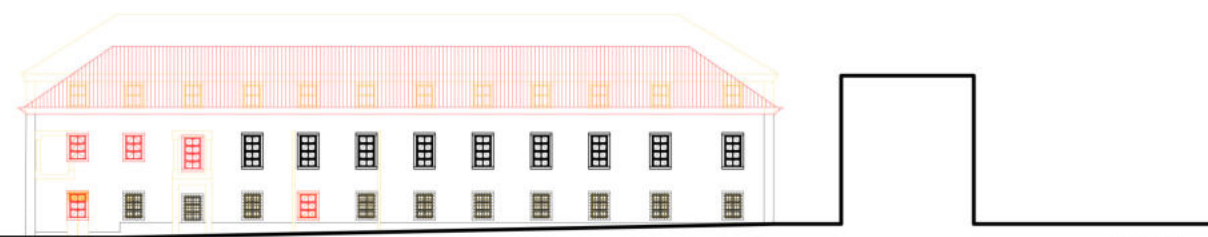
escala
1:500

data
OUTUBRO 2019

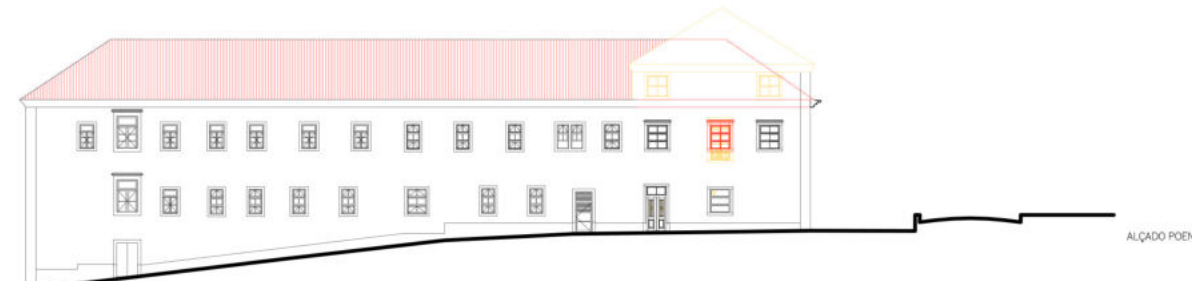




ALÇADO POENTE



ALÇADO NORTE



ALÇADO POENTE



ALÇADO SUL

— MANTER
— DEMOLIR
— CRIAR

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELÉM PARA ESPAÇO EDUCATIVO
INTERGERACIONAL

 **MIARQINT&REAB**

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Débora Miriam Acates Martins 20141013

P6_PROPOSTA DE ALTERAÇÕES ALÇADOS



escala

1:500

data

OUTUBRO 2019



ALÇADO SUL

COMPARTIMENTAÇÃO

- A.0.1: ARRUMOS
- A.0.2: LOJA
- A.0.3: ANTE-CAMARA
- A.0.4: SALA DE PINTURA
- A.0.5: ARRUMOS
- A.0.6: SALA DE OLARIA
- A.0.7: ZONA DE CIRCULAÇÃO
- A.0.8: BALNEÁRIO
- A.0.9: BALNEÁRIO
- A.0.10: INSTALAÇÃO SANITÁRIA MOBILIDADE REDUZIDA
- A.0.11: INSTALAÇÃO SANITÁRIA MISTA



QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELÉM PARA ESPAÇO EDUCATIVO INTERGERACIONAL

MIARQINT&REAB

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Débora Miriam Acates Martins 20141013

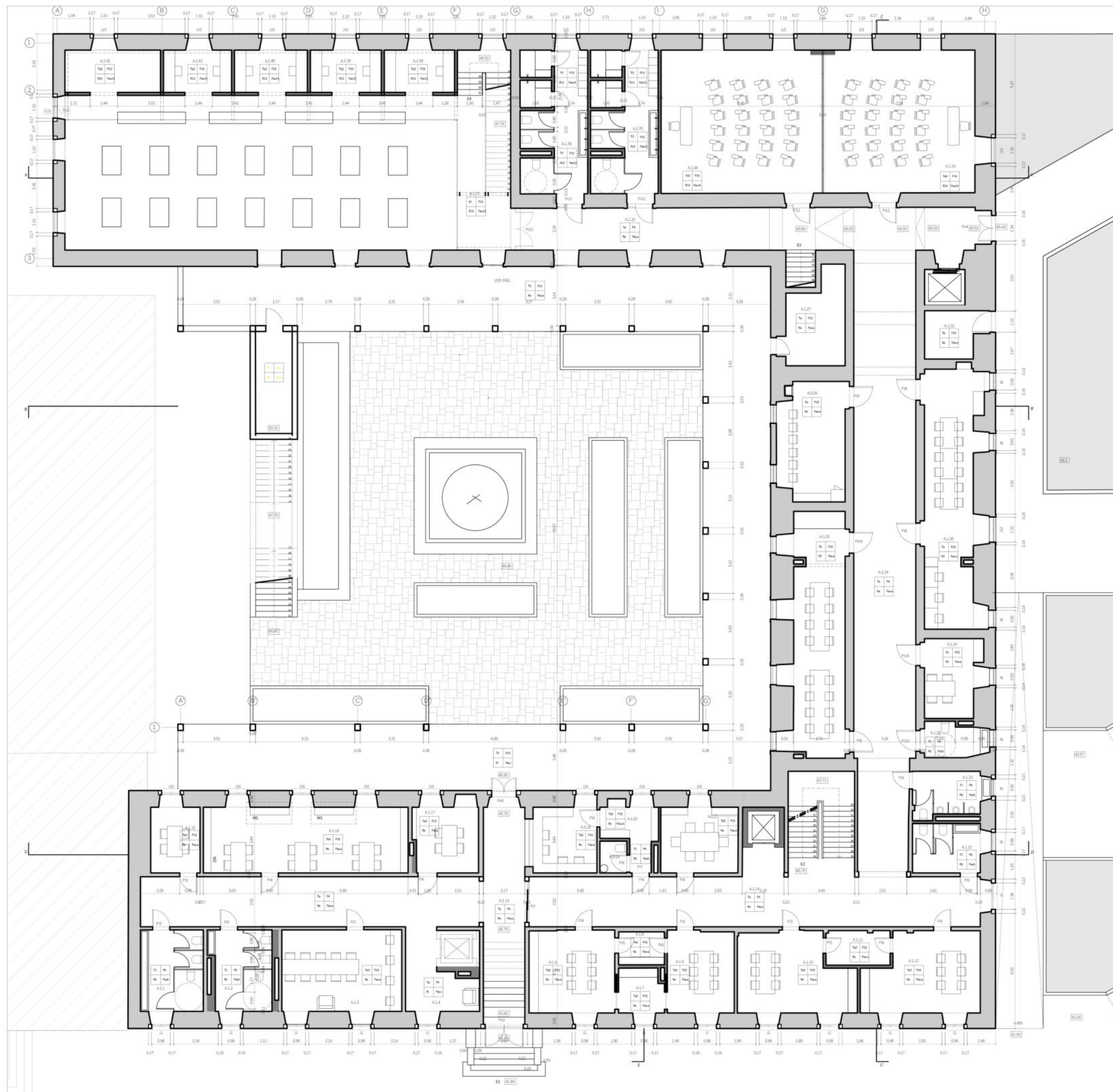
P7_ PLANTA PISO O & ALÇADO SUL

escala

1.200

data

OUTUBRO 2019



COMPARTIMENTAÇÃO

- A.1.1: INSTALAÇÃO SANITÁRIA FEMININA
- A.1.2: INSTALAÇÃO SANITÁRIA MASCULINA
- A.1.3: SALA DE ESTUDO
- A.1.4: ANTE-CAMÁRA
- A.1.5: ARRUMOS
- A.1.6: SALA DE AULA
- A.1.7: SALA DE EXPERIÊNCIAS
- A.1.8: ARRUMOS
- A.1.9: SALA DE AULA
- A.1.10: SALA DE AULA
- A.1.11: ARRUMOS
- A.1.12: SALA DE AULA
- A.1.13: ZONA DE CIRCULAÇÃO
- A.1.14: ZONA DE CIRCULAÇÃO
- A.1.15: SALA DE ESTUDO
- A.1.16: BIBLIOTECA
- A.1.17: SALA DE ESTUDO
- A.1.18: RECEÇÃO E ÁREA ADMINISTRATIVA
- A.1.19: I.S. FUNCIONÁRIOS
- A.1.20: ÁREA APOIO A FUNCIONÁRIOS/ARQUIVO
- A.1.21: SALA DE REUNIÕES
- A.1.22: INSTALAÇÃO SANITÁRIA FEMININA
- A.1.23: INSTALAÇÃO SANITÁRIA MASCULINA
- A.1.24: CORREDOR DE ACESSO
- A.1.25: SALA DE ATIVIDADES MANUAIS
- A.1.26: SALA DE CERÂMICA
- A.1.27: ARRUMOS
- A.1.28: INSTALAÇÃO SANITÁRIA MOBILIDADE REDUZIDA
- A.1.29: GABINETE DE APOIO
- A.1.30: SALA DE APOIO/ ESPAÇO INFORMÁTICO
- A.1.31: CASA DAS MÁQUINAS
- A.1.32: ZONA DE CIRCULAÇÃO
- A.1.33: SALA DE AULA TEÓRICA-PRÁTICA
- A.1.34: SALA DE AULA-TEÓRICA-PRÁTICA
- A.1.35: INSTALAÇÃO SANITÁRIA MASCULINA E BALNEÁRIOS
- A.1.36: INSTALAÇÃO SANITÁRIA FEMININA E BALNEÁRIOS
- A.1.37: OFICINAS DE CARPINTARIA
- A.1.38: SALA DO RESPONSÁVEL
- A.1.39: SALA DE TRABALHO
- A.1.40: SALA DE TRABALHO
- A.1.41: SALA DE TRABALHO
- A.1.42: ARRUMOS

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELEM PARA ESPAÇO EDUCATIVO
INTERGERACIONAL



Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

P8_PLANTA PISO 1



escala

1.200

data

OUTUBRO 2019



COMPARTIMENTAÇÃO

- A.2.1: QUARTO
- A.2.2: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.3: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.4: QUARTO
- A.2.5: QUARTO
- A.2.6: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.7: ARRUMOS
- A.2.8: ARRUMOS
- A.2.9: ZONA DE CIRCULAÇÃO
- A.2.10: QUARTO
- A.2.11: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.12: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.13: QUARTO
- A.2.14: ESPAÇO DE CONVÍVIO
- A.2.15: COPA
- A.2.16: LAVANDARIA
- A.2.17: QUARTO
- A.2.18: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.19: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.20: QUARTO
- A.2.21: QUARTO
- A.2.22: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.23: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.24: QUARTO
- A.2.25: INSTALAÇÃO SANITÁRIA FEMININA
- A.2.26: INSTALAÇÃO SANITÁRIA MASCULINA
- A.2.27: ZONA DE CIRCULAÇÃO
- A.2.28: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.29: HABITAÇÃO
- A.2.30: INSTALAÇÃO SANITÁRIA MOBILIDADE REDUZIDA
- A.2.31: HABITAÇÃO
- A.2.32: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.33: HABITAÇÃO
- A.2.34: INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.2.35: HABITAÇÃO
- A.2.36: ZONA DE CIRCULAÇÃO
- A.2.37: ÁREA FUNCIONÁRIOS
- A.2.38: ANTE-CÂMARA DE ACESSO A ELEVADOR
- A.2.39: COPA SUJA
- A.2.40: DESPENSA
- A.2.41: COZINHA
- A.2.42: COPA LIMPA
- A.2.43: REFEITÓRIO
- A.2.44: ANTE-CÂMARA ACESSO A INSTALAÇÕES SANITÁRIAS E BANHEIROS
- A.2.45: INSTALAÇÃO SANITÁRIA MASCULINA
- A.2.46: INSTALAÇÃO SANITÁRIA FEMININA
- A.2.47: MESANINE
- A.2.48: ZONA DE TRABALHO
- A.2.49: ZONA DE TRABALHO
- A.2.50: ZONA DE TRABALHO
- A.2.51: ZONA DE TRABALHO

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELEM PARA ESPAÇO EDUCATIVO
INTERGERACIONAL

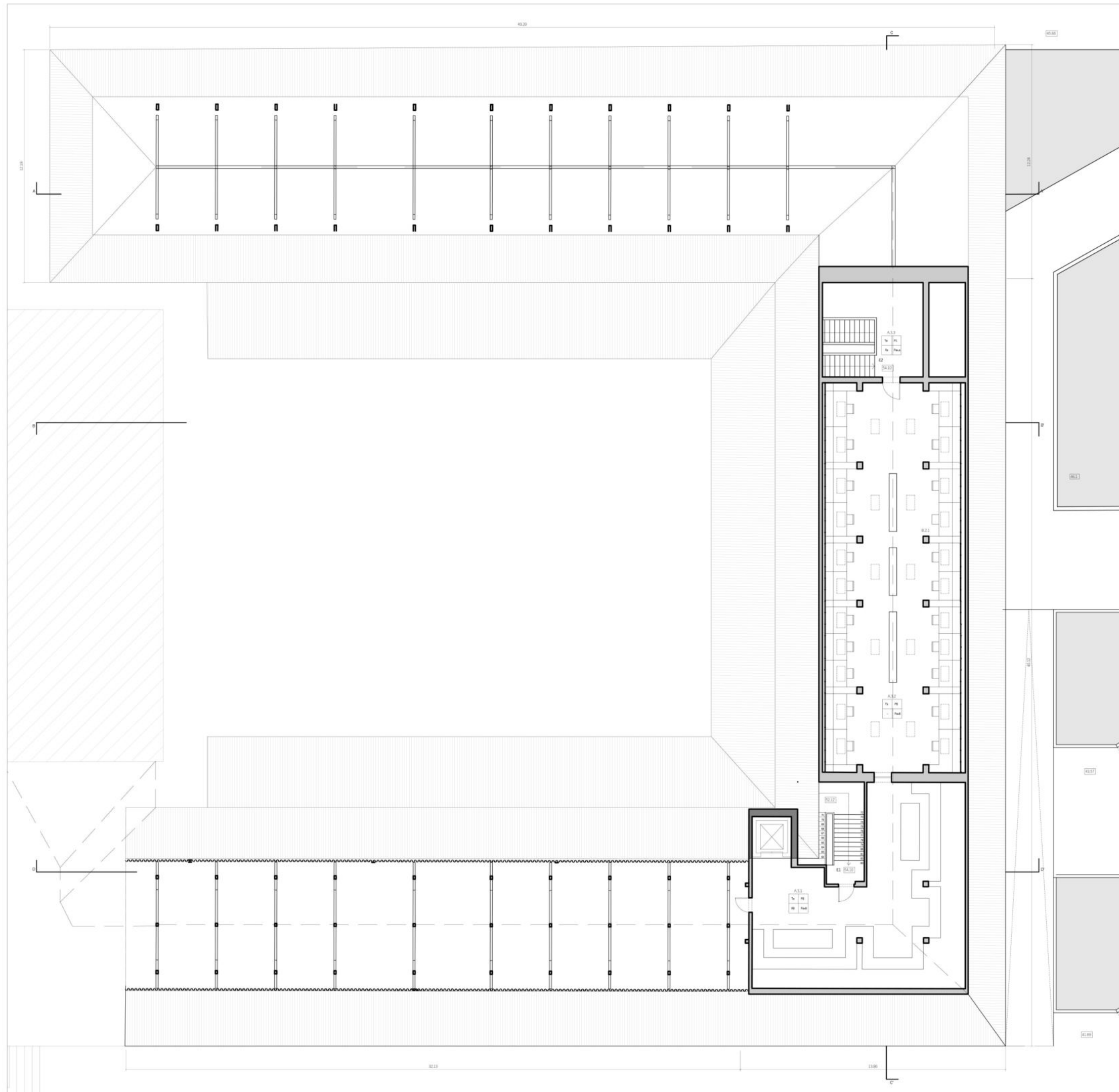
MIARQINT&REAB

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

P9_PLANTA PISO 2

escala
1.200

data
OUTUBRO 2019



COMPARTIMENTAÇÃO

A.3.1: ZONA DE ESTAR
A.3.2: ESPAÇO DE ESTUDO
A.3.3: ZONA DE CIRCULAÇÃO

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELÉM PARA ESPAÇO EDUCATIVO
INTERGERACIONAL

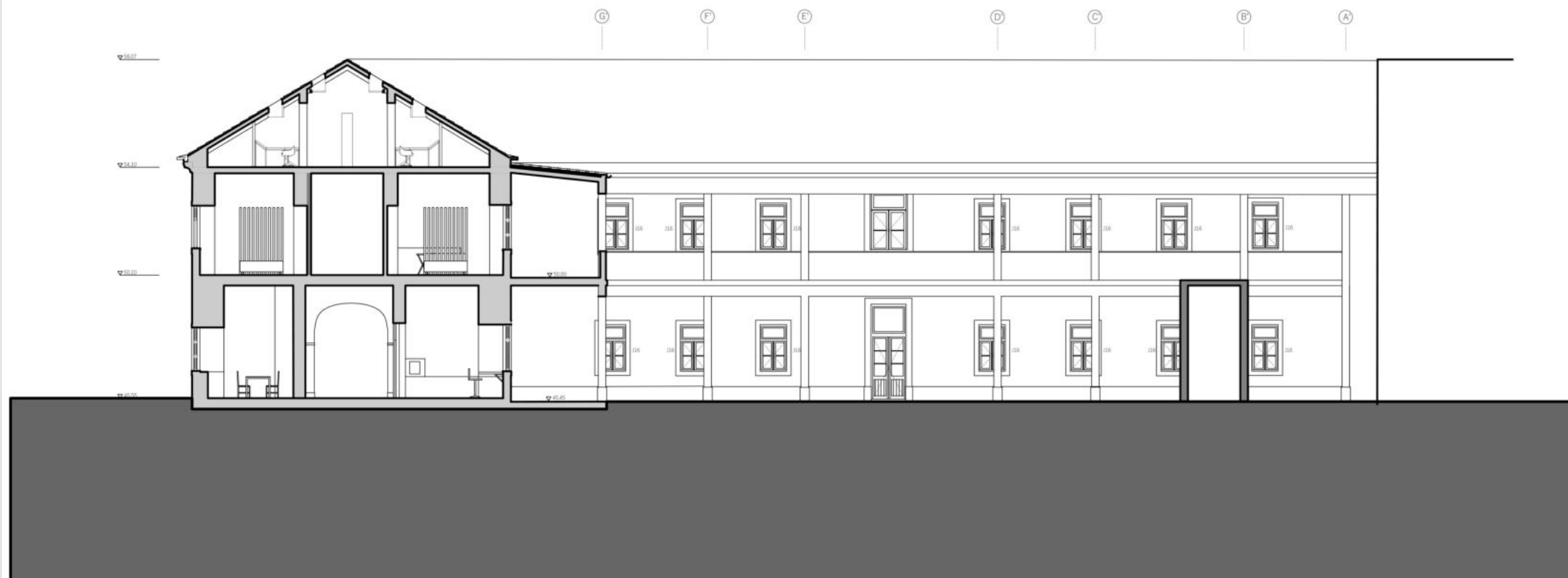
MIARQINT&REAB

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Débora Miriam Acates Martins 20141013

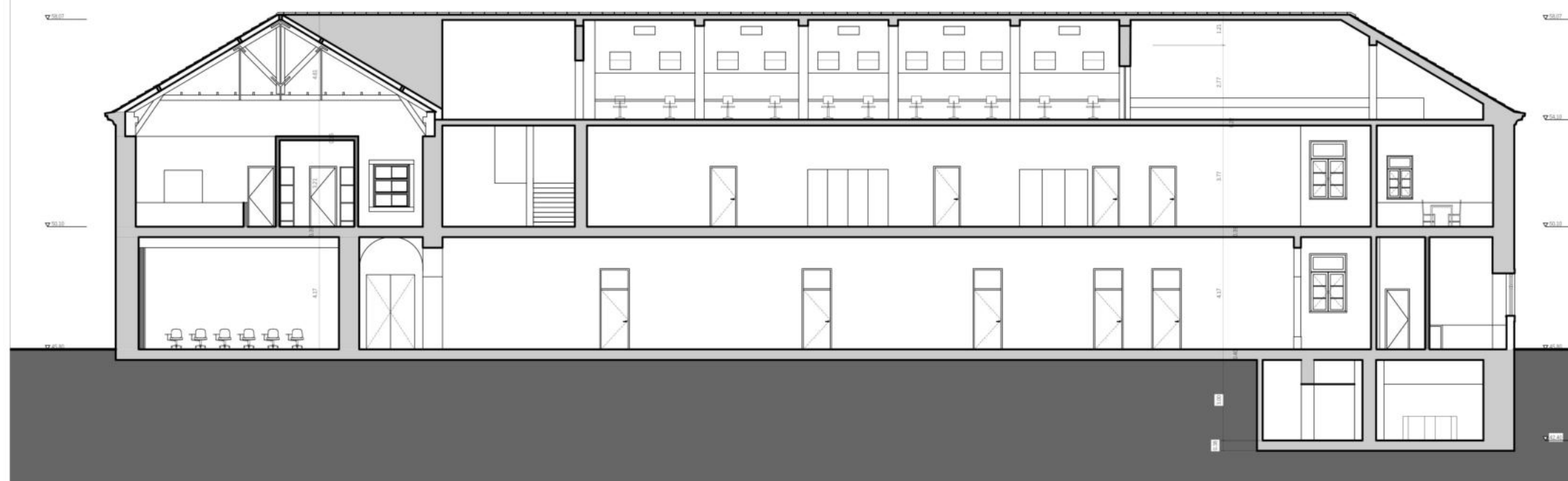
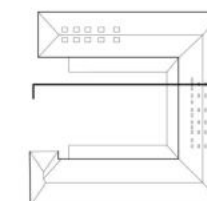
P10_PLANTA PISO 3

escala
1.200

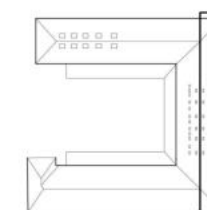
data
OUTUBRO 2019



CORTE B-B'



CORTE C-C'



QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELÉM PARA ESPAÇO EDUCATIVO
INTERGERACIONAL

MIARQINT&REAB

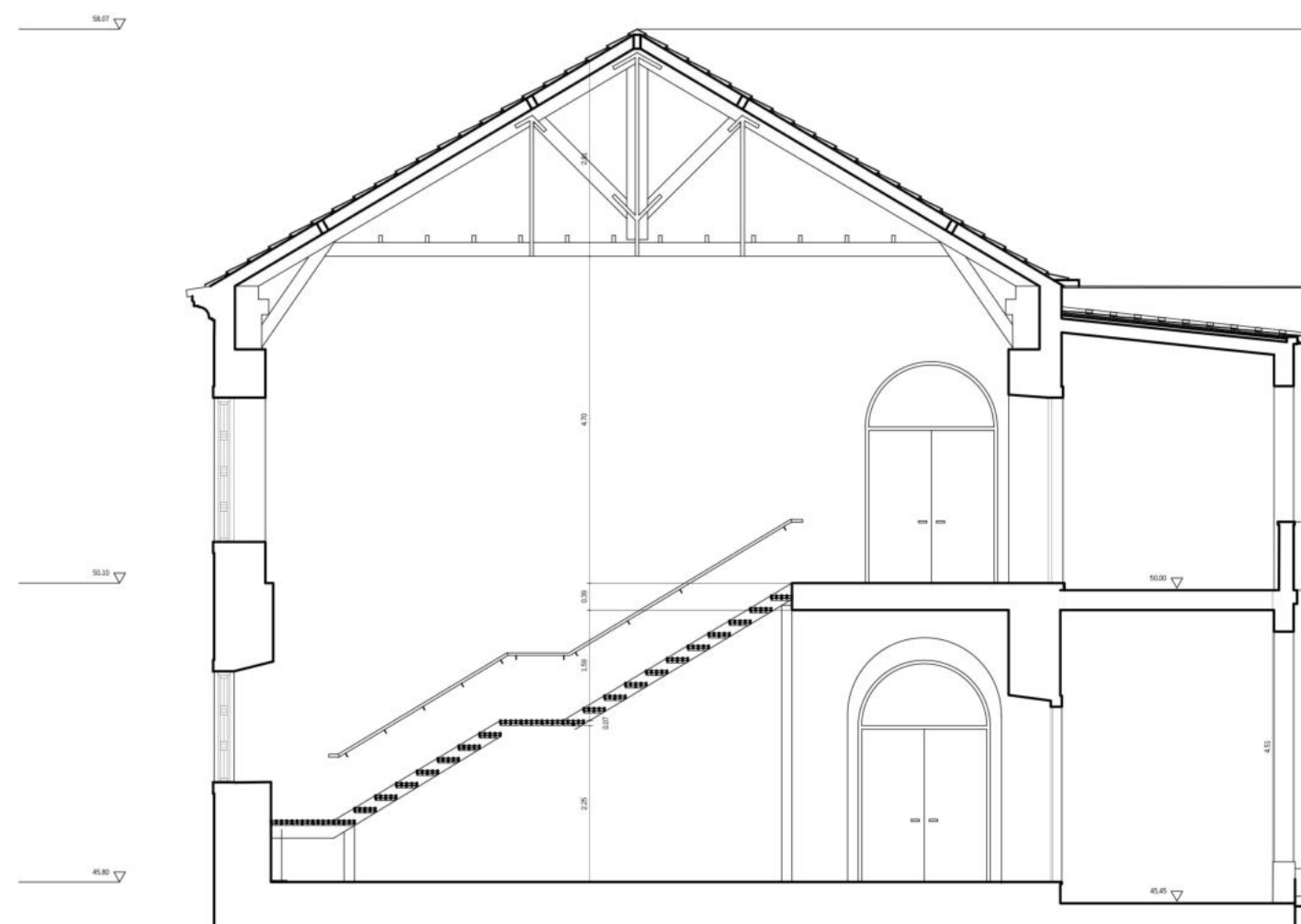
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Débora Miriam Acates Martins 20141013

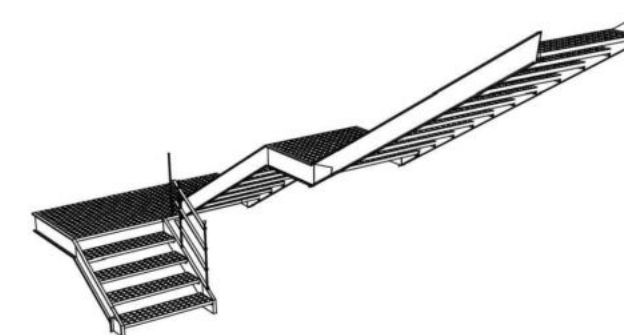
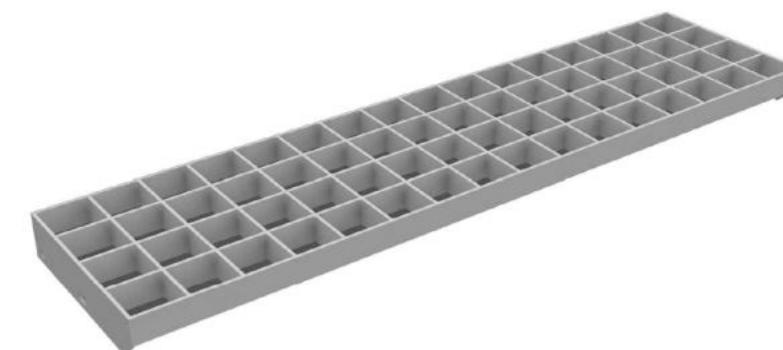
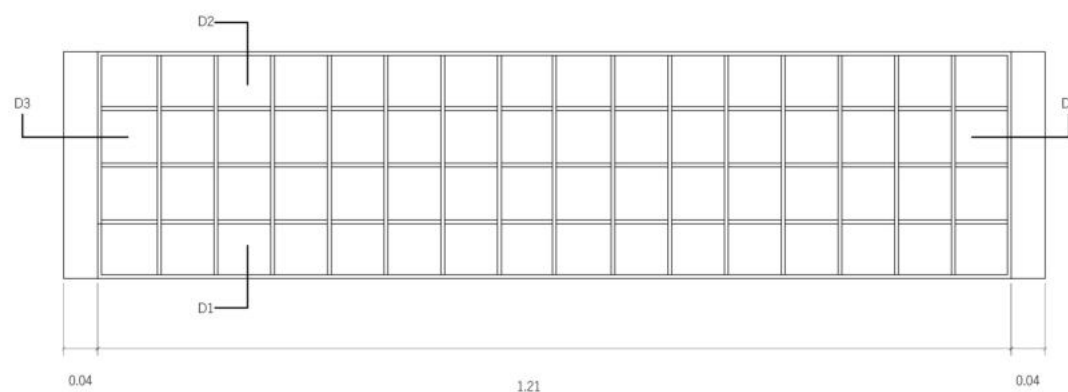
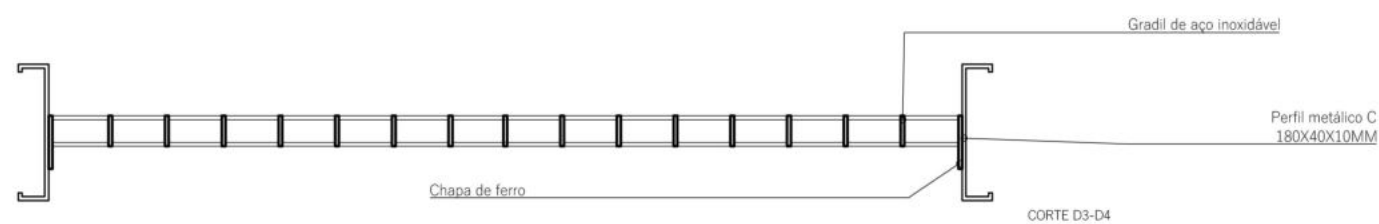
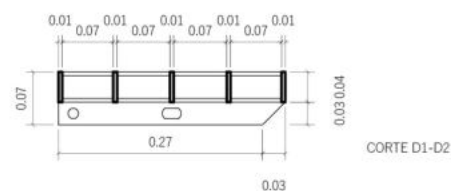
P13_CORTES II

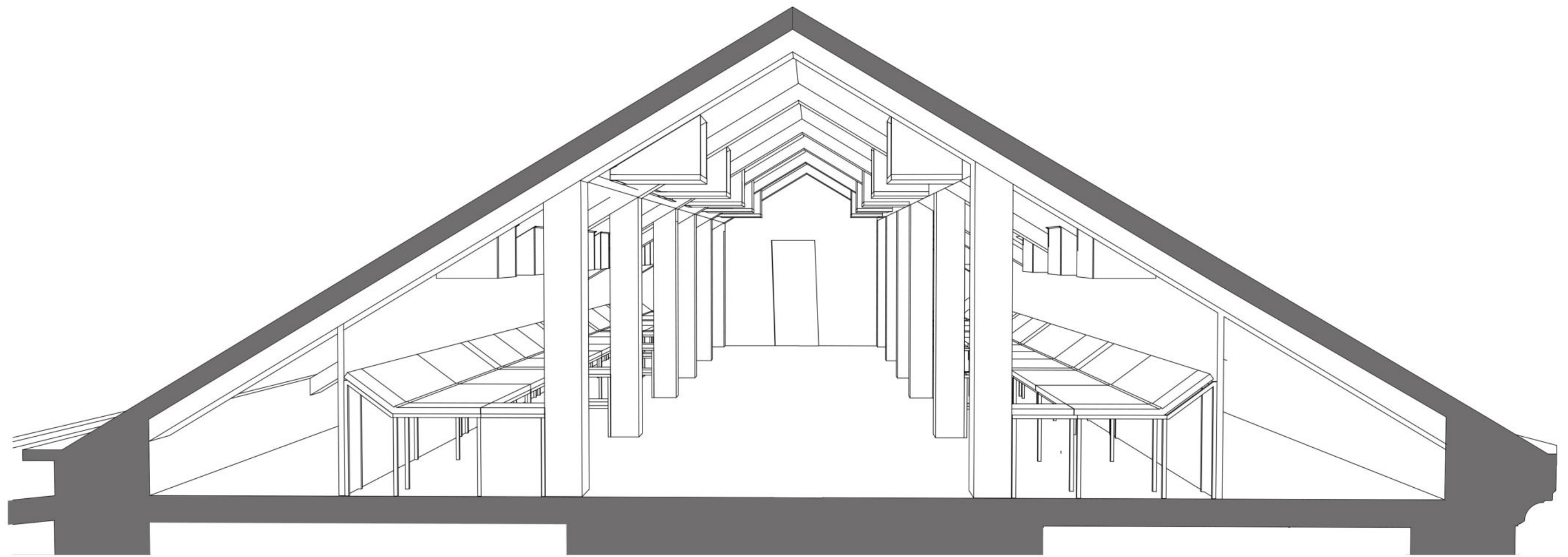
escala
1.200

data
OUTUBRO 2019

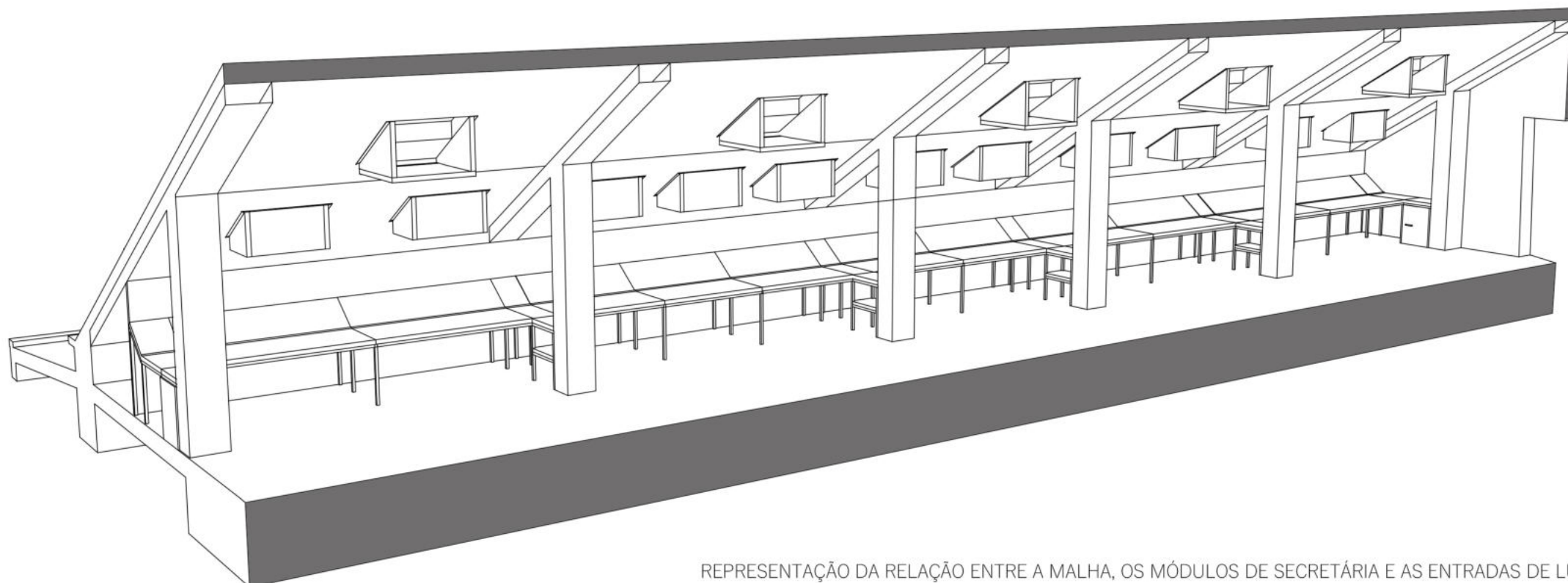








PERSPETIVA DA ÁREA DE ESTUDO



REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE A MALHA, OS MÓDULOS DE SECRETÁRIA E AS ENTRADAS DE LUZ

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELEM PARA ESPAÇO EDUCATIVO
INTERGERACIONAL

MIARQINT&REAB

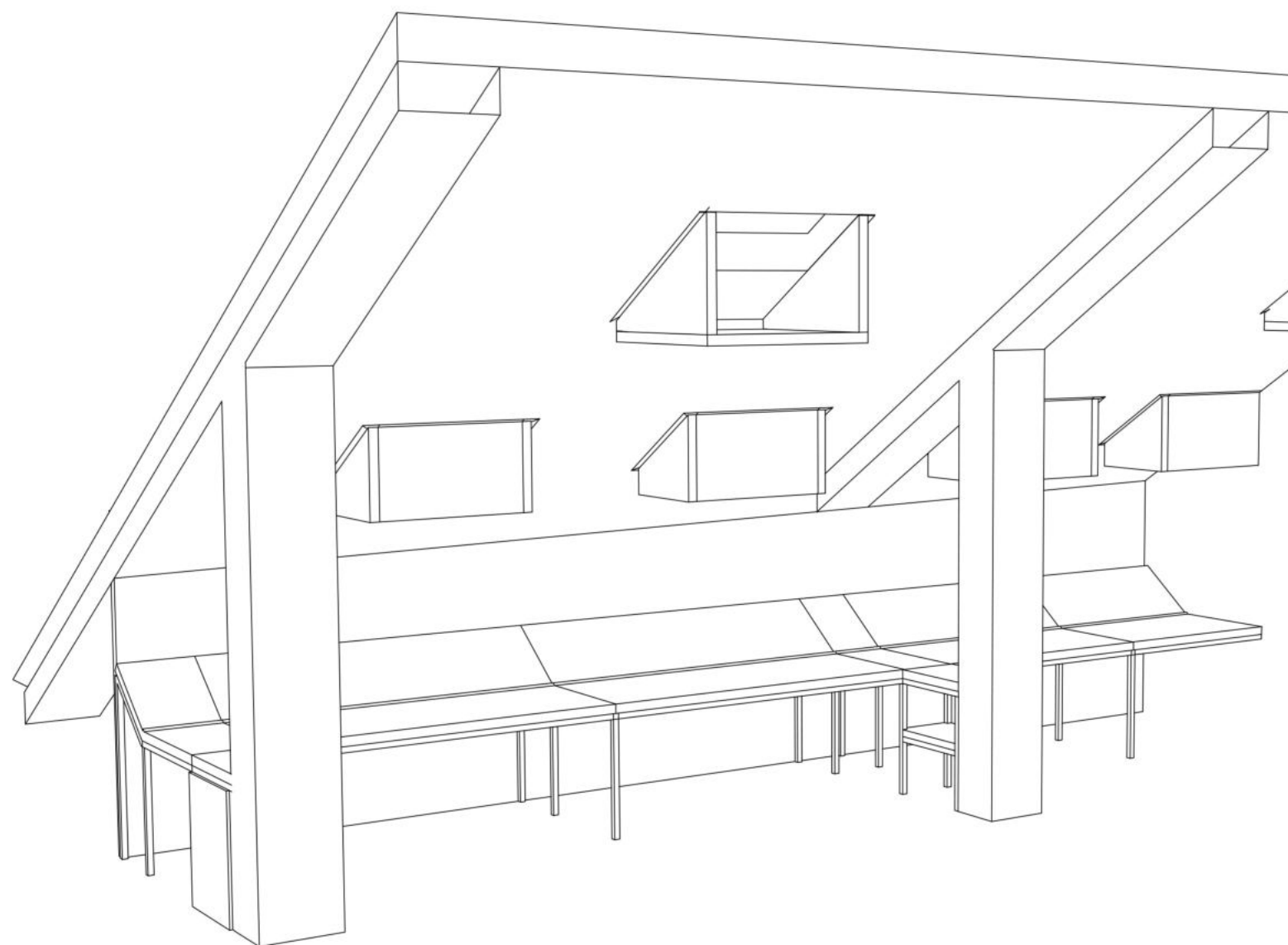
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Débora Miriam Acates Martins 20141013

P16_AXONOMETRIAS ZONAS DE TRABALHO

escala
n.a.

data
OUTUBRO 2019

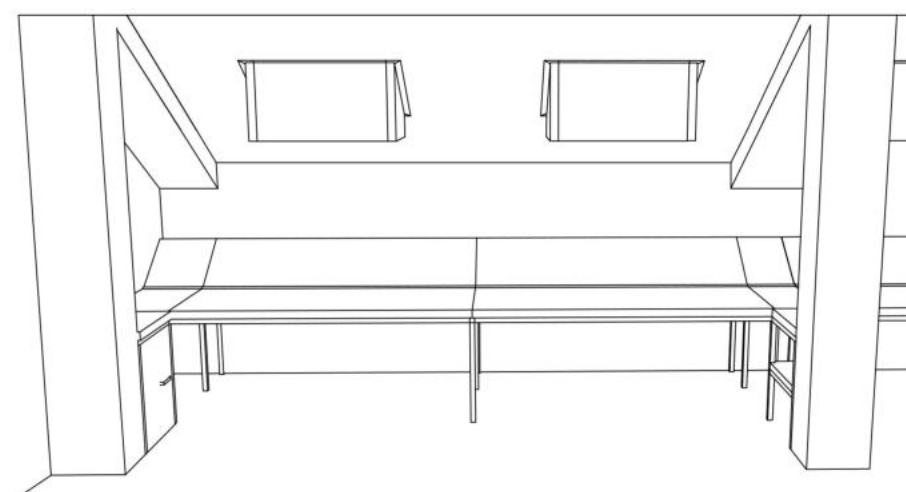




REPRESENTAÇÃO DAS ENTRADAS DE LUZ SOBRE O ESPAÇO



REPRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DAS SECRETÁRIAS



REPRESENTAÇÃO DA SECRETÁRIA

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELEM PARA ESPAÇO EDUCATIVO
INTERGERACIONAL

MIARQINT&REAB

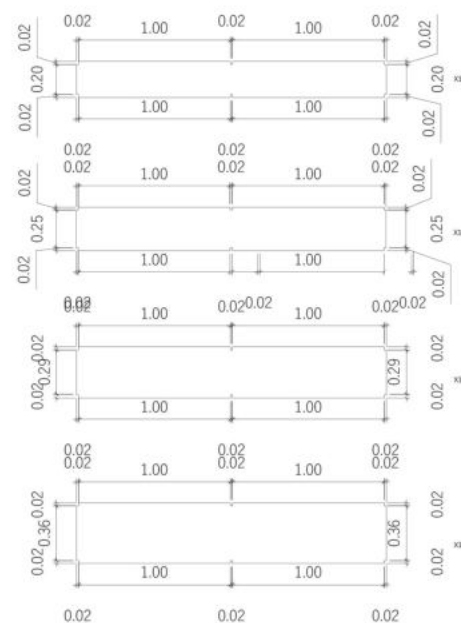
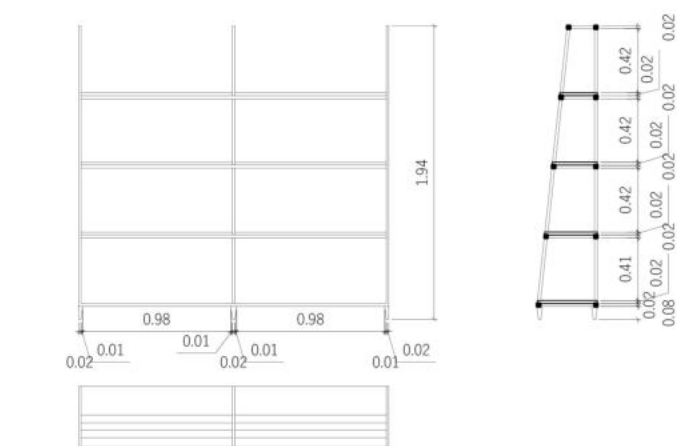
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Débora Miriam Acates Martins 20141013

P17_AXONOMETRIAS ZONAS DE TRABALHO

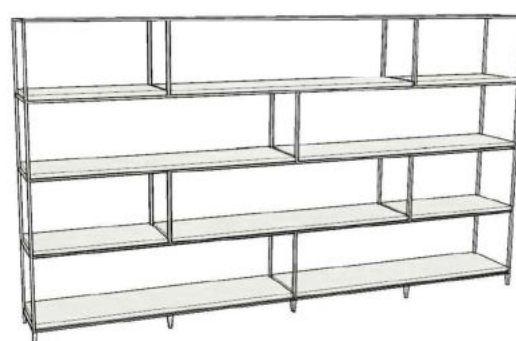
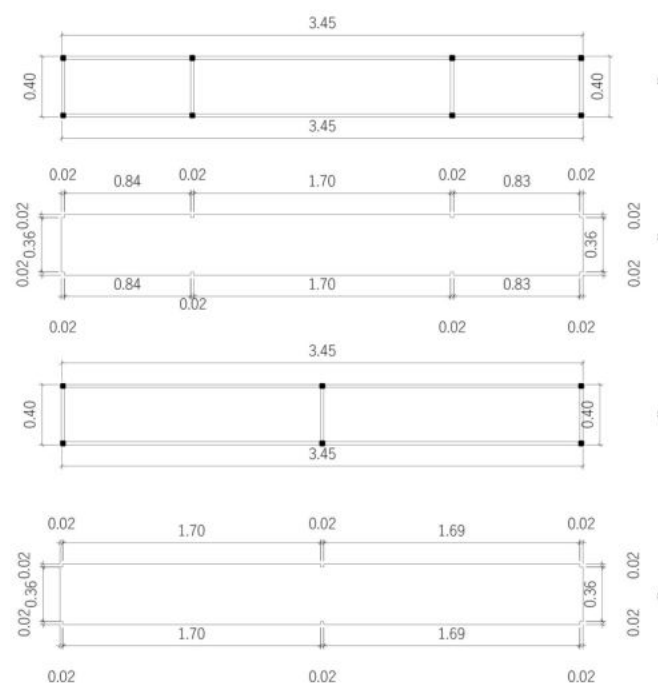
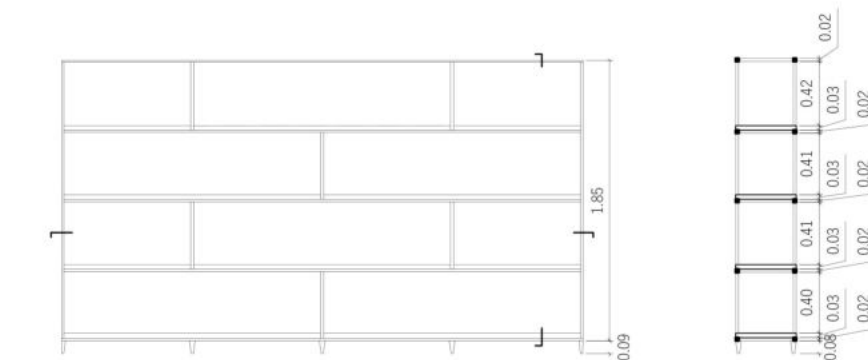
escala
n.a.

data
OUTUBRO 2019

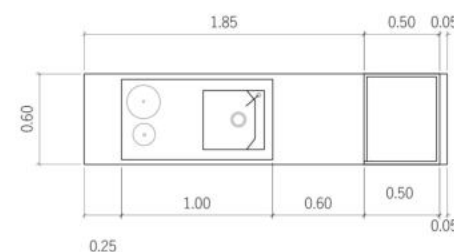
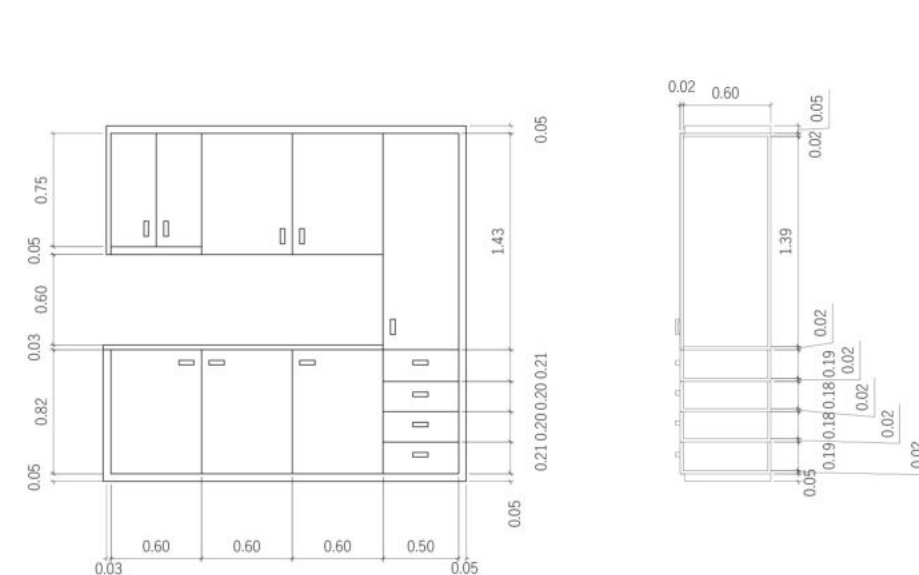




DESIGNAÇÃO: M1
QUANTIDADE: 2
MATERIAL: MDF
ESTRUTURA DE SUPORTE: AÇO INOXIDÁVEL
UNIÕES: PARAFUSO, BUCHA E SOLDA
LOCALIZAÇÃO: A.1.16

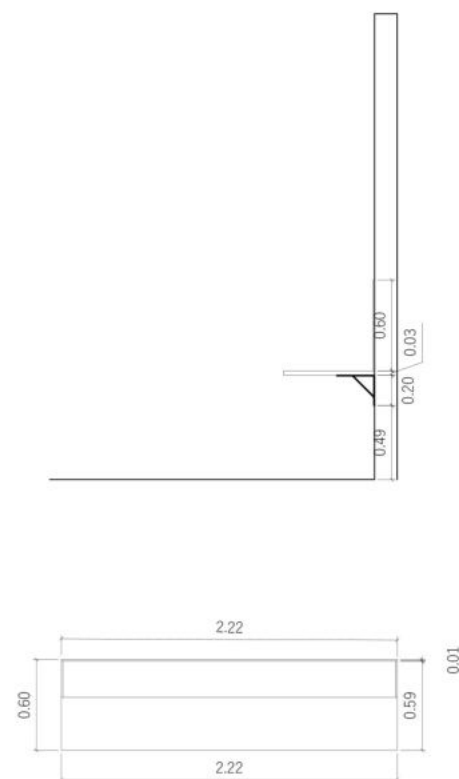


DESIGNAÇÃO: M2
QUANTIDADE: 2
MATERIAL: MDF
ESTRUTURA DE SUPORTE: AÇO INOXIDÁVEL
UNIÕES: PARAFUSO, BUCHA E SOLDA
LOCALIZAÇÃO: A.1.16

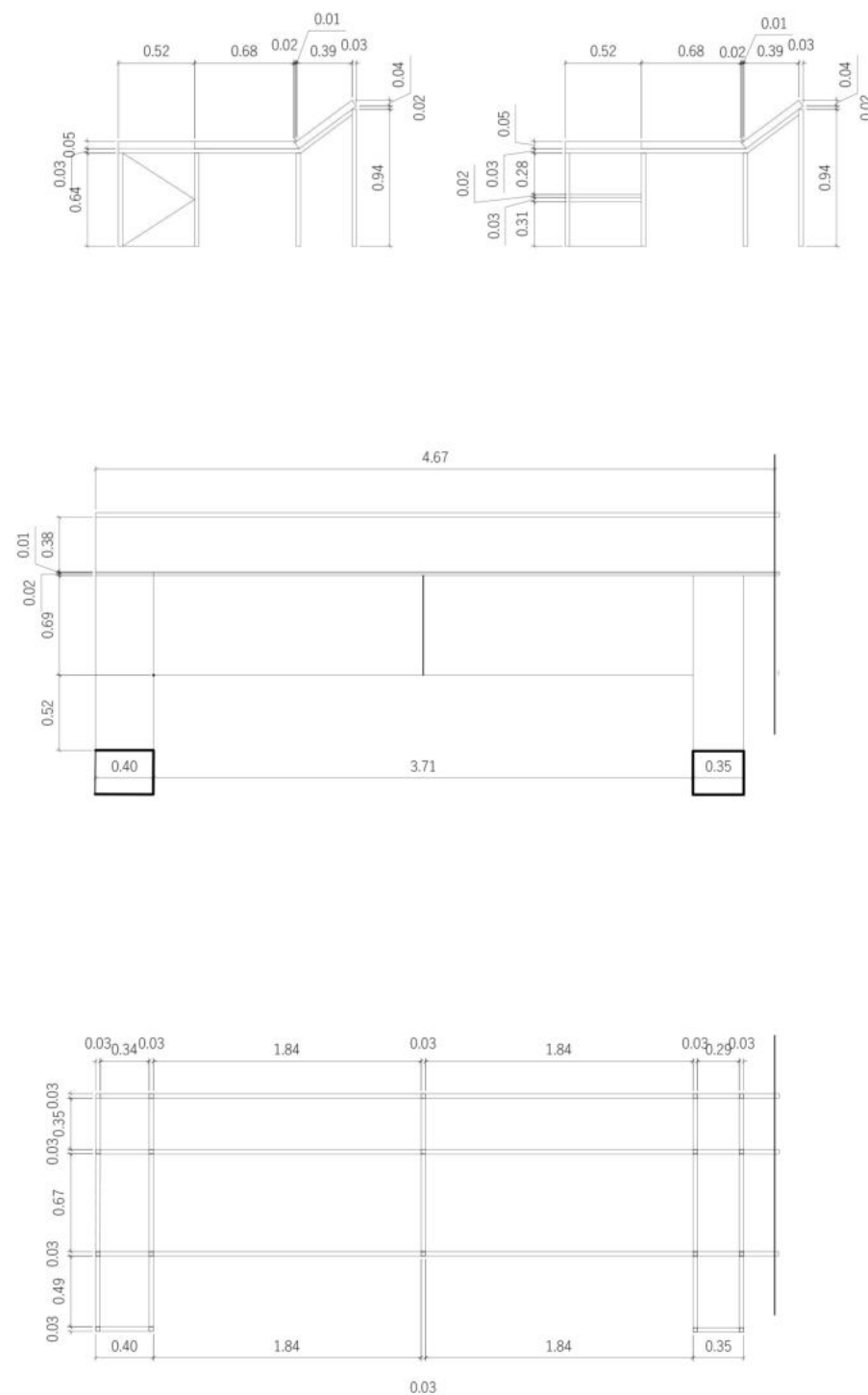


DESIGNAÇÃO: MÓDULO DE COZINHA
QUANTIDADE: 4
MATERIAL: MDF HIDRÓFUGO LACADO A COR CINZA CLARO
TAMPO: PEDRA NATURAL TIPO PEDRA MOLEANES
ACESSÓRIOS: SUPORTE PARA PRATELEIRAS EM AÇO INOX Ø 5MM
OBSERVAÇÕES: PODE SER ADAPTADO À ORIENTAÇÃO DESEJADA
LOCALIZAÇÃO: APARTAMENTOS PISO 2

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELEM PARA ESPAÇO EDUCATIVO INTERGERACIONAL	
 Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa Débora Miriam Acates Martins 20141013 P18_MAPA DE MOBILIÁRIO I	escala 1:50 data OUTUBRO 2019



DESIGNAÇÃO: M3
 QUANTIDADE:
 MATERIAL: OSB 30MM E OSB 15MM
 ESTRUTURA DE SUPORTE: POLEIAS AÇO INOXIDÁVEL
 UNIÕES: PARAFUSO
 OBSERVAÇÕES: PODE SER ADAPTADO DE ACORDO COM O ESPAÇO
 LOCALIZAÇÃO: A.2.49 / OFICINAS



DESIGNAÇÃO: M4
 QUANTIDADE: -
 MATERIAL: MDF
 ESTRUTURA DE SUPORTE: AÇO INOXIDÁVEL TUBULAR 30MM
 UNIÕES: PARAFUSO, BUCHA E SOLDA
 LOCALIZAÇÃO: A.3.0.2

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
 REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELEM PARA ESPAÇO EDUCATIVO INTERGERACIONAL

ULSH
MIARQINT&REAB

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
 Débora Miriam Acates Martins 20141013

P19_ MAPA DE MOBILIÁRIO II

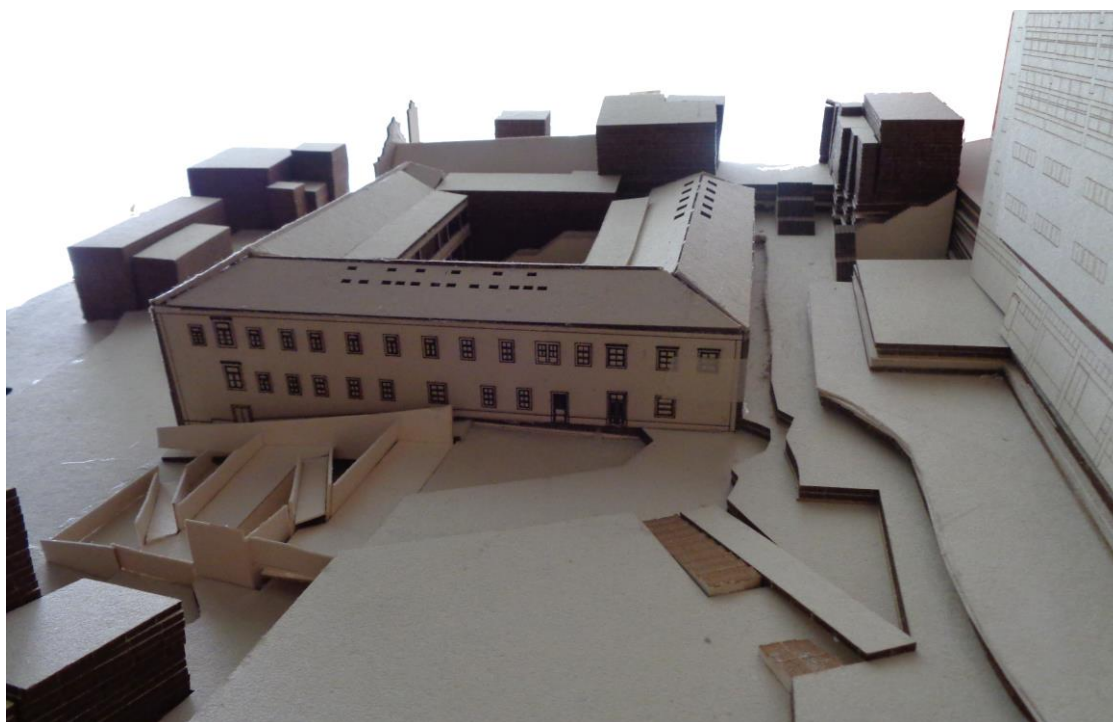
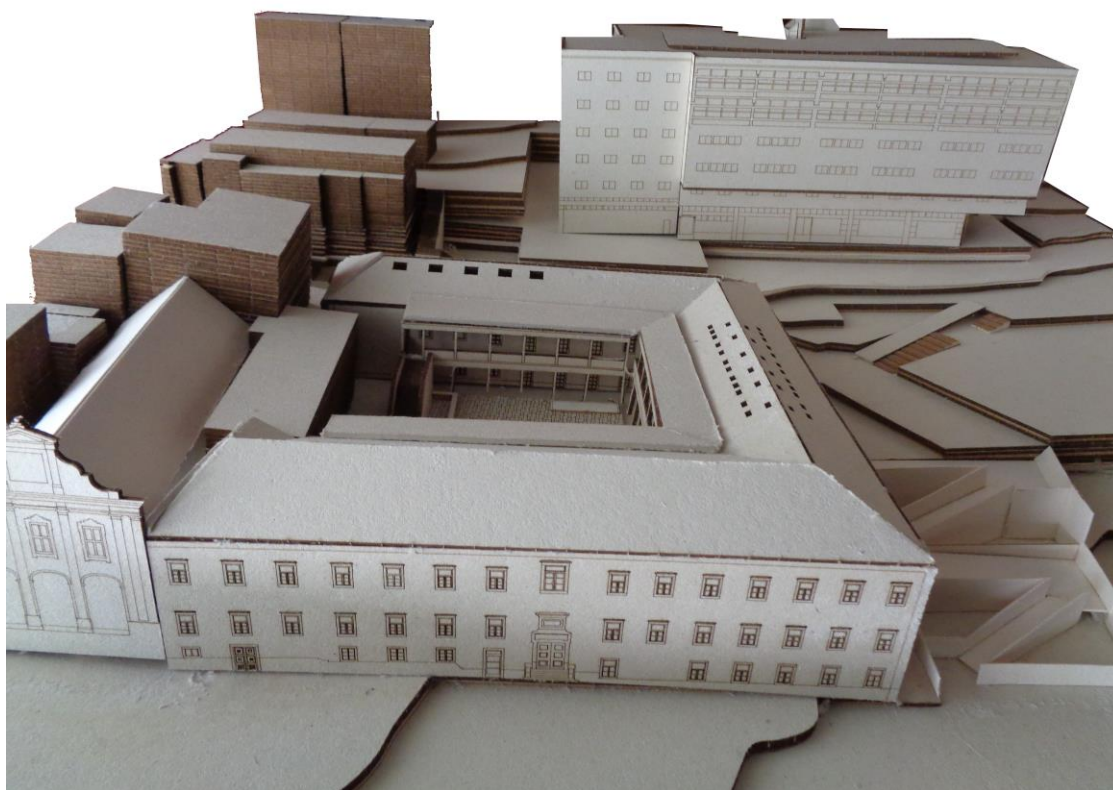


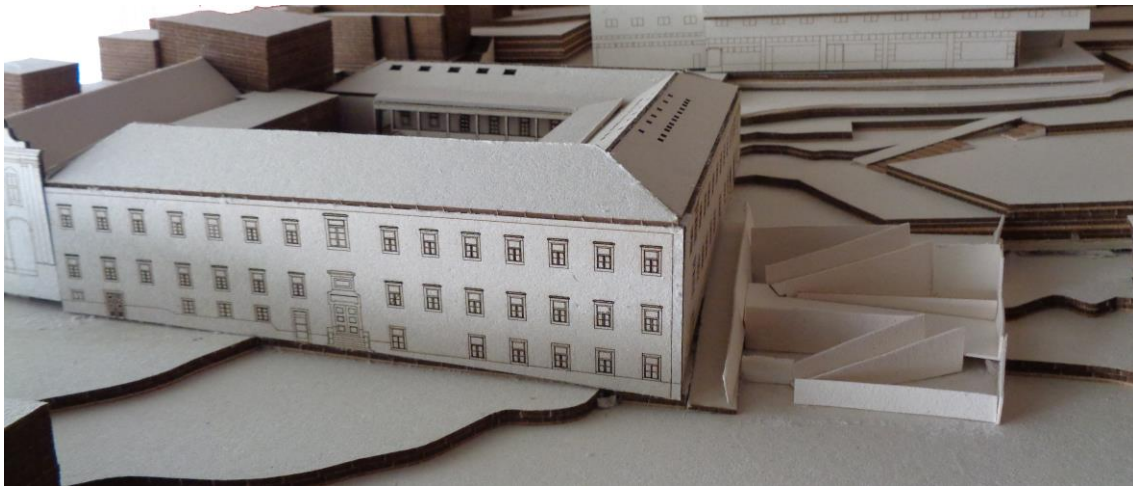
escala
 1:50

data
 OUTUBRO 2019

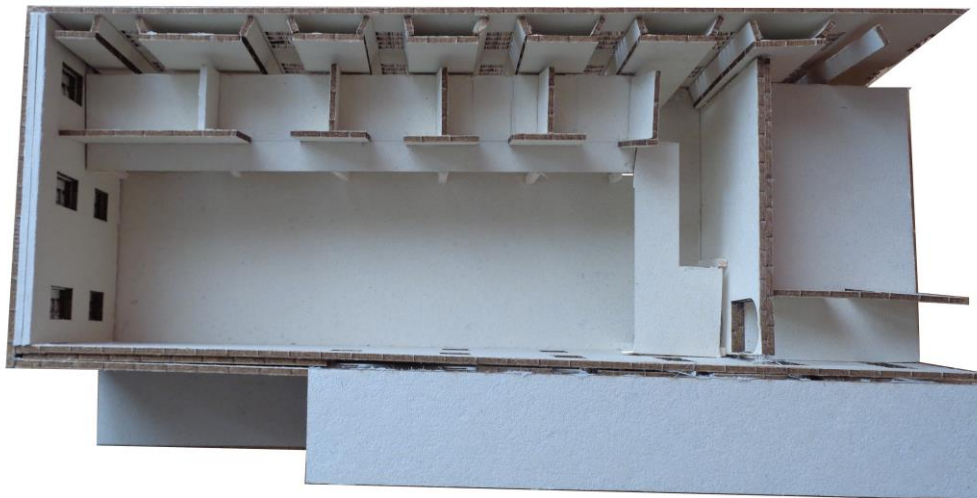
Anexo VII – Maquetes finais

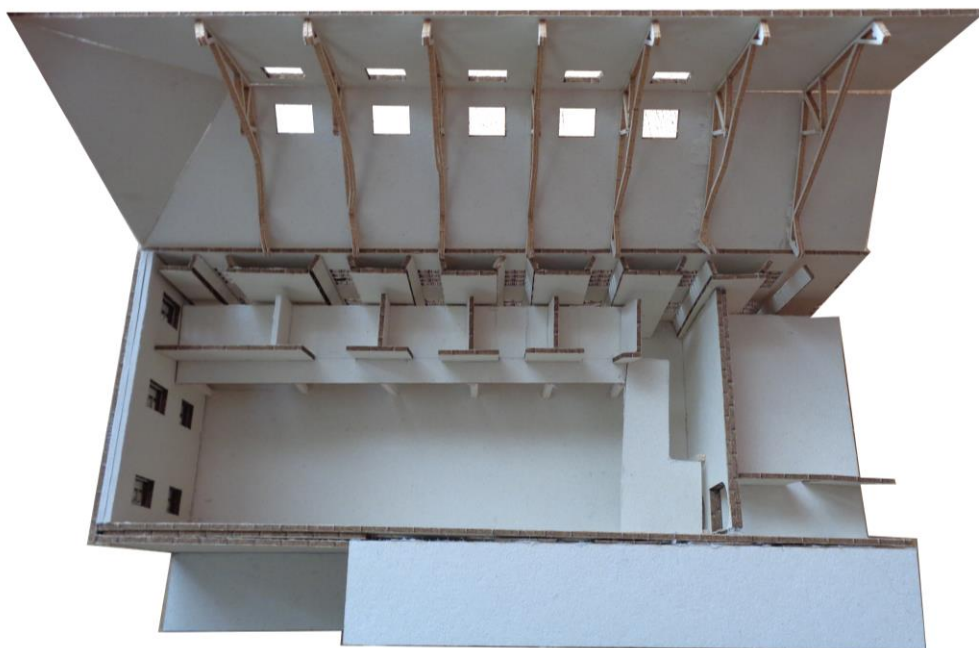
Maquete proposta urbana Escala 1:200



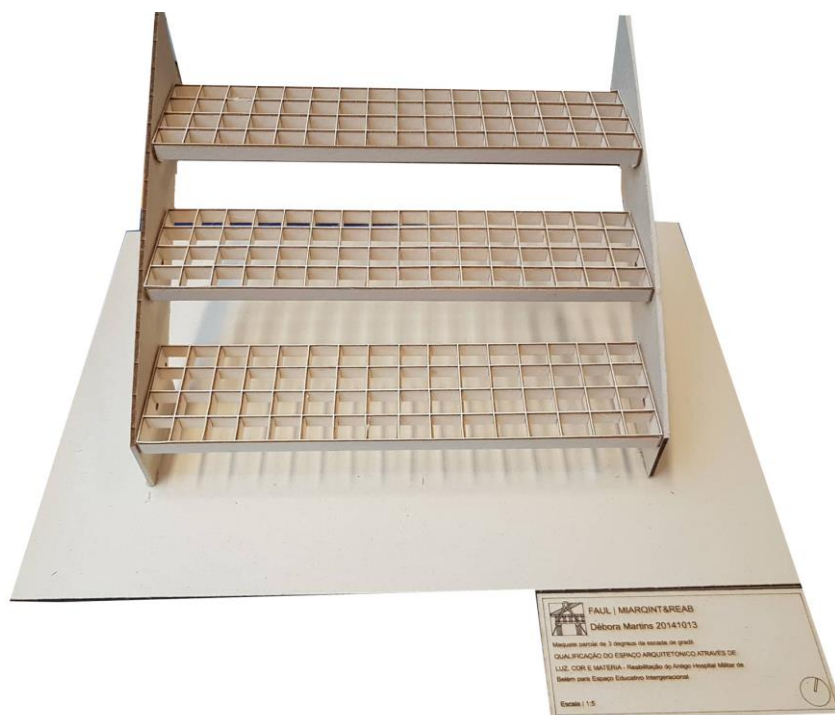


Maquete área oficinas de trabalho Escala 1:100





Maquete parcial de escada de Gradil localizada nas oficinas de trabalho Escala 1:5



Maquete parcial zona de estudo Escala 1:20





Anexo VIII – Painéis Finais

P1_ ANÁLISE URBANA ESCALA 1:1000

P2_ PROPOSTA URBANA, ALÇADO SUL E ALÇADO NASCENTE ESCALA 1:500

P3_ PLANTA DE ALTERAÇÕES E TEORIA DO VALOR ESCALA 1:200

P4_ AXONOMETRIA EXPLODIDA ESCALA 1:200

P5_ PROPOSTA PISO 0, PISO 1 E MODELOS 3D ESCALA 1:100

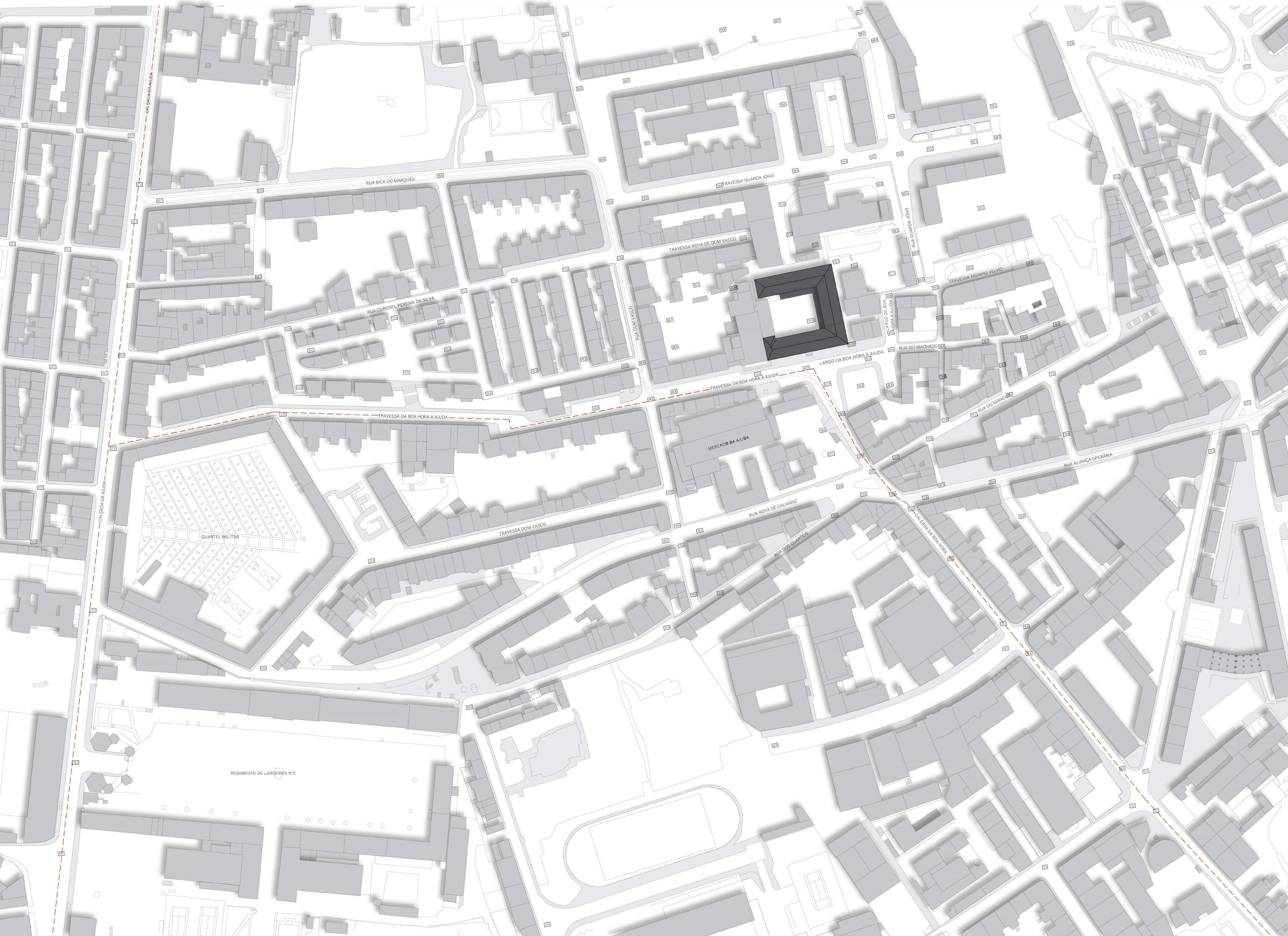
P6_ CORTES EE' E FF' E MODELO 3D DO PÁTIO ESCALA 1:100

P7_ PLANTA PISO 2 E CORTES AA' E BB' 1:100

P8_ PORMENOR ZONA OFICINAS ESCALAS 1:50 E 1:10

P9_ PLANTA PISO 3 E CORTES CC' E BB' ESCALA 1:100

P10_ PORMENOR ZONAS DE TRABALHO/ESTUDO E MODELOS 3D ESCALAS 1:20 E 1/5



1. Vista da Calçada da Ajuda para a Traversa da Boa-Hora à Ajuda

Fonte: Glória Moira



2. Vista do Largo da Boa-Hora à Ajuda para o Alçado sul

Fonte: Autora



3. Vista do Largo da Boa-Hora à Ajuda com acesso para a Traversa do Moinho Velho

Fonte: Autora



4. Vista da Rua do Machado

Fonte: Autora



5. Vista da Traversa do Moinho Velho

Fonte: Autora



6. Vista para a Rua da Guarda-Jóias

Fonte: Autora

ANÁLISE S.W.O.T.

Forças

- + Localização geográfica
- + Proximidade a comércio
- + Proximidade a universidades
- + Proximidade à frente ribeirinha
- + Zona calma de Lisboa
- + Proximidade a instituições comunitárias
- + Dimensão do edificado

Oportunidades

- Reabilitação do edificado
- Reestruturação urbana
- Ligação ao património local
- Relação das universidades com o local
- Relação com a comunidade
- Diversificação de classes sociais
- Diversas faixas etárias

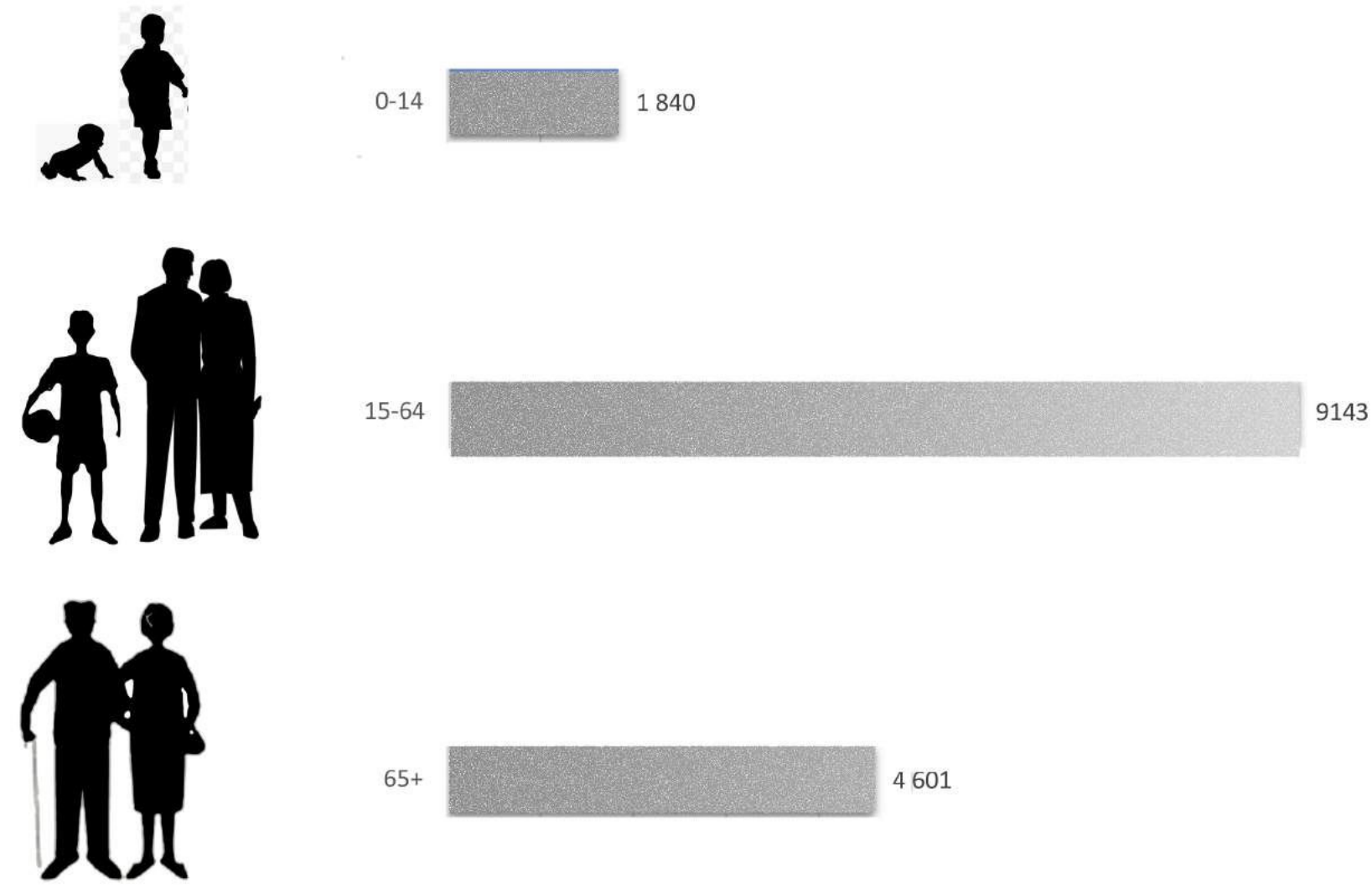
Fraquezas

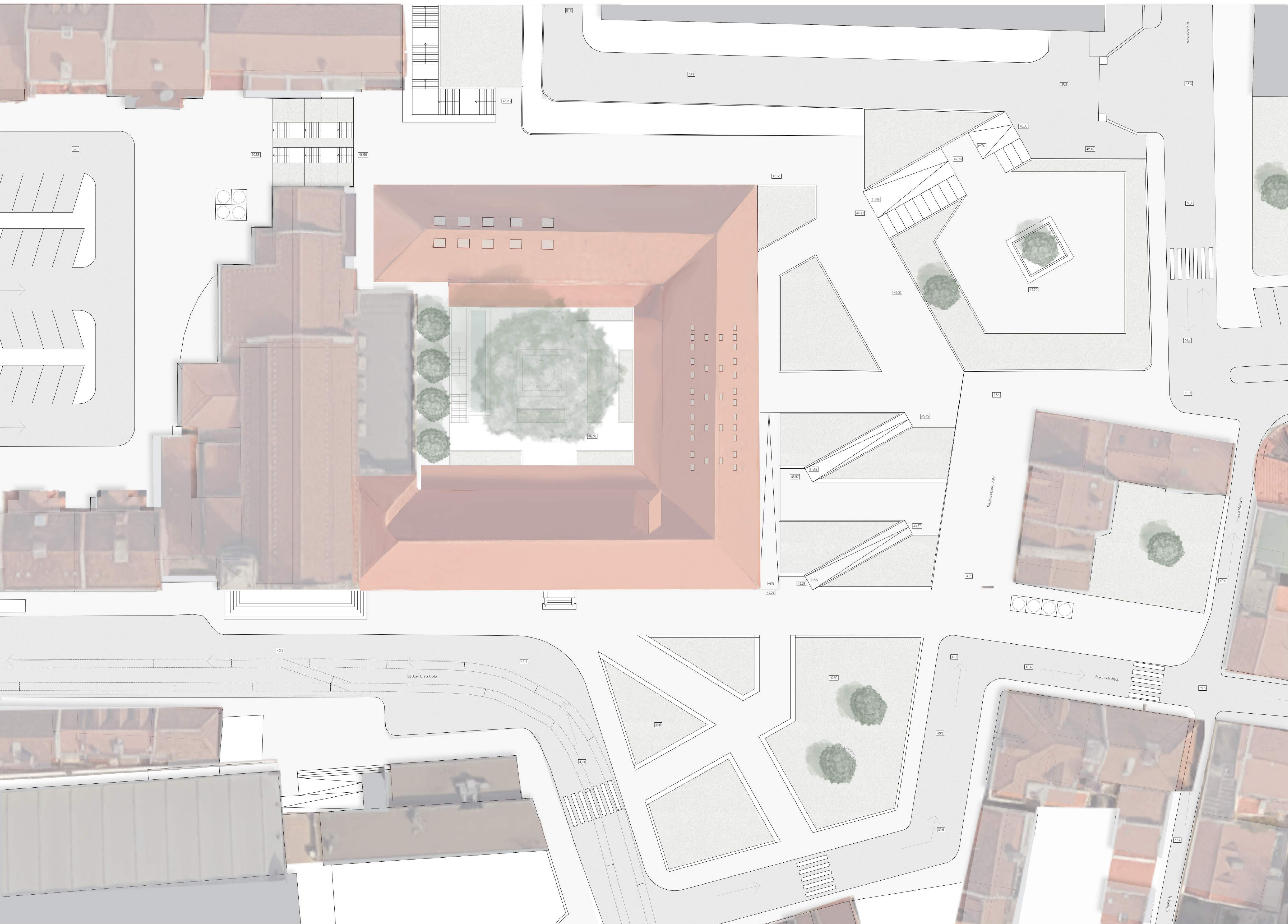
- Pouco Espaço urbano para intervir
- Espaços urbanos existentes mal resolvidos
- Falta de Estacionamento
- Falta de espaços verdes
- Falta de espaços de encontro/ convívio
- Dificuldades de acesso devido ao declive do terreno
- Edificado envolvente velho

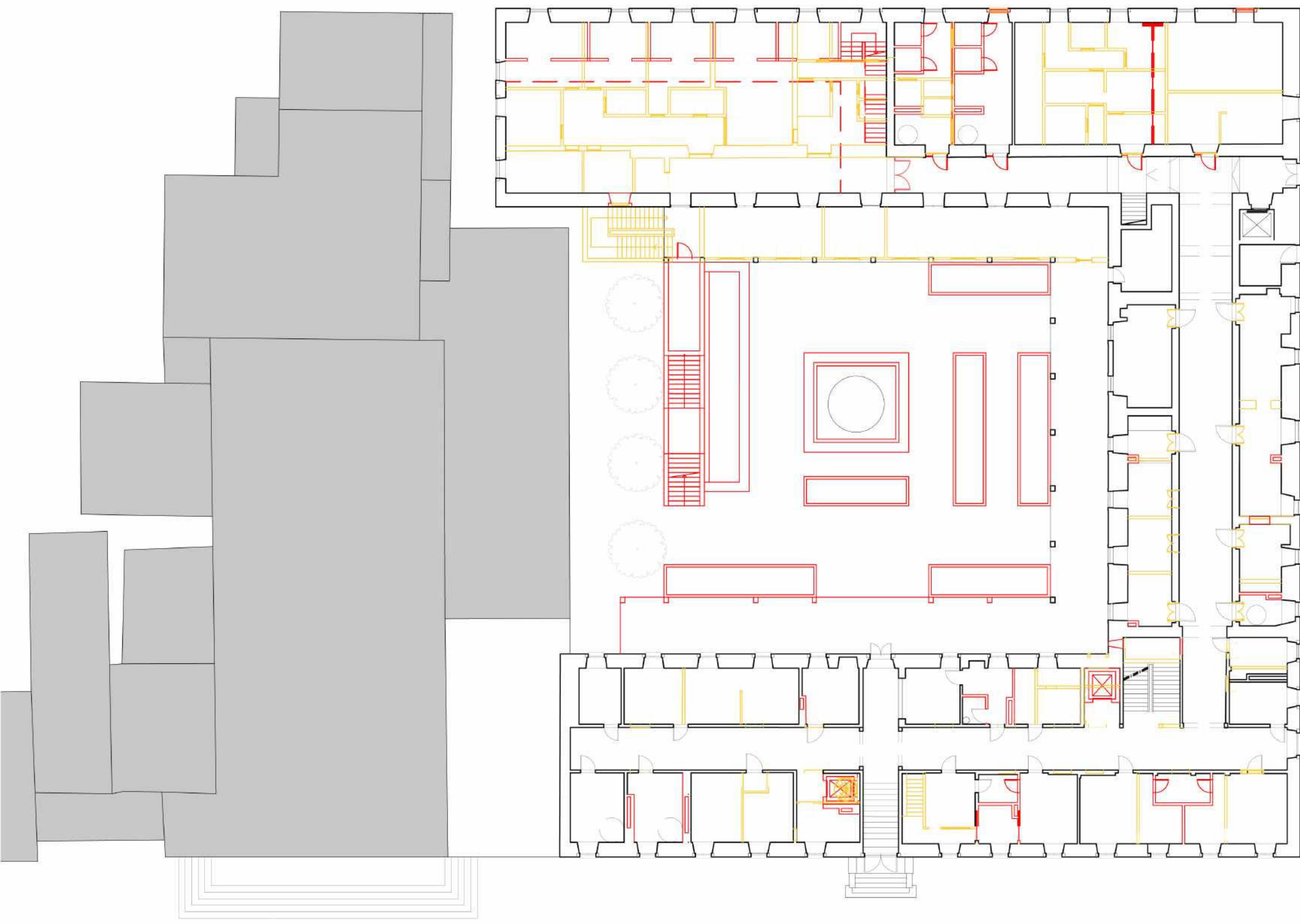
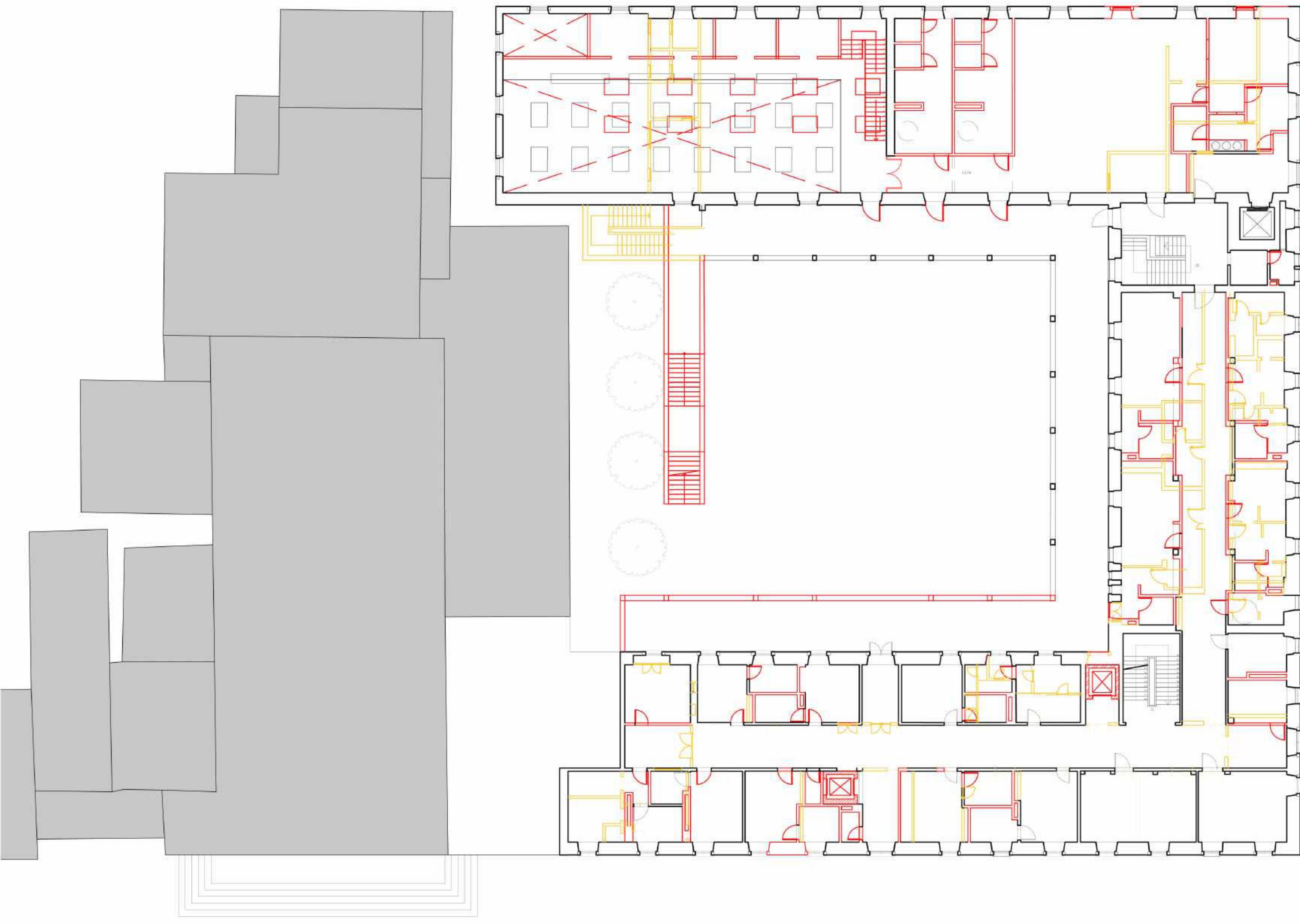
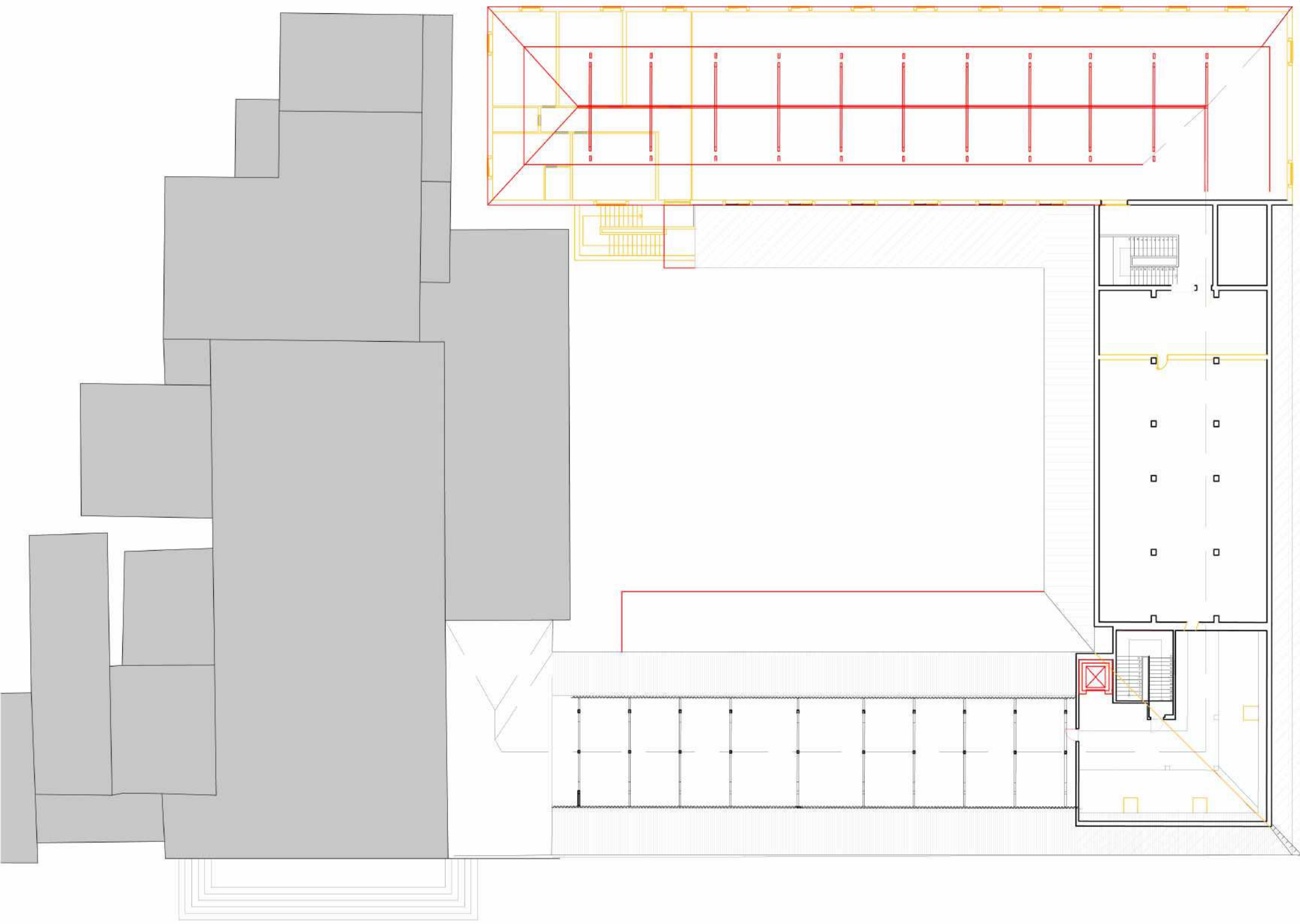
Ameaças

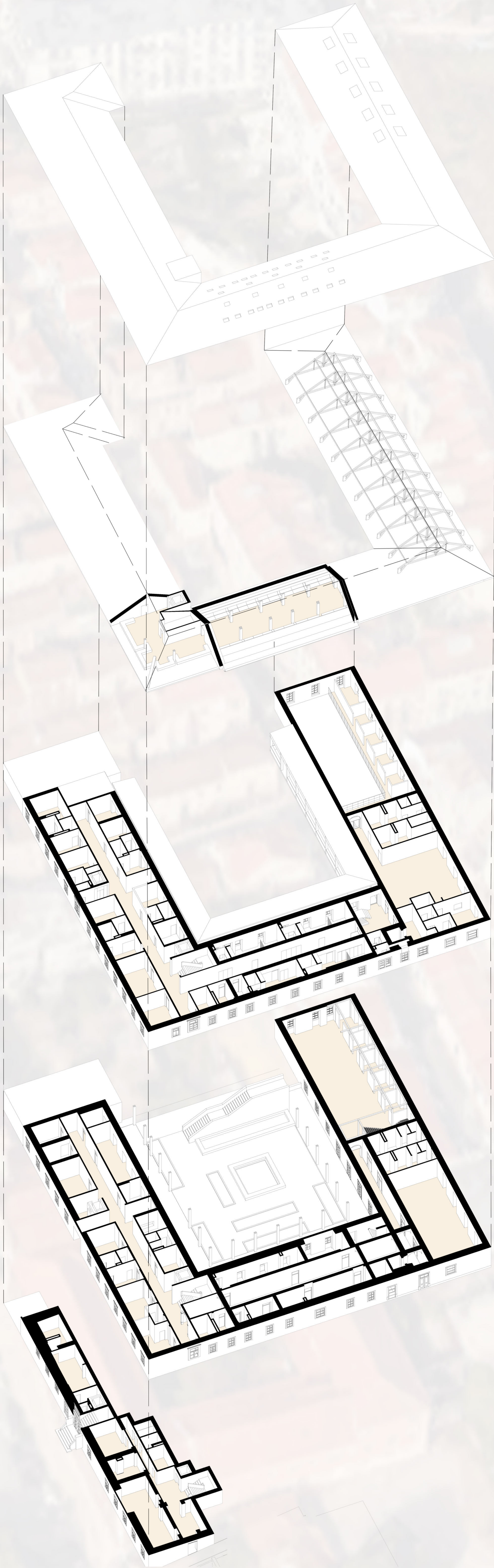
- Especulação imobiliária
- Envelhecimento da população
- Presença de “barracas”

CARACTERIZAÇÃO SOCIAL









PISO 3
ESPAÇO DE CONVÍVIO
ZONA DE ESTUDO/ TRABALHO

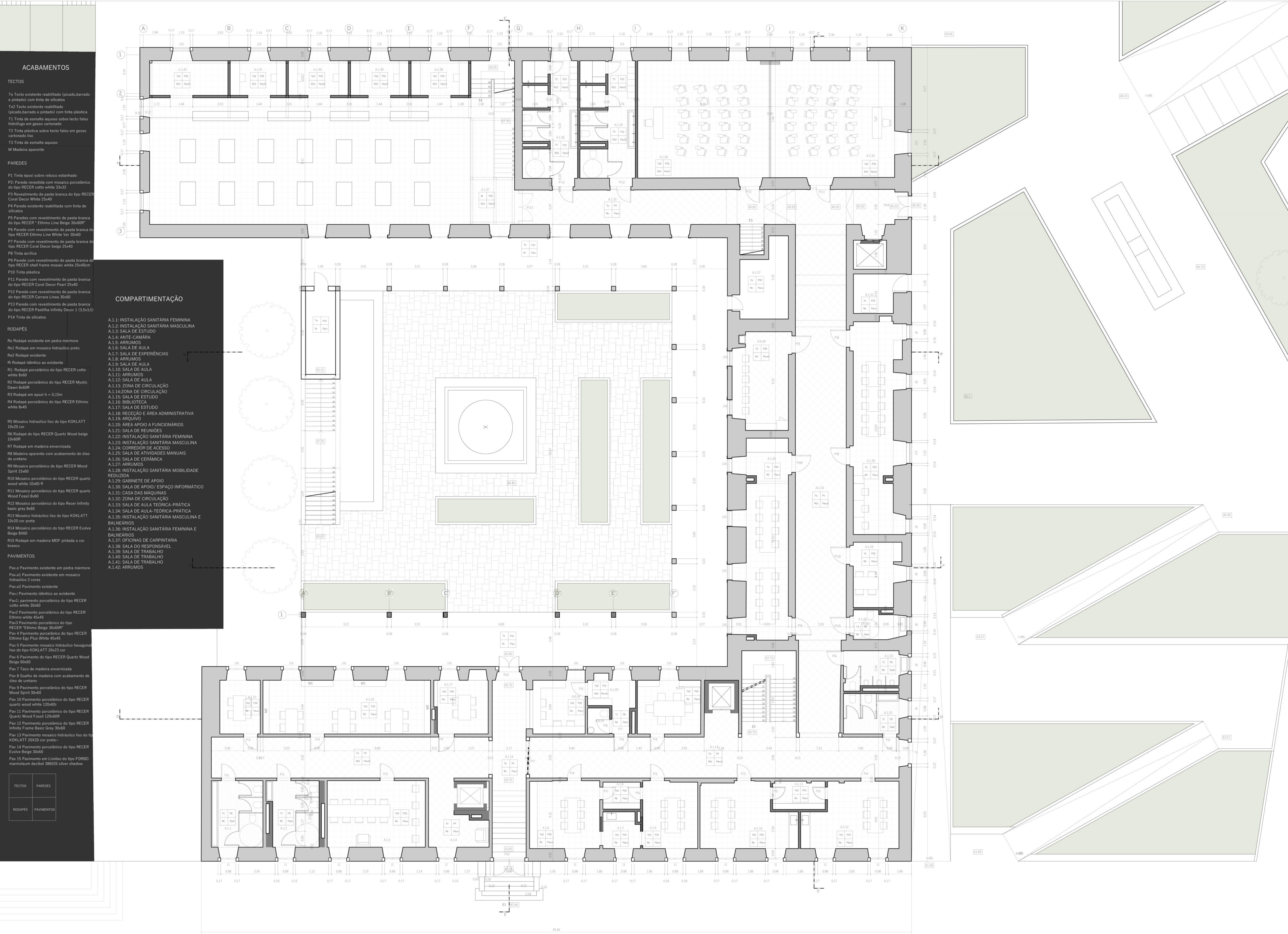
PISO 2
HABITAÇÃO TEMPORÁRIA DE CURTA DURAÇÃO
ESPAÇOS DE APOIO À HABITAÇÃO TEMPORÁRIA
COPA
ESPAÇO DE CONVÍVIO
HABITAÇÃO TEMPORÁRIA DE CURTA-LONGA DURAÇÃO AUTO-SUFICIENTE
REFEITÓRIO
OFICINAS DE CARPINTARIA (GABINETES DE TRABALHO)
I.S. E BALNEÁRIOS

PISO 1
SALAS DE ESTUDO
BIBLIOTECA
ESPAÇO DE CONVÍVIO
SECRETARIA E ZONA ADMINISTRATIVA
SALAS DE AULA TEÓRICO-PRÁTICA
SALAS DE CERÂMICA E VITRAL
SALAS POLIVALENTES
OFICINAS DE CARPINTARIA
I.S. E BALNEÁRIOS

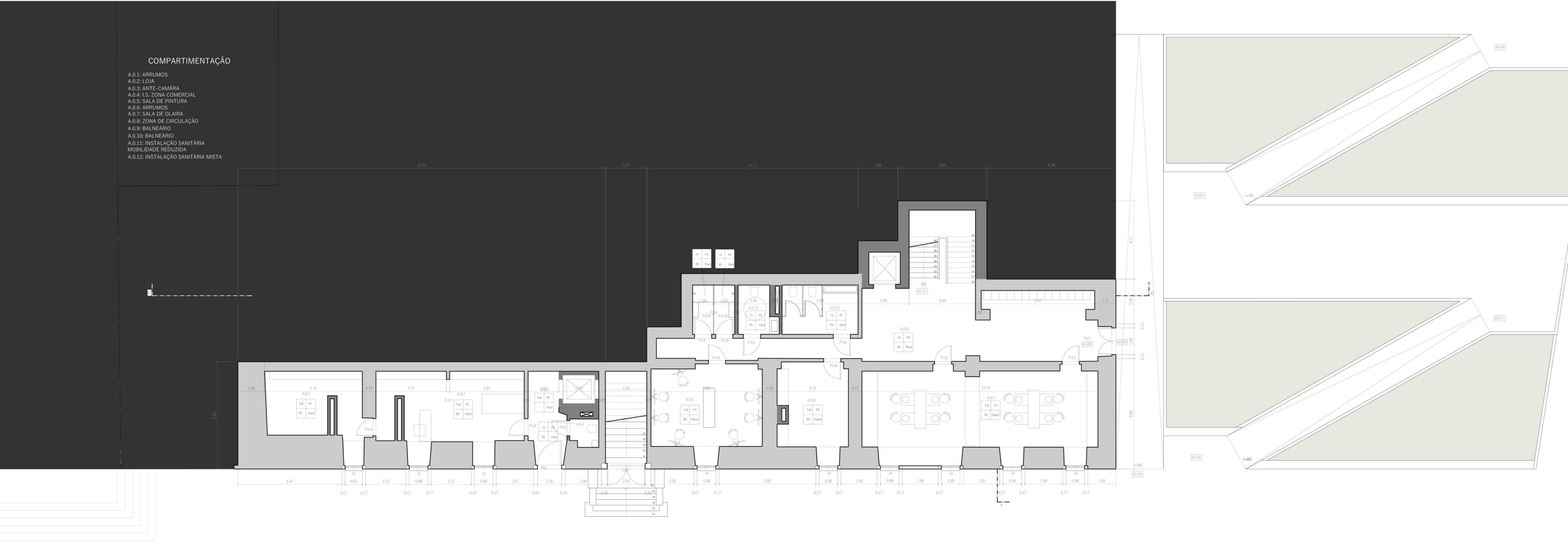
PISO 0
COMÉRCIO
SALA DE PINTURA
SALA DE OLARIA

QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA
Reabilitação do Antigo Hospital Militar de Belém para Espaço Educativo Intergeracional

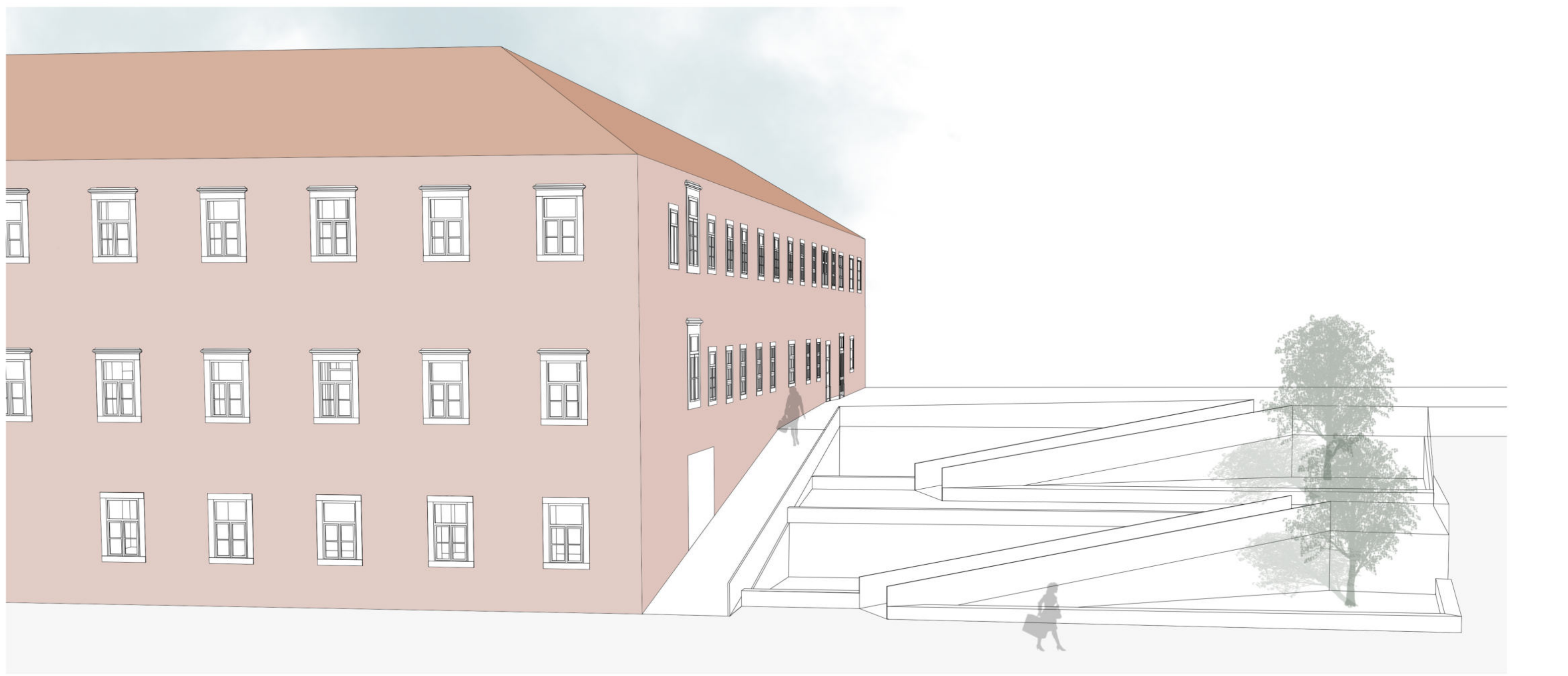
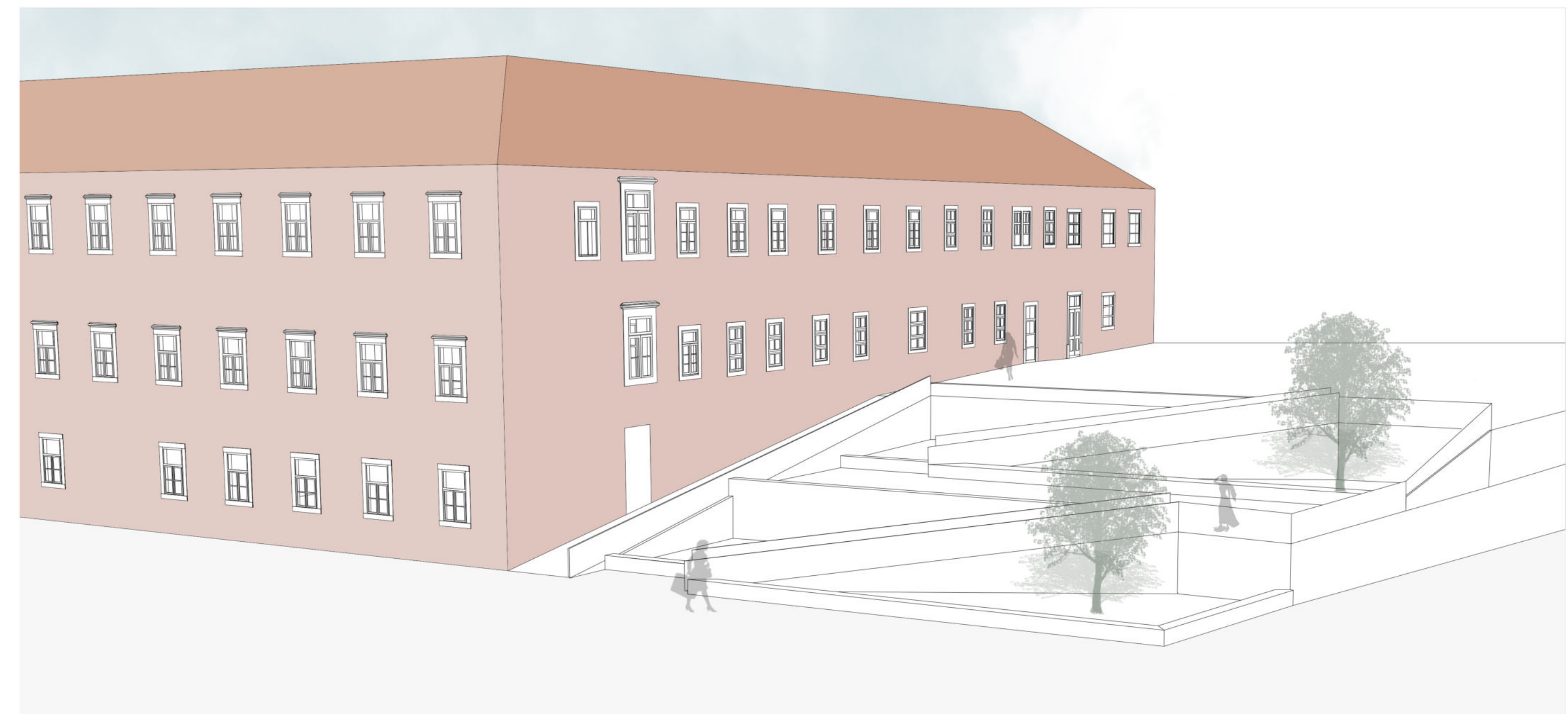
Largo da Boa-Hora à Ajuda, 1300-100

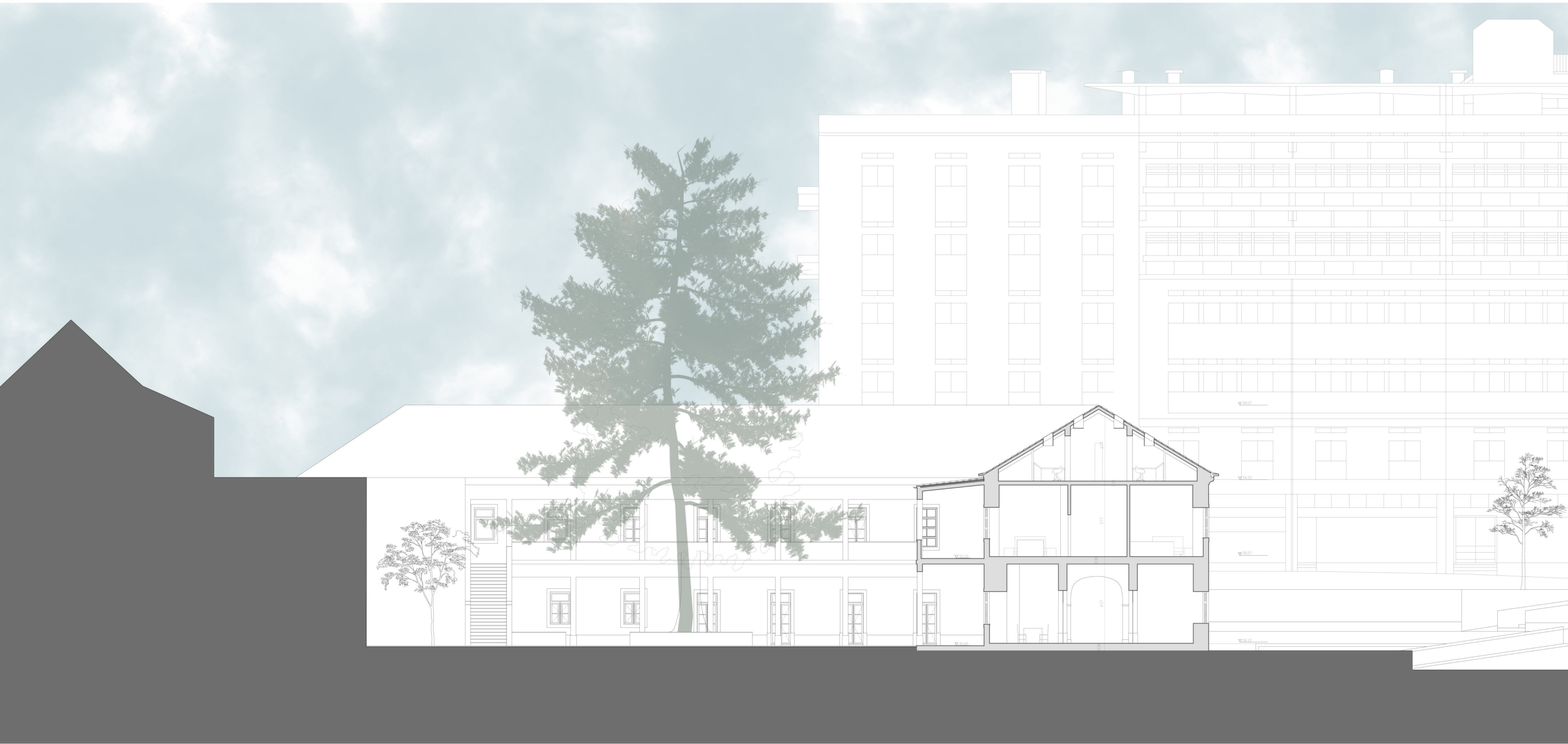


PLANTA PISO 1
 ESCALA 1/100



PLANTA PISO 0
 ESCALA 1/100

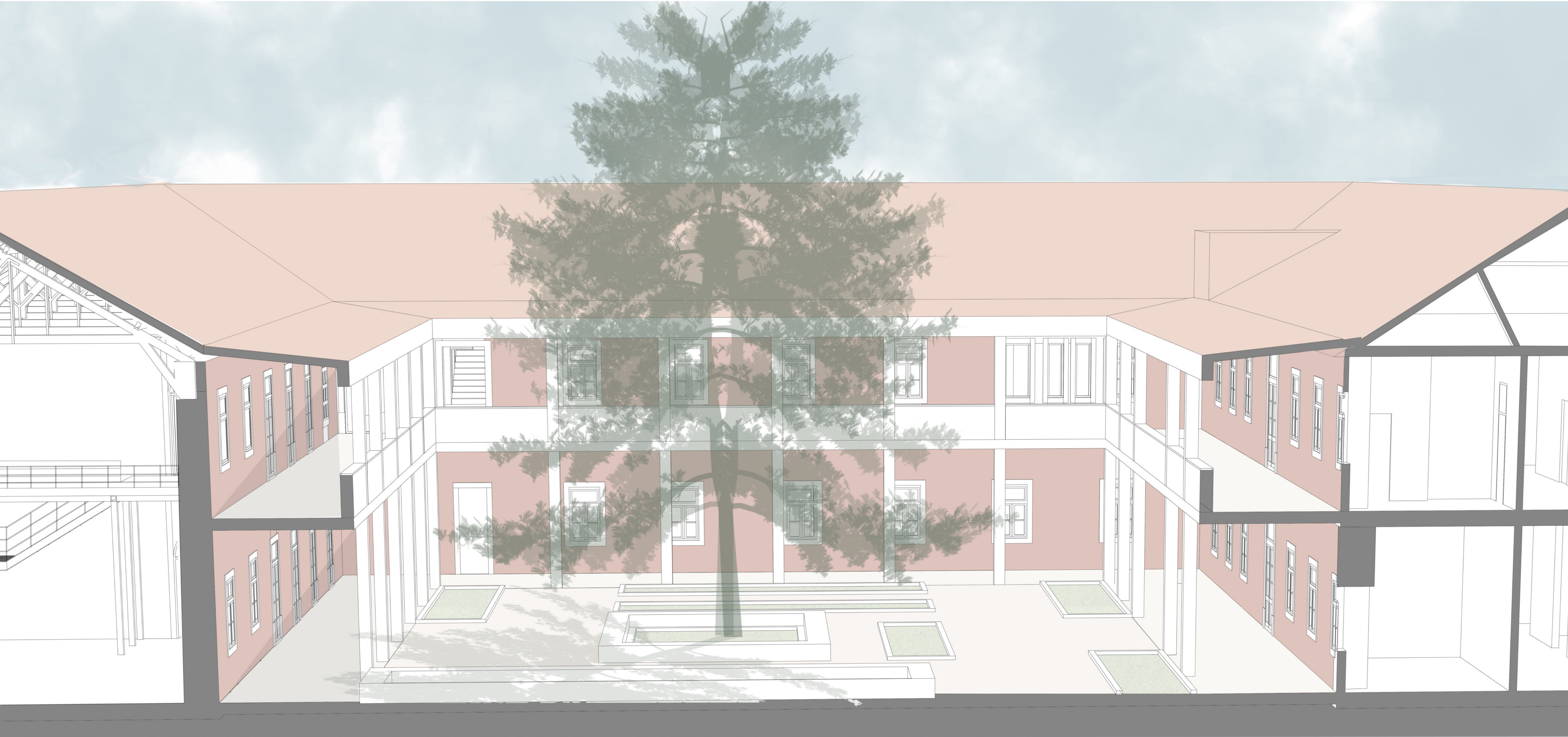


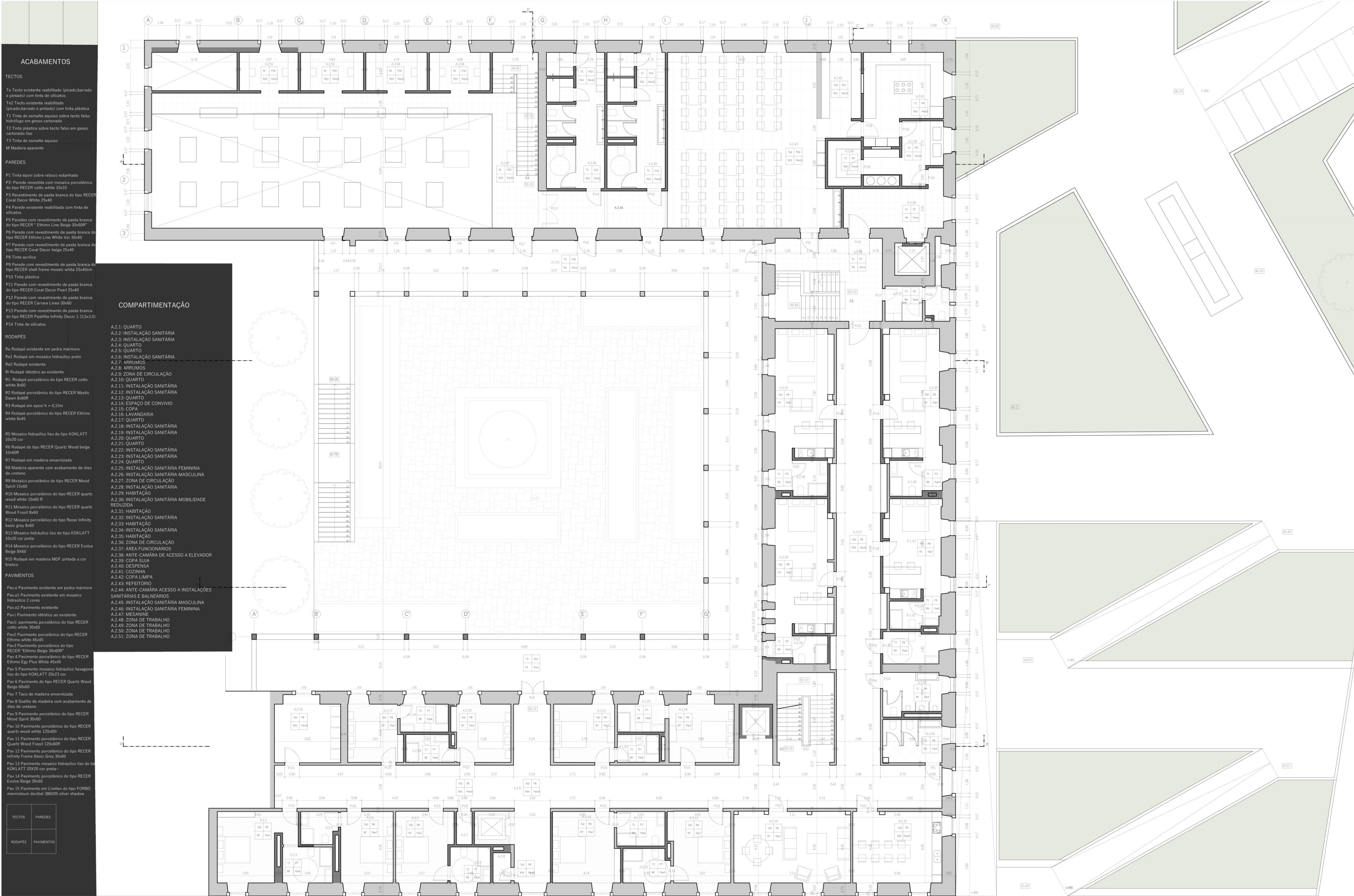


CORTE F-F
ESCALA 1/100



CORTE E-E
ESCALA 1/100

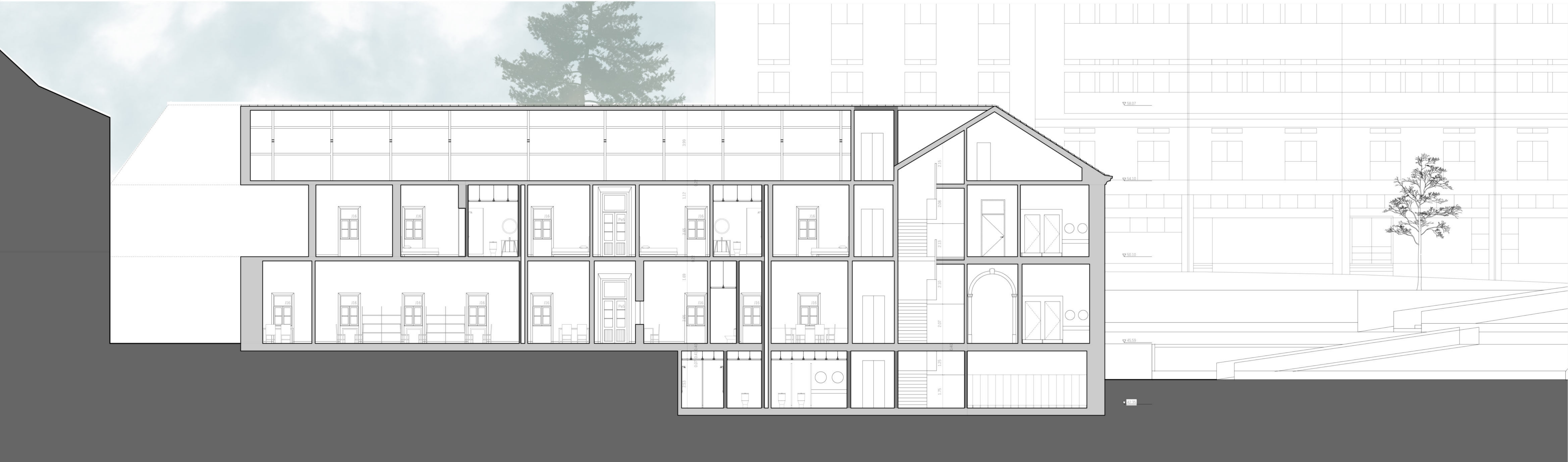




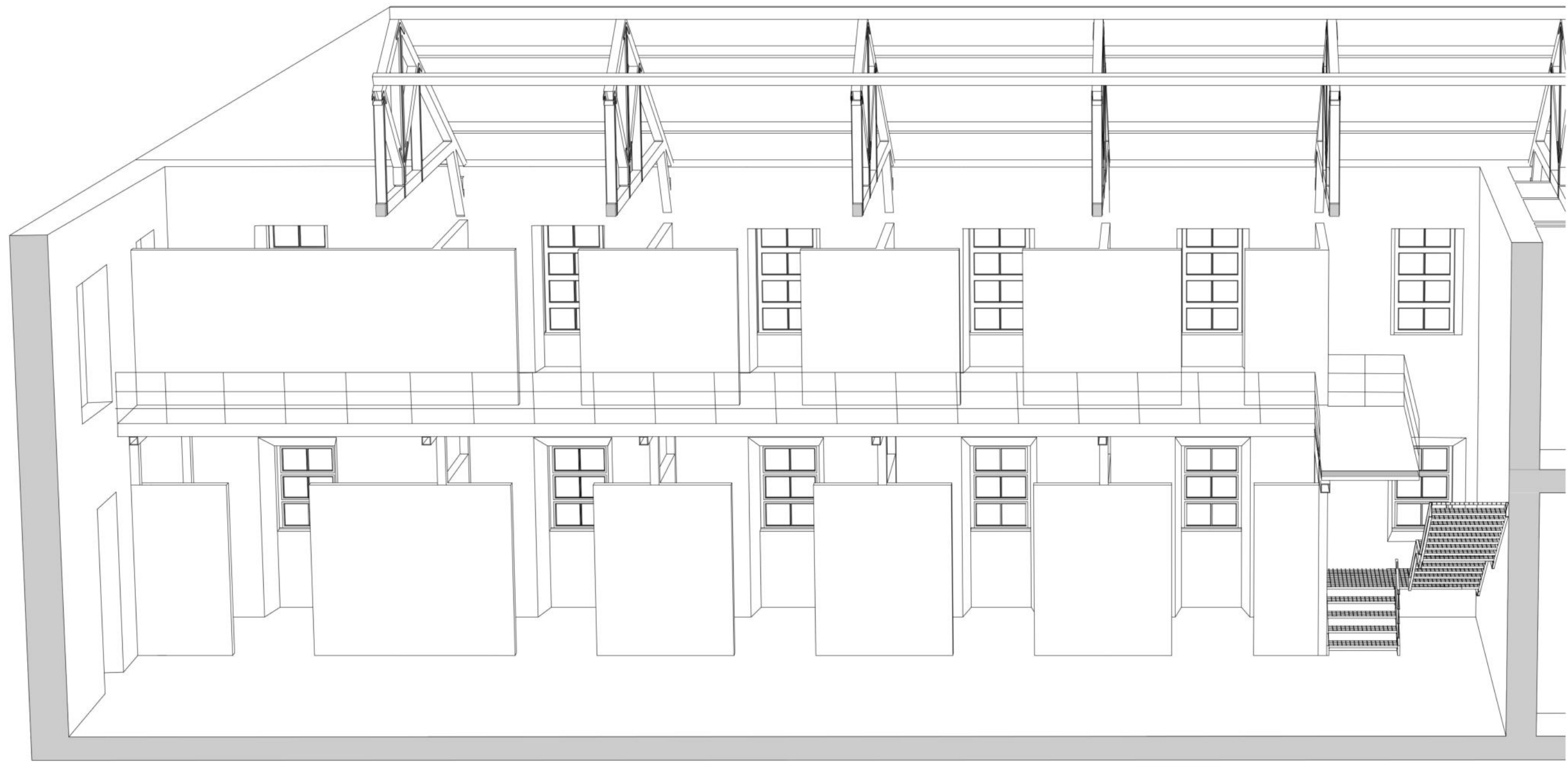
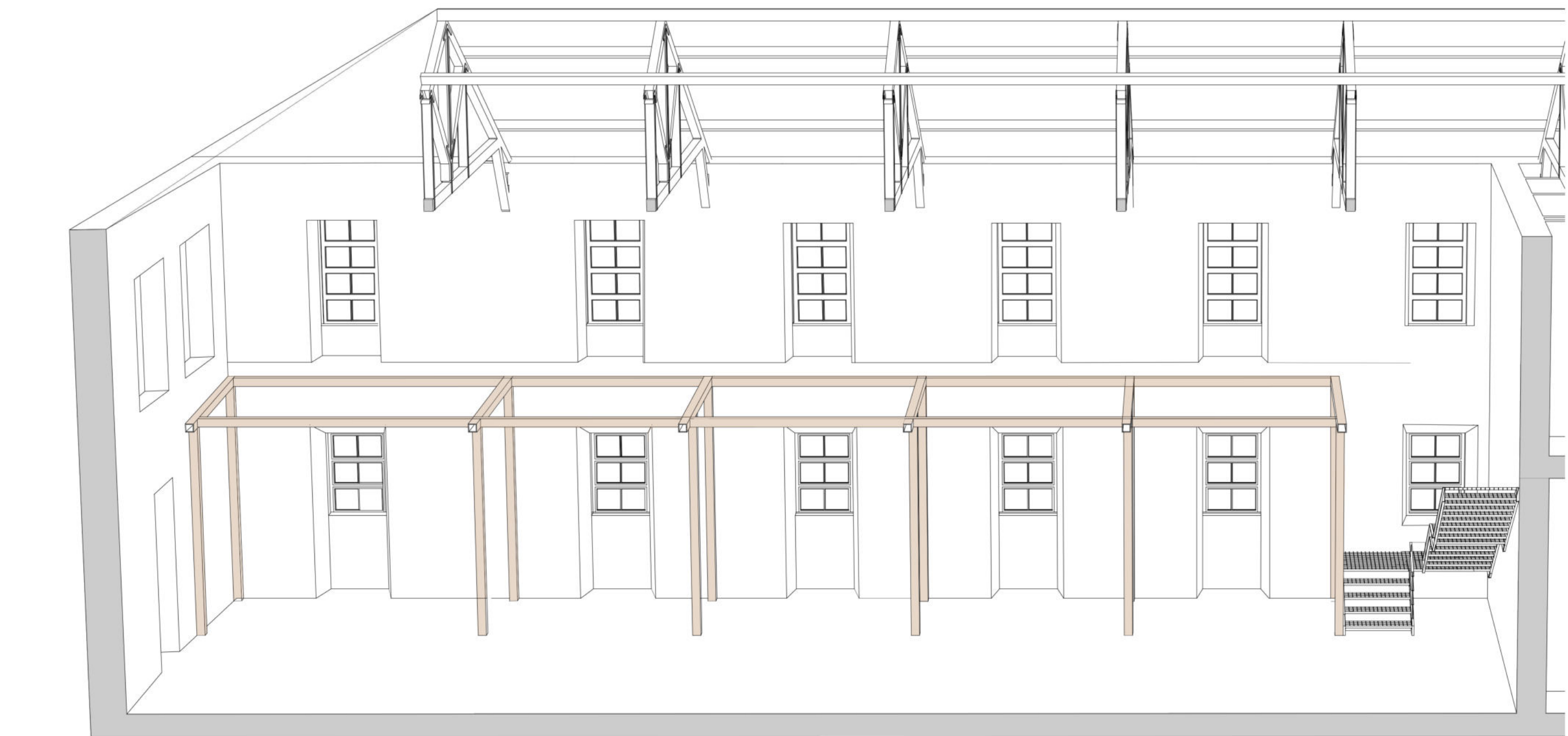
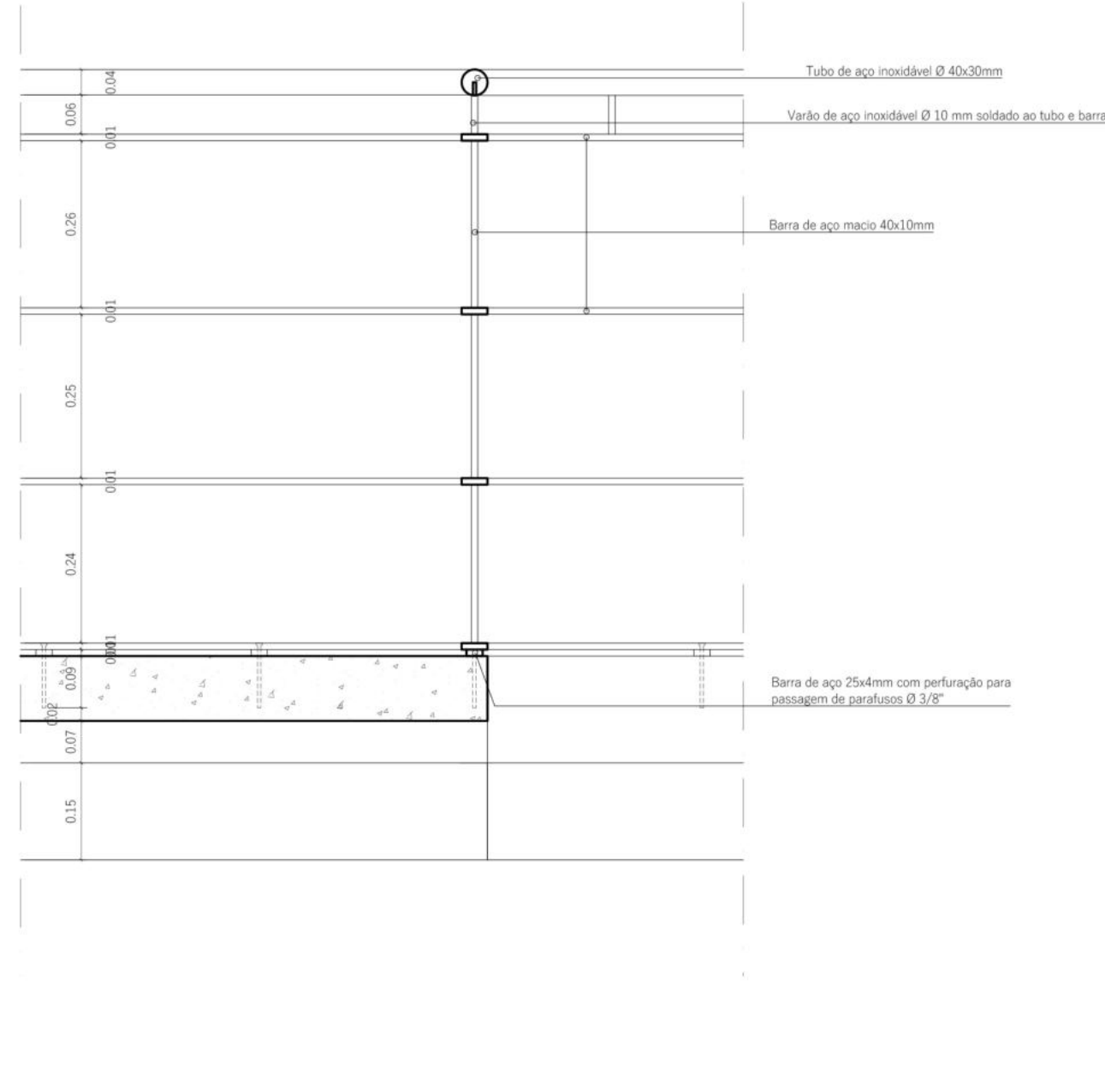
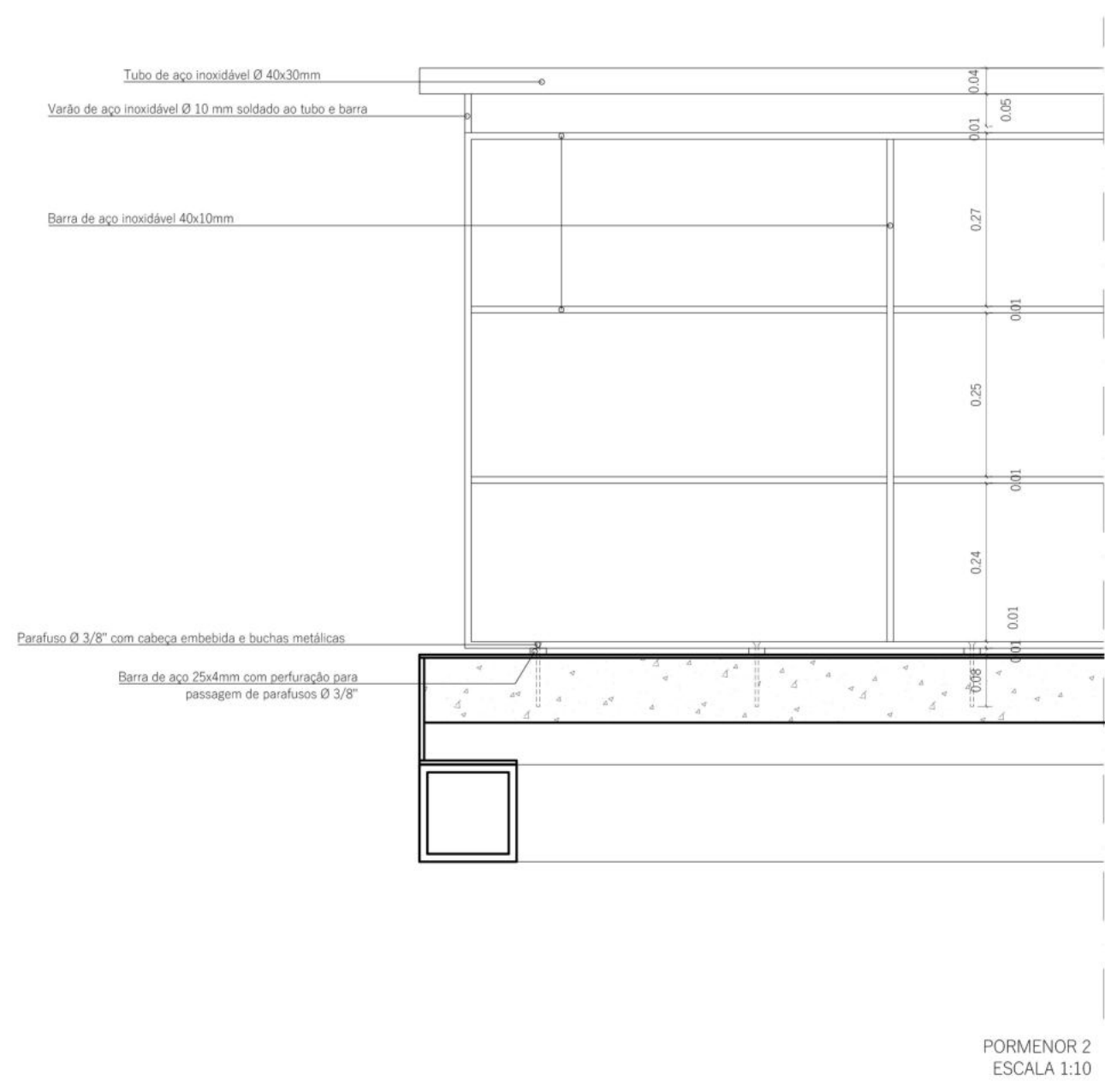
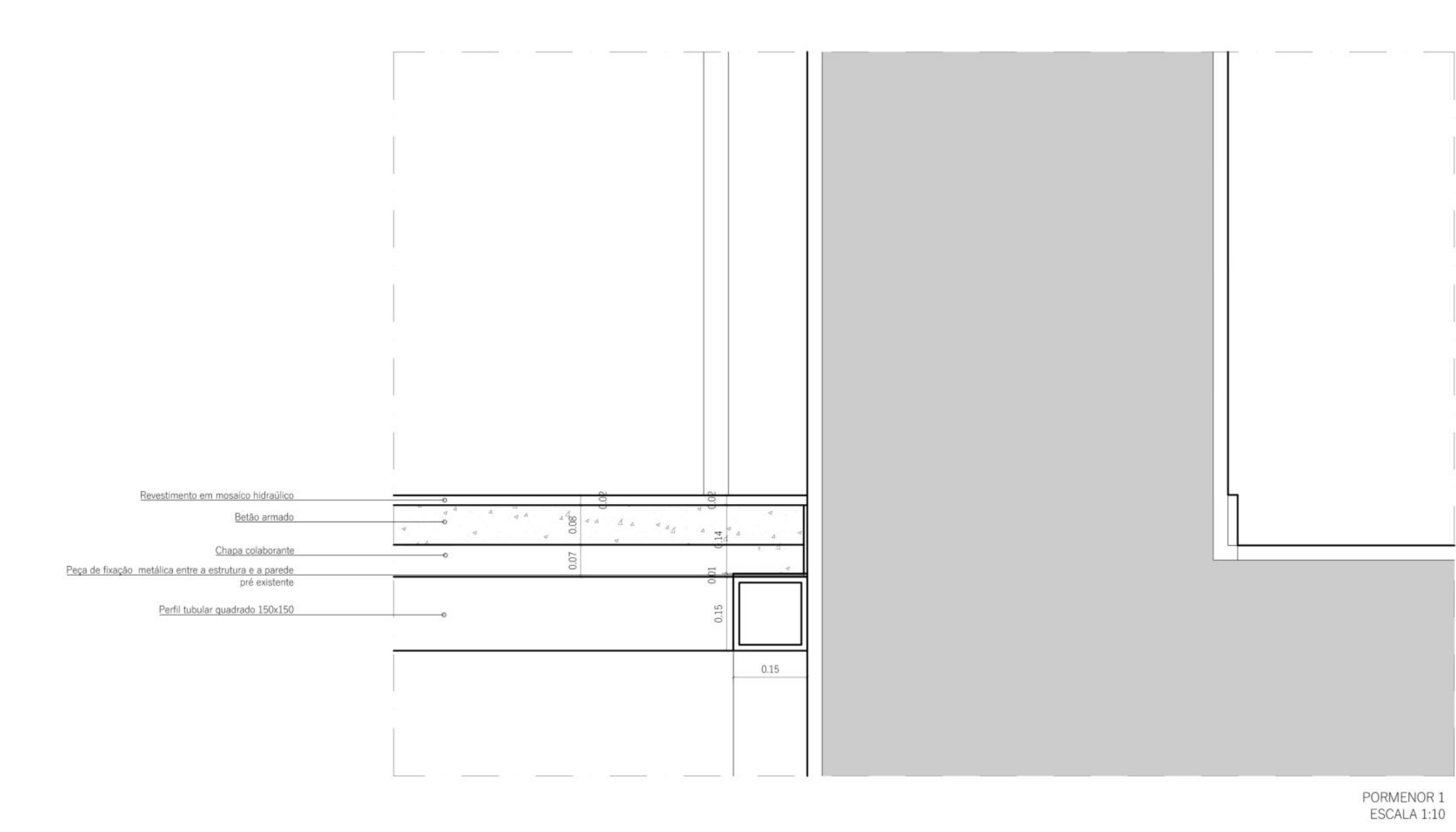
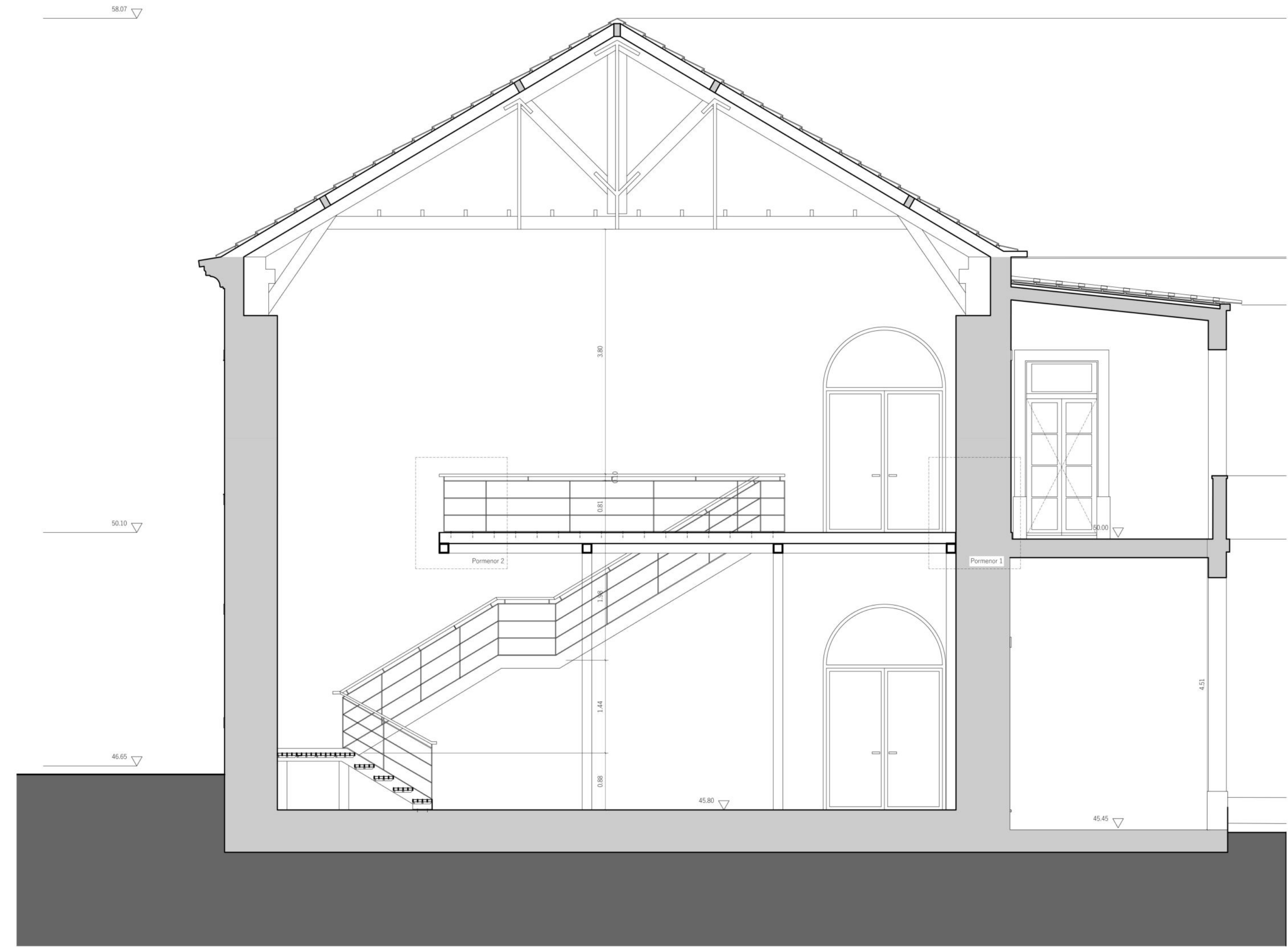
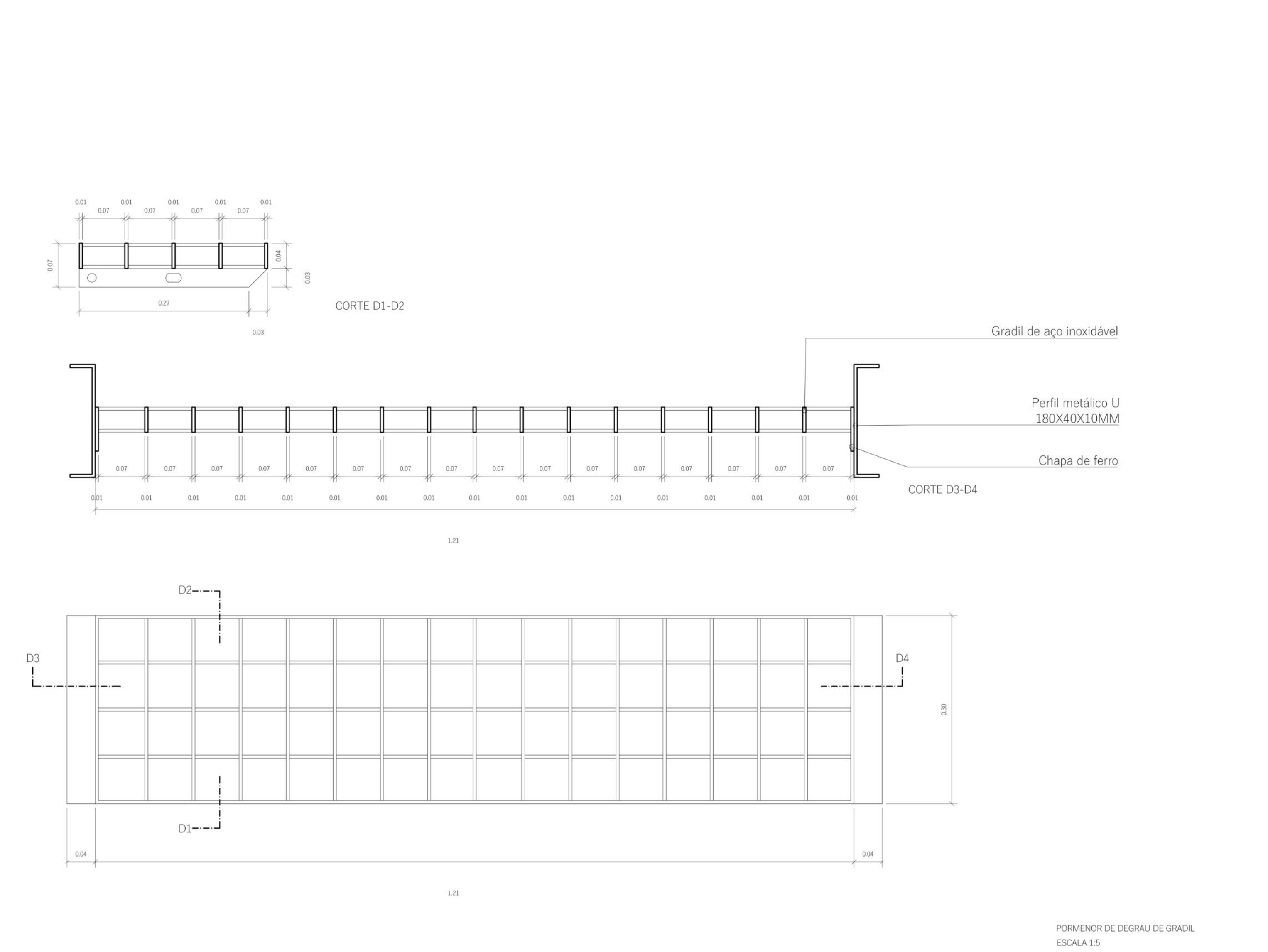
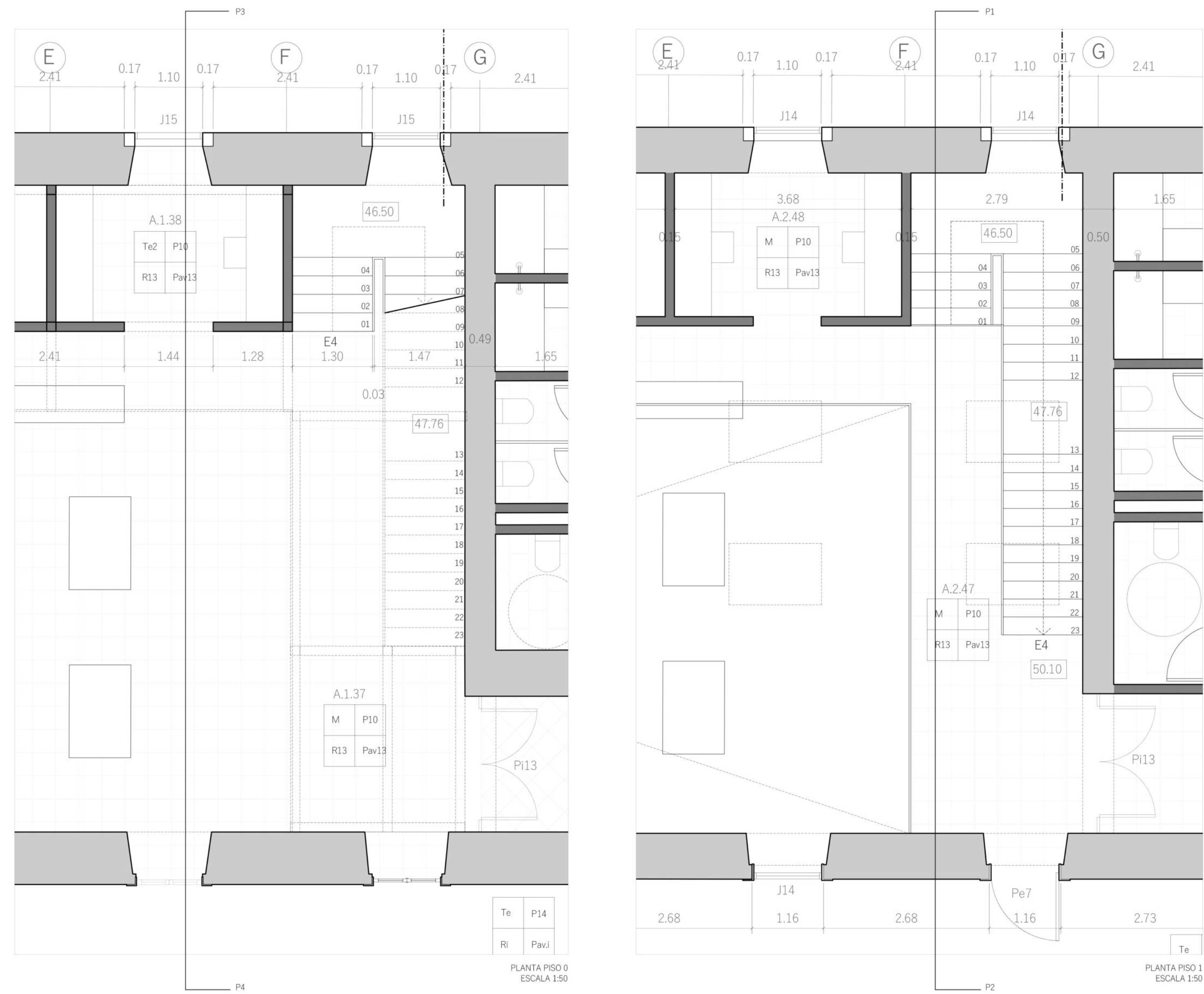
PLANTA PISO 2



CORTE A-A



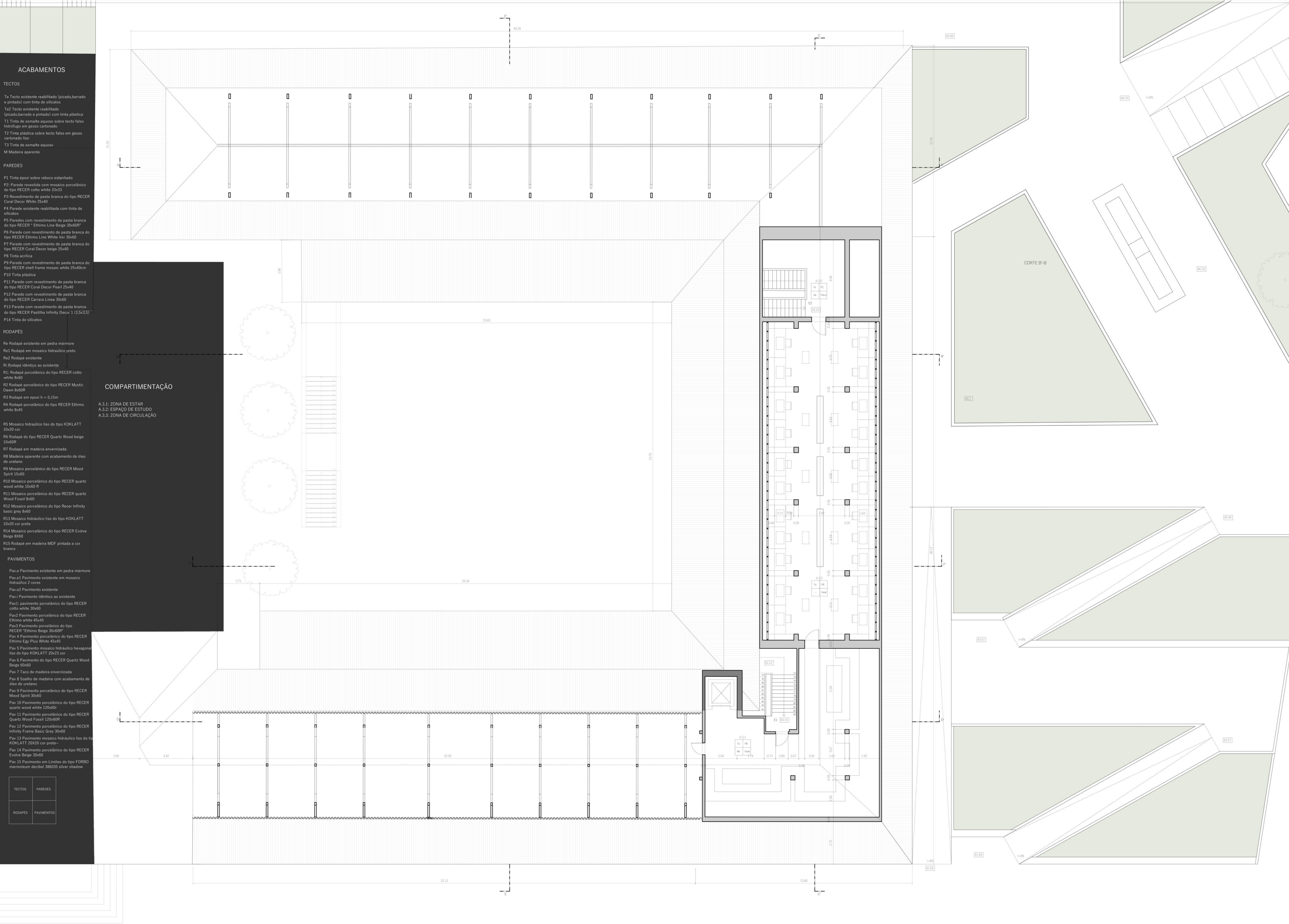
CORTE D-D



QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO ATRAVÉS DE LUZ, COR E MATÉRIA

Reabilitação do Antigo Hospital Militar de Belém para Espaço Educativo Intergeracional

Largo da Boa-Hora à Ajuda, 1300-100



PLANTA PISO 3



CORTE C-C



CORTE B-B

